



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM JORNALISMO

Ediane Teles de Mattos

**A TRAJETÓRIA DAS PROFISSIONAIS MULHERES NO RADIOJORNALISMO
ESPORTIVO EM SANTA CATARINA**

Florianópolis/SC

2019

Ediane Teles de Mattos

**A TRAJETÓRIA DAS PROFISSIONAIS MULHERES NO RADIOJORNALISMO
ESPORTIVO EM SANTA CATARINA**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do título de Mestre em Jornalismo.

Orientadora: Profa. Valci Regina Mousquer Zuculoto,
Dra.

Florianópolis/SC
2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Mattos, Ediane Teles de

A trajetória das profissionais mulheres no
radiojornalismo esportivo em Santa Catarina / Ediane Teles
de Mattos ; orientadora, Valci Regina Mousquer Zuculoto,
2019.

149 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós
Graduação em Jornalismo, Florianópolis, 2019.

Inclui referências.

1. Jornalismo. 2. Radiojornalismo. 3. Jornalismo
Esportivo. 4. Jornalista Mulher. 5. Radiojornalismo
Catarinense. I. Zuculoto, Valci Regina Mousquer. II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós
Graduação em Jornalismo. III. Título.

Ediane Teles de Mattos

**A TRAJETÓRIA DAS PROFISSIONAIS MULHERES NO RADIOJORNALISMO ESPORTIVO EM
SANTA CATARINA**

O presente trabalho em nível de mestrado foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof.^a Sandra Fátima de Deus, Dra
Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

Prof.^a Cárilda Emerim, Dra
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

Prof. Eduardo Meditsch, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de mestra em Jornalismo.

Prof.^a Rita de Cássia Romeiro Paulino, Dra.
Subcoordenadora do Programa

Prof.^a Valci Zuculoto, Dra
Orientadora

Florianópolis/SC, 16 de agosto de 2019.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por toda proteção recebida, e ao meu anjo Caliel, que em momento algum me desampara.

À minha querida mãe (in memoriam) que estará orgulhosa de me ver seguindo na realização dos sonhos.

À minha orientadora, Querida Valci Zuculoto, por todas os ensinamentos, conselhos, incentivos, sempre de forma carinhosa de me orientar e puxar a orelha. Gratidão pela sua disponibilidade, mesmo em período de férias. As lições aprendidas guardarei para sempre e estarás eternamente em minhas orações.

Aos membros da banca agradeço de coração. Fico feliz em poder contar com os acréscimos neste singelo trabalho.

À Sandra de Deus, por aceitar prontamente meu convite.

À professora Cárilda, sempre com as melhores frases para acalmar e os abraços mais cheirosos que já encontrei.

Ao professor Eduardo Meditsch por toda a contribuição na minha vida acadêmica.

À professora Leslie Sedrez Chaves, por me ensinar valores que levarei para a vida.

À professora Flávia Guidotti, sempre tão gentil..

Ao professor Luciano Klöckner, pela solicitude e contribuição.

À minha família, que sempre acreditou no meu potencial, mesmo quando eu duvidava.

Ao Lucas dos Santos, meu companheiro, do latim "*cum panis*"; aquele com quem dividimos o pão. Gratidão por todos os momentos, anjo.

À professora, amiga e eterna chefe, Maria José Baldessar, por me inspirar e ajudar inúmeras vezes. Em todos os momentos que precisei sempre esteve disposta a me socorrer.

Ao meu time, formado por amigos e amigas, que colaboraram para a conclusão deste trabalho.

Espero não ser injusta e esquecer de alguém, mas muito obrigada: Juliana Gobbi, Ingrid Assis, Dona Geni Benta, Maria Julia, Cíntia Kaufmann, Beatriz Clasen, Guilherme Longo, Karina Farias, Hendrick, Willi Braz, Janine Koneski de Abreu, Cristiane Fontinha e outros que, possivelmente, deixo passar. Agradeço imensamente por todos os pedidos de ajuda atendidos, os cafés na cozinha do curso, as risadas, o incentivo, mensagens de apoio, indicações de leituras.

Ao meu querido GIRAFÁ - Grupo de Investigação em Rádio, Fonografia e Áudio.

À família PPGJOR, pela aceitação e oportunidade de contribuir com o mundo científico.

Agradeço também pelo financiamento recebido, via Capes, que possibilitou um caminho menos árduo na vida de pós-graduanda.

RESUMO

Esta pesquisa registra historicamente e analisa a trajetória profissional das mulheres no radiojornalismo esportivo de Santa Catarina, desde a fase pioneira do rádio no estado até a atualidade. Ao se percorrer a história do rádio esportivo no Brasil, verifica-se a hegemonia masculina, sobretudo nas funções que vão aos microfones. Porém, mesmo pouco visíveis sob esta predominância dos homens, radiojornalistas e radialistas mulheres têm participado da constituição deste gênero radiofônico, com presença mais marcante na contemporaneidade. Pretende-se contribuir para o (re)conhecimento e preservação da história do jornalismo catarinense bem como com as práticas deste segmento do rádio. Trata-se de investigação histórica, empírica e exploratória. Está ancorada em subsídios teóricos e metodológicos da história, da história da comunicação e jornalismo e, mais especificamente, do radiojornalismo, recorrendo, nas estratégias, sobretudo à análise documental. Ao todo, foram registradas 27 profissionais mulheres com participação no radiojornalismo esportivo catarinense. Uma das principais compreensões resultantes da pesquisa é que a inserção dessas profissionais neste segmento radiofônico, de forma significativa e com maior visibilidade, aconteceu tardiamente, apenas nas últimas duas décadas. Essas profissionais vêm assumindo funções de repórter, plantonistas, gestoras de mídias sociais, mas somente em 2018 tiveram experiências como narradoras e comentaristas. Narração e comentário, ainda hoje, são práticas fortemente restrita aos homens.

Palavras-chave: Radiojornalismo; Jornalismo Esportivo; Jornalista Mulher; Radiojornalismo catarinense; História.

ABSTRACT

This research aims to analyze and historically register the professional path of women in the sports radio journalism in the state of Santa Catarina, Brazil, since the pioneering stage of the radio until now. As going through the history of the sports radio in Brazil, it is possible to verify the male hegemony in this area, especially in the functions that 'hold the microphones'. However, even barely visible under this male hegemony, women that are radio journalists and radio hosts have been participating in the constitution of this radio genre, with greater presence these days. This work also aims to contribute to the acknowledgement, recognition and preservation of the history, of the history of communication and journalism, and more specifically of the history of radio journalism, using the document analysis as its main strategy. 27 female radio professionals that work (or worked) in the sports radio journalism in the state of Santa Catarina have been identified. One of the main insights resulting from the research is that the inclusion of these professionals in this radio segment, in a significant and more visible way, happened late, only in the last two decades. These professionals have been assuming functions as reporter, reporter on duty or social media manager, but only in 2018 they had experiences as narrators and commentators. Narration and comment are practices that even today are strongly restricted to men.

Keywords: Radio journalism; sports journalism; woman journalist; radio journalism in the state of Santa Catarina; history.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Jornal, O Imparcial, de 1941	28
Figura 2 : Kátia Broleis deitada nas correspondências que chegavam para o seu programa na Rádio Difusora.....	49
Figura 3 : Foto de divulgação da escalação de Michelle Veiga, 20/07/2018.....	81
Figura 4 : Equipe do Futebol em Dobro, de 2014. Parceria entre Rádio Difusora AM 910, de Içara, e Rádio Band FM 89.1, de Criciúma.....	86
Figura 5 : Letícia Secchini, cobrindo o acesso da Chapecoense. 16/11/2013. Chapecoense 1 x 1 Bragantino, pela Série B.....	92
Figura 6 : Equipe Esportiva Sonora no Lance, da Rádio Sonora FM, 2018	96
Figura 7 : Danuta Malavolta na função de Repórter da Galera.....	101
Figura 8 : Danuta Malavolta no Estádio Municipal dos Amaros, em Itápolis/SP na partida que deu acesso e título de Campeão da Série B ao Joinville.	103
Figura 9 : Danuta no Programa 103 Esportes.....	103
Figura 10 : Danuta na função de repórter de campo em mais um jogo do JEC.....	104
Figura 11 : Danuta fazendo transmissão do jogo de futsal, entre JEC/Krona x Atlântico, pela Rádio Tchê Erechim (esquerda). Na função de repórter para a Rádio Globo de Juiz de Fora, na partida entre Joinville e Oeste (direita).....	105
Figura 12 : Foto de divulgação da equipe de esportes da Rádio Clube 1590 AM, de Joinville.....	106
Figura 13 : Viviane e os colegas da equipe esportiva da Rádio Clube de Joinville.....	108
Figura 14 : Priscila Barbi, em um dos jogos pela Rádio Band FM, transmissão Futebol Show.....	114
Figura 15 : Fabiana de Liz, pela Rádio CBN Diário.....	117
Figura 16 : Carolina Corazza, pela Radio Guarujá AM 1420, Florianópolis.....	121

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Participação feminina na delegação olímpica brasileira.....	35
Tabela 2: O registro das profissionais do rádio esportivo no Estado, por Mesorregião.....	81

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. CAPÍTULO - RÁDIO E JORNALISMO ESPORTIVO NO BRASIL	23
1.1. RÁDIO BRASILEIRO	23
1.2. O ESPORTE NA SOCIEDADE BRASILEIRA	26
1.3. O RÁDIO E O ESPORTE	32
1.3.1. A voz feminina no rádio e a participação das mulheres na produção do radiojornalismo brasileiro	44
1.3.2. As pioneiras do radiojornalismo esportivo	51
2 CAPÍTULO - O RÁDIO E O JORNALISMO ESPORTIVO EM SANTA CATARINA	62
2.2. AS MULHERES NA HISTÓRIA DO RADIOJORNALISMO E NO ESPORTIVO CATARINENSE	73
3 CAPÍTULO - EM CAMPO - A PRESENÇA DAS MULHERES NO RADIOJORNALISMO CONTEMPORÂNEO	78
3.1. O TIME FEMININO RADIOFÔNICO	78
3.2. OUSANDO BRILHAR, AS PROFISSIONAIS COMEÇAM A OCUPAR OS MICROFONES	81
CONSIDERAÇÕES FINAIS	128
REFERÊNCIAS	136

INTRODUÇÃO

Abordar a participação da mulher no campo profissional do rádio em uma área popularmente conhecida pela massiva presença masculina é para mim um desafio. O amor pelo esporte, em especial pelo futebol, foi cultivado desde a infância. Não raros foram os domingos em que meu pai me levava para ver os jogos nos quais ele participava, um exímio goleiro no meu mais profundo conhecimento infantil sobre o esporte e sobre tal posição. Lembro-me que enquanto meu pai jogava, eu ficava sozinha, colada nas grades de arames que delimitavam o campo. Acredito que estava sendo supervisionada por alguém.

Entre outras lembranças, que me remetem à origem desse amor e de tudo o que se relaciona ao futebol, esta a companhia do meu avô paterno. Sempre com seu radinho de pilha colado na orelha. Quando eu ousava falar algo, ele religiosamente colocava o dedo indicador ereto sobre o lábios me ordenando silenciar. No começo sentia raiva, ao poucos fui aprendendo com ele a ouvir o rádio. Uma narração rápida que eu mal entendia o que estava sendo dito. Tentava perguntar pro meu avô, mas o dedo dele era mais rápido. E eu tinha que esperar um tempo para ele poder falar. Hoje sei que ele esperava acabar o lance para então me responder. Meu avô me ensinou muita coisa do esporte e das narrações esportivas. Os lances, os times, para quem devia torcer, o porquê de muitas vezes ter que torcer para outro time, pois sua vitória beneficiaria o seu clube no campeonato, a necessidade de ouvir todo o lance para saber o autor do gol e, principalmente, para não comemorar gol do adversário porque deixou de ouvir em algum momento a transmissão.

Com meus sete, oito anos, eu não entendia muito de futebol, mas com meu avô e por culpa dele aprendi a me emocionar, vibrar e ficar chateada com um clube de futebol. Aquela semente plantada ainda na infância criou raízes fortes e continua presente na minha vida. Sou apaixonada por esportes e as transmissões esportivas me acompanham ainda, também, na vida de torcedora.

Em virtude da importância que tem o esporte na minha vida, optei por contar a trajetória das mulheres torcedoras de dois clubes rivais de Florianópolis no meu Trabalho de Conclusão de Curso, na graduação. Com a decisão de uma formação continuada, preferi

pesquisar a trajetória das mulheres enquanto profissionais do rádio esportivo no Mestrado. Meu interesse pelo tema veio da curiosidade em saber mais sobre o percurso feito para que elas tivessem a oportunidade de trabalhar nas redações de esportes e se mantivessem no desenvolvimento de suas funções em um ambiente hegemonicamente masculino.

Por acreditar que, como em outros campos de trabalho com predominância masculina, a presença feminina fez diferença tanto no espaço profissional, como também no próprio entendimento social do direito da mulher em exercer atividades que sejam do seu interesse, busco contribuir, através deste trabalho, com o registro sobre a comunicação no Brasil, sobre a luta feminina nesse campo de trabalho, especificamente em Santa Catarina, e sobre as contribuições que a presença da mulher gerou no rádio esportivo.

Resgatar a história de um lugar ou de pessoas exige uma busca interminável de histórias, documentos, registros escritos e orais que, somados, darão uma versão do que de fato aconteceu. Como afirma Benjamin (1994, p. 224), “[...] articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘como de fato ele foi’. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela lampeja no momento de um perigo”. Fazer um resgate do passado “exige antes de tudo a clareza de que será uma junção de pequenas peças de um quebra-cabeça que nunca será completo, e de que não se trata de buscar uma verdade dos acontecimentos, mas de interpretações subjetivas que ajudarão na compreensão do todo, “o efeito do real” (BOURDIEU, 2006).

O resgate histórico é uma forma de dar visibilidade e/ou recuperar uma parte da história que está esquecida ou que pode ter sido abordada por outros pesquisadores com perspectivas diferentes. A presença/ausência das profissionais no radiojornalismo, assim como no radiojornalismo esportivo, já despertou o interesse de estudiosos na busca de observar como se deu a inserção das mulheres no segmento. No entanto, a maioria dos registros existentes é memorialista descritiva e recupera apenas partes da história, trazendo informações individualizadas ou específicas por regiões geográficas. Assim, até mesmo sistematizações desses dados, construindo um panorama mais completo e visível da trajetória feminina no rádio esportivo, apresentam-se como necessárias. É nesse sentido que se pretende contribuir com uma pesquisa historiográfica sobre a participação das profissionais no radiojornalismo esportivo catarinense. Por entender que a trajetória profissional das mulheres nesse gênero radiofônico no estado tende a contribuir como parte da história do rádio, da luta

das mulheres para ingressar no mercado de trabalho em uma área hegemonicamente masculina e das transformações ocorridas no segmento do radiojornalismo esportivo a partir dessa inserção, essa investigação busca preencher lacunas na história do jornalismo brasileiro.

Na trajetória do rádio no Brasil, os homens historicamente se evidenciam com predominância na constituição do radiojornalismo brasileiro, especialmente até as fases mais contemporâneas, quando se passa a constatar maior inserção das mulheres. Em uma observação geral da história do rádio como um todo, em busca ainda inicial para aferir a presença de profissionais mulheres ao longo da constituição do meio no Brasil, o que emerge é que nos períodos iniciais e principalmente na chamada Era de Ouro, elas tiveram atuação fundamental, sobretudo, em programações de entretenimento, educativas e artísticas-culturais, com destaque para as ficcionais como a radionovela e o radioteatro. Com o advento da televisão e seu impacto sobre o rádio, a programação radiofônica sofreu profundas transformações para buscar a permanência do meio. Os programas de auditório, as novelas e demais produções artísticas aos poucos se transferiram para a nova mídia e ao rádio restou ser apenas musical, em uma fase que ficou marcada como “vitrolão”, ou encontrar saídas de sobrevivência por meio do incremento da programação informativa, incluindo a de esportes. No entanto, a maioria das profissionais não foi incluída nessas transformações e a participação delas tornou-se cada vez mais rara nos microfones, principalmente das rádios AM (PROVENZANO, SANTUÁRIO, 2009).

As pesquisas do meio centenário têm se tornado mais frequentes, iniciando principalmente em escolas de pós-graduação em comunicação, sendo temas de teses e dissertações.

O crescente interesse pelo rádio coincidiu com a expansão dos cursos de pós-graduação em Comunicação no Brasil, área que registrou crescimento expressivo em oito anos depois de manter-se estagnada entre as décadas de 1970 e 1990. Em 1996 existiam no Brasil oito programas de pós-graduação; em 2013, 19 programas. (MATTOS, 2005, p. 127)

No entanto, conforme Moreira (2005), ainda há muito o que pesquisar e registrar da história do rádio.

O rádio entra o século XXI: com status de tema de estudo frequente entre as áreas de investigação no campo da Comunicação. O avanço da pesquisa sobre o rádio não

significa que o conhecimento acumulado esteja mapeado nas várias camadas que são as formas de abordagem. Ao contrário, permanecem muitas lacunas ainda a preencher. (MOREIRA, 2005, pág. 124)

Entre as lacunas a preencher está a inserção da mulher no radiojornalismo de Santa Catarina. Para pesquisar tal inserção partimos do entendimento de acordo com Fáveri (2001),

Escrever sobre mulheres não é tarefa fácil. Não que elas estivessem ausentes dos processos da história – pelo contrário, ou justamente por suas presenças, permaneceram acobertadas, sob os olhares e discursos, quase sempre nas palavras e representações dos homens. (FAVERI, 2001, p. 15)

Buscando entender historicamente parte dessa trajetória profissional das mulheres no radiojornalismo esportivo, essa pesquisa tem como **objetivo geral produzir** um registro histórico do percurso das profissionais do radiojornalismo esportivo em Santa Catarina, desde sua inserção nessa área até a atualidade. Para tanto, defini como **objetivos específicos** os seguintes: 1º) Verificar em quais emissoras de rádio as profissionais pioneiras do radiojornalismo esportivo catarinense começaram a desempenhar as funções; 2º) Investigar o histórico da presença profissional da mulher no rádio esportivo no estado, da década de 30 até a contemporaneidade; 3º) Apontar a atuação dessas profissionais por região geográfica; 4º) Identificar as funções exercidas pelas mulheres no radiojornalismo esportivo catarinense; 5º) Elencar quais foram as pioneiras na área em todo o estado.

A pesquisa terá como **metodologia** a análise documental que, segundo Sônia Virgínia Moreira (2005, p. 272), tanto pode ser usada como metodologia, “porque pressupõe o ângulo escolhido como base de uma investigação”, quanto como técnica, “porque é um recurso que complementa outras formas de obtenção de dados, como entrevistas, questionários”. É um método muito empregado pelos pesquisadores da comunicação que realizam o resgate da história de meios, personagens e períodos, a partir da identificação, verificação e apreciação de documentos. Há poucos registros da considerada “época de ouro” do rádio brasileiro, conforme explica Calabre (2003, p.1):

As emissoras de rádio não costumavam preservar a documentação, principalmente aquela ligada ao setor de programação em geral. O rádio era feito completamente ao vivo. Os programas radiofônicos das décadas de 1940 e 1950 eram mais elaborados que os contemporâneos, envolviam um grande número de profissionais em sua execução. O rádio tinha em sua programação humor, informação, música, dramatização e esporte. Somente eram gravados os programas especiais, os comemorativos ou quando, por um motivo qualquer, não pudessem ser realizados ao

vivo. Mesmo assim, depois de irradiados os programas, as emissoras não costumavam guardá-los. (CALABRE, 2003, p. 1)

Com isso, em muitos casos, busca-se nos documentos as informações deste período sobre as emissoras de rádio, sua programação e seus personagens. Como forma de possibilitar essa análise documental, além da pesquisa bibliográfica a fim de levantar o que já foi abordado sobre as profissionais no radiojornalismo esportivo catarinense, buscou-se em documentos, como fotos, livros, revistas e jornais, informações que nos levassem a identificar e ajudassem a resgatar a história dessas profissionais. Sabendo que as primeiras rádios catarinenses iniciaram suas atividades na década de 30, e que as produções radiofônicas do período são praticamente inexistentes, os documentos são as principais fontes para buscar os dados referentes a esse período histórico para a pesquisa, pois muitas vezes tem-se no documento o único testemunho ou vestígio do passado, sendo insubstituível à reconstituição de acontecimento distante (CELLARD, 2008). Pela revisão bibliográfica e documental também é possível sistematizar dados para visualizar o passado de forma mais completa e mesmo compreender o presente.

A escassez de registros da história da radiodifusão catarinense, principalmente no que tange a participação das mulheres na constituição do fazer radiofônico, fez com que aliasse à análise documental outras técnicas objetivando os resultados esperados. Para tanto, recorre-se à entrevista semi-estruturada em profundidade com profissionais do radiojornalismo esportivo que trabalharam com as mulheres em programas esportivos, assim como de alguns profissionais que possam contribuir de forma significativa, selecionados a partir do tempo que trabalharam na área esportiva, da função desenvolvida, da relevância para a história da radiodifusão e do tempo em que trabalharam. Em especial, das próprias profissionais que exerceram funções nas equipes de esportes de emissoras de rádios catarinenses, salientando que elas fazem parte da história da radiodifusão. No entanto, a maioria ainda não foi registrada em qualquer outra pesquisa e para a História, continua na invisibilidade.

A estratégia de pesquisa consiste na triangulação de dados, que utiliza mais de uma fonte de informação, sem usar diferentes métodos, coletando dados em diversos momentos, locais ou com pessoas diferentes (DENZIN, 2005). Essa técnica de triangulação mostra-se relevante numa pesquisa empírica, histórica e exploratória a qual essa se propõem. Como

pesquisa qualitativa, busca-se explorar a profundidade dos sentimentos e crenças que as pessoas detêm, e descrever os acontecimentos históricos a partir do relato dos(as) entrevistados(as), visto que em muitos momentos a única fonte de informação acessível é a memória. Conforme Calabre (2003, p.1),

Essa falta de registros formais, entretanto, não inviabiliza a reconstituição da história social do rádio. As informações sobre o ambiente radiofônico, sua relação com os ouvintes, as práticas profissionais do setor, podem ser resgatadas através dos inúmeros relatos de profissionais e de ouvintes que viveram a Era do Rádio. (CALABRE, 2003, p. 1)

Para o presente trabalho, considero que a entrevista semi-estruturada como técnica de pesquisa qualitativa possibilita a compreensão de significados, valores e opiniões sobre situações e vivências pessoais dos entrevistados que somente a relação entrevistado e entrevistador proporciona. Assim, conforme Fraser (2004), é na leitura que se faz do dito e do não-dito que se permite construir uma versão da história contada pelos atores sociais e recontada pelo entrevistador. É a escolha de olhar, entre várias janelas, por aquela que os entrevistados abriram. Ao reportar a fala dos entrevistados, mais do que o texto falado e transcrito, reflete-se o olhar e entendimento que esses têm do mundo.

A entrevista na pesquisa qualitativa, ao privilegiar a fala dos atores sociais, permite atingir um nível de compreensão da realidade humana que se torna acessível por meio de discursos, sendo apropriada para investigações cujo objetivo é conhecer como as pessoas percebem o mundo. Em outras palavras, a forma específica de conversação que se estabelece em uma entrevista para fins de pesquisa favorece o acesso direto ou indireto às opiniões, às crenças, aos valores e aos significados que as pessoas atribuem a si, aos outros e ao mundo circundante. Deste modo, a entrevista dá voz ao interlocutor para que ele fale do que está acessível a sua mente no momento da interação com o entrevistador e em um processo de influência mútua produz um discurso compartilhado pelos dois atores: pesquisador e participante. (FRASER, 2004, p. 140)

Os procedimentos adotados na realização da presente pesquisa partem da identificação e contato com pessoas e entidades, escolhidas de forma intencional, que possuem alguma identificação com momentos históricos de Santa Catarina e, especialmente, com o rádio esportivo. Primeiramente, buscou-se contribuições a cerca de nomes de profissionais que

poderiam cooperar, através de entrevista pessoal, para a identificação e o resgate histórico das profissionais do radiojornalismo esportivo catarinense.

Para tanto, foram consultados arquivos pessoais de jornalistas e de pessoas identificadas com o rádio no Estado. Outro meio de verificação foi junto à arquivos da Revista do Rádio¹, disponível na Biblioteca Digital Brasileira, e da revista O Rádio Catarinense². Muitos nomes foram apontados, ainda, a partir das entrevistas, por indicação dos(as) próprios(as) entrevistados(as), bem como, por meio de conversas informais, presencialmente e via mídias sociais (grupos em *WhatsApp*, *Facebook* e *Instagram*).

Por se tratar de uma pesquisa exploratória, após as entrevistas informais para levantamento dos nomes, definiu-se as fontes iniciais para a pesquisa, o corpus foi sendo estabelecido durante a pesquisa, tendo como prazo limite o ano de 2018. Adotando os seguintes critérios: 1) a fonte deveria ter exercido ou estar exercendo atividade no radiojornalismo esportivo, em Santa Catarina, em qualquer emissora de rádio; 2) a profissional, para ser considerada fonte, deveria ter integrado uma equipe de esporte na emissora em questão. Após esta etapa, partiu-se para a busca de contato e agendamento de entrevista. As entrevistas foram realizadas, em sua maioria, presencialmente e, algumas via telefone ou por *Skype*. Com a ciência das entrevistadas, todas as entrevistas foram gravadas. Primeiramente, pelo volume de informações coletado, mas, também, para possibilitar a triangulação de dados e melhor análise do conteúdo.

As entrevistas são semi-estruturadas pois permitem flexibilidade e chance de rápida adaptação a partir do diálogo com o entrevistado, esse tipo de entrevista permite ajuste, tanto ao candidato, quanto às circunstâncias. Entretanto, algumas dessas entrevistas são abertas por possibilitar maior exploração do tema, que após ser introduzido dá liberdade a entrevistada de falar sobre o assunto. O roteiro garante a condução da entrevista, evitando que esta siga para assuntos aleatórios que fogem do objetivo da conversa. Ao mesmo tempo, contribui para orientar no agrupamento das informações apuradas; assuntos como as rotinas de produção, os membros que integram a equipe, indicação de nomes de outros profissionais que possam

¹ A Revista do Rádio, de circulação nacional, foi lançada em abril de 1948, pelo jornalista Anselmo Domingos, e circulou até 1970. Disponível em <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/revista-radio/144428> Acesso em: 16 ago de 2016

² Revista mensal ilustrada, lançada em 1957, que teve única edição, com 500 exemplares distribuídos. Disponível em: http://www.carosouvintes.org.br/blog/wp-content/uploads/co_o_radio_catarinense.pdf Acesso em 03 fev de 2017

contribuir para a pesquisa. As questões foram pré-definidas para orientar a entrevista, mas não necessariamente para ser seguido a risca. Algumas perguntas mudam a partir de uma pré-apuração realizada sobre cada entrevistada. A triangulação de diversas fontes de dados (relatórios, entrevistas, discussão teórica e documentos) possibilitou respostas mais consistentes.

Verificando o histórico da presença geográfica, elaborou-se uma tabela sobre a atuação dessas profissionais por região, apontando funções exercidas pelas profissionais mulheres no radiojornalismo esportivo catarinense, ano em que exerceram as atividades e períodos de permanência.

A pesquisa em jornais e revistas do meio, como a Revista do Rádio, que circulou entre 1948 e 1970, e a revista O Rádio Catarinense, de 1957, citadas anteriormente, auxiliou no processo de descobrir novas informações que contribuíssem para o estudo, considerando que “o rádio fez estrelas” (MEDEIROS; VIEIRA, 1999, p. 23) ao dar certa relevância social e notoriedade aos seus personagens e, conseqüentemente, estes ganhavam espaço na imprensa escrita.

A partir da coleta e da sistematização dos dados apresentados em forma de relatos, quadros e tabelas, com análises prévias para a discussão finais, possibilitou-se um comparativo com a inserção das profissionais no radiojornalismo esportivo de outros estados e da contribuição dessa participação em Santa Catarina.

O referencial teórico é alicerçado em pesquisadores da área de jornalismo especializado em esportes, como Edileuza Soares, autora do livro *A bola no ar: o rádio esportivo em São Paulo* (1994), que aborda a evolução do rádio esportivo em São Paulo, local onde foi realizada a primeira transmissão³, lance por lance, dos 90 minutos de uma partida de futebol, que deu origem ao padrão hoje existente. A autora trata da linguagem, da formação das escolas de locução esportiva e da atuação desse tipo de programação sobre os ouvintes, os clubes e as emissoras a partir do estudo sobre as transmissões de futebol. Tratando também da influência do gênero esportivo no desenvolvimento do radiojornalismo e do veículo de modo geral.

³ Oficialmente a primeira transmissão é datada de 1931, no entanto, há registro no O Jornal, do Rio de Janeiro, de 07 de dezembro de 1925, que noticia a irradiação de algumas informações da partida entre brasileiros e paraguaios, pela Rádio Mayrink Veiga. Na revista Antenna, edição nº 36, de abril de 1929, informa a transmissão integral da partida entre “Uruguayos” e Brasileiros, pela Rádio Club do Brasil, do Rio de Janeiro.

O radiojornalismo esportivo é também em grande parte responsável pela incorporação no Brasil das inovações tecnológicas que surgiram na radiodifusão mundial. Seu desenvolvimento passa ainda pela apropriação de técnicas de planejamento e de organização, resultando na implantação e funcionamento de departamentos especializados. (SOARES, 1994, p. 14)

O aporte teórico da História da Comunicação fica, especialmente, a cargo de Marialva Barbosa (2010), cuja contribuição se dá na orientação quanto à metodologia utilizada numa investigação histórica, destacando em suas obras a importância de identificar vestígios deixados pelo passado e indícios/marcas “escritas de muitas maneiras e através de muitos gestos” (BARBOSA, 2010, p. 253) que auxiliam a historiografia. A autora reforça em suas obras a necessidade de entender qual é o papel da História e também do pesquisador ao (re)conhecer o passado e (re)contá-lo:

[...] a tarefa da história não é, pois, recuperar o passado tal como ele se deu, mas interpretá-lo. A partir dos sinais que chegam até o presente, cabe tentar compreender a mensagem produzida no passado dentro de suas próprias teias de significação. São esses vestígios, que aparecem como documentos e como ato memorável (no qual está incluída a memória do próprio narrador / pesquisador) (...) O que será decifrado, através da interpretação, está sempre localizado no presente. Vendo nesses sinais a possibilidade de conter uma mensagem e atribuindo um valor a eles no presente, produz-se a interpretação indispensável na ação história. Para contar uma história há que existir vestígios, predisposição para ler e a leitura, isto é, a interpretação crítica. A historiografia implica, pois, em leituras de mensagens sobre algo considerado como ausente no nosso aqui agora, a disponibilidade para visualizar nos indícios a mensagem (método) e sua leitura (a crítica). Para a teoria da história é fundamental o que aconteceu, como aconteceu e, sobretudo, por que aconteceu. (BARBOSA, 2007, p.4)

Barbosa explica ainda que “A história só existe no presente porque o passado deixou inscritos, no nosso aqui e agora, vestígios múltiplos que indicam a existência desse passado” (BARBOSA, 2010, p.11)

Sonia Virginia Moreira (2005) fundamenta o método empregado nesta pesquisa, de análise documental, que também é usado como técnica. A autora também embasou a pesquisa histórica sobre a radiodifusão (1991), (1999) e (2005), através das obras que tem como objeto de investigação o rádio no Brasil.

Não é foco desta pesquisa a questão de relação de gênero, ainda que se mostre como um campo rico para análises a respeito destas relações sociais e esteja evidenciada em todo o

texto deste estudo, em especial, nas falas das entrevistadas. É possível, ao longo do texto, identificá-la através da percepção da cultura patriarcal dominante na construção e evolução social humana, influenciando diretamente a imagem feminina e seu papel social, familiar e profissional. No rádio esportivo, tal cultura total tem influência, seja na fase de ausência das mulheres no rádio esportivo catarinense, seja na fase onde essa presença é registrada e, na qual, evidencia-se nas delimitações de atividades e funções definidas nas equipes esportivas.

A compreensão das relações de gênero implica que sejam entendidas como uma construção social baseada na diferenciação biológica dos sexos, expressa através de relações de poder e subordinação, representada pela discriminação de funções, atividades, normas e condutas esperadas para homens e mulheres em cada sociedade. (DA SILVA, 2012, p. 5)

Esta pesquisa é dividida em três capítulos. No primeiro capítulo, **Rádio e Jornalismo esportivo no Brasil**, subdividido em três subcapítulos, Rádio brasileiro, O esporte na sociedade brasileira e O rádio e o esporte, apresenta-se uma contextualização sobre a constituição do gênero esportivo no meio radiofônico tendo o futebol como carro-chefe e principal aliado no fortalecimento e massificação do rádio e do próprio esporte no país.

As transformações ocorridas na produção jornalística do meio, na linguagem e na tecnologia permitiram novas formas de produção e uma maior mobilidade dos repórteres. Além da facilidade na produção, o desenvolvimento tecnológico tornou possível apresentar informações diretamente das ruas e/ou locais dos eventos esportivos garantindo a instantaneidade, e possibilitou a interatividade com o público e o contato com os atletas durante as competições. A relação entre rádio e esporte firmou-se no início da década de 30, quando o futebol se profissionalizou e deixou de ser esporte de elite tornando-se popular. As primeiras transmissões radiofônicas de partidas de futebol, apontadas por alguns autores (ALEXANDRINO, 2011), (FERRARETTO, 2001), (SOARES, 1994) como sendo realizadas na década de 30, foram de suma importância na difusão do esporte pelo país e no despertar do interesse da sociedade pelas informações esportivas. Ainda que, anos antes, já existissem jornais impressos com informações sobre vários esportes como remo, boxe, basquete, turfe e até mesmo resultados de partidas de futebol.

Neste capítulo, aborda-se A voz feminina no rádio e a participação das mulheres na produção do radiojornalismo brasileiro, a partir da trajetória delas na história da mídia

radiofônica. A presença da mulher foi registrada exercendo atividades na radiodifusão brasileira logo nos primeiros anos de história do meio, em diferentes momentos, elas ocuparam espaços e desempenharam variadas funções. Participaram ativamente na construção da história do rádio, tiveram papel importante na época áurea, vivenciaram inúmeras transformações ocorridas neste meio de comunicação e encontraram certa resistência para se inserirem em alguns espaços considerados hegemonicamente masculinos, no campo de trabalho. Com funções e programas determinados, cabia a elas apresentarem os educativos, infantis, de culinária ou que abordassem outros temas entendidos como assuntos femininos, tais como cuidados com a casa, família e filhos.

Neste cenário de locais e temáticas bem demarcados, para o que as mulheres podiam ou não exercerem como profissionais, algumas lutaram para se inserirem no campo esportivo do rádio, reduto masculino, como aconteceu também em outros setores sociais. Algumas dessas pioneiras do radiojornalismo esportivo brasileiro são (re)apresentadas no final deste primeiro capítulo, bem como a trajetória desenvolvida por elas que indiscutivelmente abriu caminho para que outras profissionais seguissem a mesma trajetória em muitos outros lugares.

No segundo capítulo **O rádio e o jornalismo esportivo em Santa Catarina**, buscou-se uma contextualização da implantação da radiofonia catarinense, a partir das primeiras emissoras operando sem concessões por meio de alto-falantes instalados em ruas movimentadas das cidades pioneiras, como Blumenau, Joinville, Itajaí e Florianópolis, que em determinadas horas do dia irradiavam trechos musicais (SEVERO; GOMES, 2009).

A implantação da radiodifusão em Santa Catarina ocorreu no final da década de 20 começo dos anos 30, inicialmente em Blumenau, e uma década depois em outras cidades do Estado. Tão logo as primeiras emissoras foram fundadas, formaram equipes esportivas que tinham o intuito de transmitir as emoções de competições locais como já faziam as emissoras de grandes cidades como, por exemplo, São Paulo e Rio de Janeiro. A constituição do gênero esportivo no Estado se deu num contexto onde o esporte, especialmente o futebol, já tinha conquistado os brasileiros, e os times locais também já despertavam o interesse dos ouvintes que, até então, tinham como alternativa acompanhar informações e narrações esportivas através de emissoras da região sudeste, como a Rádio Nacional. Por esse motivo, não demorou muito para que as rádios de Santa Catarina abrissem espaço na grade para programas e coberturas esportivas locais, gerando com isso o maior fortalecimento desse gênero. Com a

montagem de equipes esportivas para a produção de informativos esportivos, as transformações ocorridas no meio, tanto na forma de produção quanto na própria linguagem utilizada, também foram vivenciadas pelos profissionais catarinenses. Na região sul, a hegemonia masculina na área também esportiva pode ser observada desde a implantação do gênero jornalístico, ainda que as mulheres já ocupassem espaços em programas radiofônicos, conforme constatou-se nas bibliografias consultadas.

O subcapítulo intitulado **As mulheres na história do rádio esportivo catarinense** apresenta e analisa os dados coletados na produção da pesquisa. Identifica em quais emissoras de rádio iniciaram as profissionais pioneiras no campo esportivo do rádio catarinense, as funções por elas exercidas, as mudanças ocorridas no gênero esportivo e no âmbito social após a inserção das mulheres, a partir dos resultados da investigação. Assim como, apresenta o contexto no qual as primeiras profissionais do radiojornalismo esportivo de Santa Catarina estavam inseridas.

Fundamentada em Barbosa (2007), busca-se no passado os indícios significativos que apontem para essa conformação do radiojornalismo esportivo catarinense,

Há que se considerar também que cada época está imersa num grau de consciência histórica que foi sendo construído pelos sujeitos que “vivem sua própria história”. Se ao construir um texto que lança um determinado olhar sobre o passado estamos tentando produzir conhecimento ou epistême, por outro lado não se pode esquecer que o que se reconstrói são sempre, como diz Heller (1993), os problemas da vida e da consciência cotidianas. O que cada pesquisador faz é tornar explícito o implícito; publicizar o que seria secreto e fornecer uma coerência ao que em princípio poderia ser classificado como incoerente. (BARBOSA, 2007, p. 4)

No último capítulo, **Jogando como garotas - A presença das mulheres no radiojornalismo contemporâneo**, busca-se apresentar quem foram as profissionais do radiojornalismo esportivo de Santa Catarina com maior expressividade. Apresenta como está o campo de trabalho na área do rádio esportivo quando se trata de profissionais mulheres. Evidencia-se, entre as funções desempenhadas, o que já se conquistou até o momento e o que ainda não sofreu grandes alterações na relação mulher e o segmento esportivo do rádio, quais os fatores que contribuíram e/ou impossibilitaram conquistas nesse gênero radiofônico. Além disso, trata-se de apontar como tem sido a ocupação atual dessas profissionais por regiões do estado catarinense.

1. CAPÍTULO - RÁDIO E JORNALISMO ESPORTIVO NO BRASIL

1.1. RÁDIO BRASILEIRO

Ferrareto (2001) informa que o canadense Reginald Aubrey Fessenden realizou a primeira transmissão radiofônica comprovada, em 1906, a partir da transmissão do som de um violino, trechos bíblicos e uma gravação fonográfica.

No Brasil, pouco mais de uma década depois, a Rádio Clube de Pernambuco já realizava algumas transmissões, ainda que de modo irregular, sem uma frequência e continuidade, desde 1919 (CAMELO, 2012). De acordo com Ortriwano (1985), existem documentos que comprovam que a Rádio Clube de Pernambuco, após experiências realizadas por amadores, é a primeira do país inaugurada no dia 6 de abril de 1919, em Recife, por Oscar Moreira Pinto.

No Rio de Janeiro, a radiodifusão é implantada diante de um cenário político e social de tensão e de transformações urbanas e sanitárias, na então capital da República, Rio de Janeiro (SAROLDI, MOREIRA, 2005). As “reivindicações operárias, da cultura operária que se desenvolvia nesse momento em que a industrialização começava a se fazer mais presente”, transformam a conjuntura existente na então capital do país (BARBOSA, 2013, p. 210). Sob ordens do então prefeito do município, Pereira Passos, cortiços e vielas foram derrubados dando lugar a avenida Central, construções de prédios inspirados na arquitetura europeia, edificações como Casa Mauá, Biblioteca Nacional e Museu de Belas-Artes, além de requintadas lojas e serviços copiando a moda internacional refletiam a europeização já ocorrida em Buenos Aires e desejada pelos modernizadores do Rio.

O progresso industrial e científico da humanidade contribuiu para a implantação da radiodifusão, em razão do desejo dos dirigentes brasileiros pela modernidade resultando na instalação da primeira estação radiofônica, montada pela companhia norte-americana Westinghouse, no alto do Corcovado.

A primeira transmissão de rádio carioca aconteceu durante a Exposição Internacional do Rio de Janeiro, quando era comemorado o Centenário da Independência do Brasil, em 7 de setembro de 1922, no Rio de Janeiro, sendo a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro a pioneira. O discurso do então presidente da República Epitácio Pessoa pode ser ouvido através das

ondas sonoras nos “alto-falantes instalados em pontos estratégicos da exposição e pelos aparelhos de rádio distribuídos pelo governo em São Paulo, Petrópolis e Niterói” (SAROLDI, MOREIRA, 2005, p. 16). A emissora começou a funcionar em 20 de abril de 1923, fundada por Roquette Pinto e Henry Morize.

Uma das grandes características da implantação da maioria das emissoras de rádios, nos anos iniciais de implantação da radiodifusão brasileira, era a criação de associações e clubes, formado por grupos de amigos e empresários, que tinham em comum o desejo de fundarem seus veículos de comunicação.

O modelo da Rádio Sociedade seria adotado pelas estações instaladas tanto na capital quanto em outros pontos do país no ciclo pioneiro do rádio brasileiro, compreendido entre 1922 a 1932. Não por acaso, essas emissoras incorporam ao nome a classificação de “clubes” ou “educadoras”, sendo mantidas pela contribuição mensal de seus sócios/ouvintes. (SAROLDI, MOREIRA, 2005, p. 19)

O custo dos equipamentos para a implantação de uma emissora, quanto dos próprios receptores, fazia com que a radiotelefonía, assim como a “victrola” só fosse acessível aos mais abastados.

Aparelhos alto-falantes e “victrolas” de diferentes tipos e formatos também eram oferecidos ao público como forma de trazer para dentro de casa os sons que antes só podiam ser escutados nas salas de concerto. A Victrola era apresentada como “a única máquina falante instrumento de música” e podia ser adquirida em prestações de 100\$000 por mês. [...] O preço indicava quem poderia comprá-la: poucos, muito poucos... (BARBOSA, 2013, p. 215)

Ortriwano (1985) corrobora que o alto custo dos aparelhos receptores tornava o rádio um meio da elite, não da massa. E para baratear um pouco o custo do mesmo as pessoas buscavam tais aparelhos no exterior (ORTRIWANO, 1985. p. 27).

Apesar do alto custo, a novidade tecnológica, a partir de anúncios comerciais cada vez mais frequentes, despertam o interesse dos leitores fazendo com que o grande número de correspondência em busca de mais informações, enviado para as publicações, resultasse em colunas especializadas para explicar o funcionamento da radiotelefonía e como cada um podia montar o seu próprio equipamento. Antes mesmo da popularidade do rádio como meio comunicacional, o aparelho ganhou fama pela inventividade que exigia dos novos proprietários (BARBOSA, 2013). O invento, num primeiro momento, é implantado como um

processo individual de escuta no qual o ouvinte usa os fones de ouvido e abstrai-se dos barulhos externos. Mais tarde, tais fones foram retirados do invento possibilitando que o som se espalhasse pelo ambiente. O processo de escuta passa a ser coletivo, reunindo o público ao redor da caixa colocada, geralmente, na sala de visitas das residências (BARBOSA, 2013).

Paralelamente aos anúncios comerciais em revistas e periódicos daqueles anos, para alavancar as vendas dos aparelhos receptores, um ex-vendedor de terrenos cria um plano inédito com o mesmo intuito. Ademar Casé faz uma triagem através de catálogo para identificar as residências que tinham aparelho telefônico - símbolo de *status* na sociedade. Munido dessa informação o então vendedor se dirigia a essas residências com os aparelhos receptores no carro, em horários em que o chefe da casa estivesse trabalhando, e oferecia o equipamento, sem custo algum, para que a dona de casa pudesse fazer um teste sem compromisso. Dentro de alguns dias, o aparelho seria recolhido, o que não acabava acontecendo, pois a compra era efetuada. Seu sucesso de venda garantiu uma parceria com um dos diretores da Philips e, conseqüentemente, um programa de rádio. O vendedor de rádio, sem nenhuma experiência com comunicação assume um programa dominical, de 4 horas de duração, sendo o apresentador, redator e contra-regra (CASÉ, 1995). Seu desejo de fazer um estilo diferente do que era apresentado nas rádios cariocas, inspirado pelo que captava das rádios BBC de Londres e nas emissoras norte-americanas, fez do Programa Casé uma “escola ativa e itinerante” (SAROLDI, MOREIRA, 2005, p. 38).

A programação era elitista e incluía música clássica, ópera e contava com a participação de alguns artistas da sociedade (FERRARETTO, 2008). A parcela informativa, na fase inicial do rádio, era transmitida pela leitura das notícias publicadas nos jornais impressos (MEDITSCH, 1997) caracterizando-se pela “improvisação, amadorismo e cópia” (ZUCULOTO, 2012, p. 28).

No início, “o radiojornal procura em tudo e por tudo reproduzir as características da imprensa”. Os hábitos e convenções da página impressa são transferidos para o novo meio da maneira mais literal possível [...] Desta maneira, a linguagem do radiojornalismo foi pensada, naturalmente, como uma nova forma de apresentação da mesma mensagem escrita. Tudo o que era dito ao microfone deveria ter sido escrito antes, tanto como modo de controle de conteúdo, quanto como garantia de correção. [...] O condicionamento por profissionais pela máquina de escrever era tão forte, que muitos se confessaram “inseguros” e “perdidos” com o surgimento de programas que aboliam a etapa textual da produção... (MEDITSCH, 2007, p. 182)

A Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, em 1925, transmitia o noticiário Jornal da Manhã, tendo como apresentador o cientista e professor Edgar Roquette-Pinto. O idealizador do rádio educativo no país defendia que o veículo deveria transmitir educação e cultura aos brasileiros, buscando, dessa forma, popularizar o conhecimento em todas as regiões (MASSARANI, 1998). Seu objetivo é expresso no editorial da Revista

Nós já deixamos claramente expresso o que queremos ser. O rádio não é um fim – é um meio. O nosso fim é a vulgarização científica geral, a vulgarização de conhecimentos modernos que o povo muita vez não aprende porque lhe não dizem. (ROQUETTE-PINTO, 1923, s.n.)

Mais tarde, outras rádios, como Mayrink Veiga e Educadora Paulista, incluíam programas com fins culturais na sua grade de programação. A implantação da radiofonia no Brasil foi marcada pelo caráter educativo, elitista, sem fins comerciais, pois a publicidade só foi inserida em 1932, e com raio de irradiação limitado.

1.2. O ESPORTE NA SOCIEDADE BRASILEIRA

No início do século XX, as práticas esportivas “que pioneiramente se organizariam em definitivo” eram o remo e turfe⁴ (MELO, 2009, p.37). Algumas atividades ainda estavam em fase de consolidação, como corridas a pé e de velocípedes, tornando-se mais tarde atletismo e ciclismo respectivamente; Outras práticas, consideradas esportivas na época, de acordo com Melo (2009), iam se extinguindo, e/ou passaram a ser muito contestadas, exemplo é o jogo do bicho e a tourada.

As touradas, no Brasil, eram realizadas desde o século XVIII e tinham lugar de destaque em datas festivas do calendário Real, como no casamento de D. Pedro e D. Leopoldina, que teve a arena construída, onde hoje é o Campo de Santana - RJ, como parte da comemoração do festejo. Também em São Paulo, as corridas de touros e as cavalcadas eram considerada a parte nobre das festividades e duravam dias para que o maior número de

⁴ Turfe é o nome do esporte que envolve corridas de cavalos. A origem do termo vem do inglês “*turf*”, que era a maneira como as primeiras competições eram conhecidas, por serem disputadas em pista de grama

peças pudesse acompanhar (SILVA, 1978). Tal esporte era bastante apreciado pela população.

No final do século XIX e início do século XX, tanto as festividades, por conta do desperdício de dinheiro público gasto, quanto as touradas, em razão da brutalidade, passaram a ser contestadas de maneira geral. Reclamava-se que não somavam na busca por uma sociedade mais civilizada e iam de encontro à modernidade que tanto se desejava para o país. Nesse contexto, o futebol chegava por terras Tupiniquins e rapidamente ganhava cada vez mais adeptos. Primeiramente, os homens, jovens de classe burguesa que voltavam ao Brasil após passarem um tempo em países estrangeiros e traziam consigo a prática do novo esporte.

Diante da necessidade de mais integrantes para a formação de times e assim tornar a disputa entre duas equipes possível, empregados de fábricas eram chamados para compor o grupo que se encontrava incompleto e, com isso, a prática chegava a classes menos favorecidas e conquistava também a classe média e baixa da sociedade. Por ser uma prática cultural importada e chegar ao Brasil por muitas vias, assumiu formas distintas e peculiares de cada lugar, em razão das diferentes influências do exterior, bem como, por conta das especificidades de cada . Era, inclusive, praticada por mulheres, ainda que a cultura social lhe atribuisse outras funções e práticas esportivas, é possível encontrar registro de times femininos já na década de 1920 (PISANI, 2012).

No ano de 1921, os jornais do país noticiaram – não sem algum assombro - a primeira partida de futebol disputada por mulheres. À época elas foram chamadas de audaciosas e intrépidas, e a partida, por sua vez, foi motivo de chacota e desconfiança do grande público brasileiro. (PISANI, 2014, p. 1)

No entanto, em 1941, o então presidente Getúlio Vargas baixou um decreto-lei estabelecendo as bases de organização dos desportos. O Decreto-Lei nº 3.199, do dia 14 de abril, trazia a seguinte ordem no artigo 54: “às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos (CND) baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país”. Dentre os desportos não compatíveis com a “natureza feminina” foram listados: as lutas, o boxe, o salto com vara, o salto triplo, o decatlo, o pentatlo, o rugby, o polo, o water-polo, algumas modalidades do atletismo e o futebol.

Figura 1 - Jornal O Imparcial, de 1941

A Torcida Precisa Saber

partidaria, qualificação de equipes, o que produzirá, "barra" entre as "ca" não que o boe orienta- s das parti- s. Brasileiro niza alguns ritivos; es do ruan- nã cidades nativas "na que tem se- mais de 34 na torcida, inte notório, o jogo, do as aut- theren, as berá a Pa- local dos bouer se- jogu, pesa tempo, ento, a se- prevista no entre as para local il dos jogu lentamente ser o ven- nalistas. In-

Campeões, serão disputados em duas partes de 45 minutos "líquidos", com um intervalo de 15 minutos, para descanso entre os dois encontros.

Art. 30 — Para os jogos entre as finalistas do campeonato será observado o seguinte: jogo ganho, dois pontos; jogo empatado, um ponto; jogo perdido, zero pontos.

Parágrafo único — Será proclamada vencedora do campeonato a entidade cujo quadro representativo alcançar primeiramente quatro ou mais pontos.

Art. 31 — Se se fizer necessário a disputa do terceiro jogo para classificar o vencedor do campeonato, será o mesmo marcado pelo presidente da Federação Brasileira de Futebol, observando-se o que determinam os artigos 11, 25, 26 e 33 deste Regulamento.

Art. 32 — Si após o término regular do terceiro jogo o campeonato estiver ainda empatado, quanto ao número de pontos, será proclamada vencedora a entidade cujo quadro haja conquistado, nos três jogos finalistas, maior número de pontos.

Art. 33 — Si ainda persistir o empate tanto na torcida de pontos, quanto na de tempo, será o jogo prorrogado por 30 minutos com mudança de lado, depois de decorridos 15 minutos de jogo.

Parágrafo único — Si continuar o empate ao término da prorrogação serão as duas entidades proclamadas vencedoras "ex-aequo".

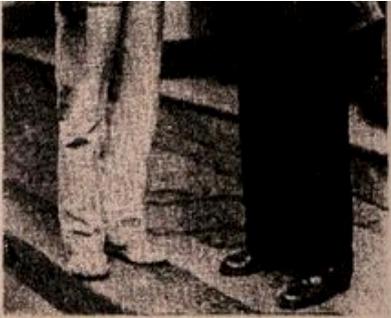
Art. 34 — Devido as condições climáticas e por conveniência da tabela os jogos poderão, a juízo da Federação, ser realizados à noite.

... e sair quatro ou cinco. Queo curvil o sr. João Teixeira, sobre este assumpto quando elle regressar de São Paulo.

Florianópolis, sabe que algo anormal está sobre a sua cabeça. Vae haver novidades, com illa na felicidade de Joca, na orientação defensiva mas... tambem não sabe de nada.

Vae ser difficil salvar os cofres da Liga da sangria, que o falta de previdencia do larar, contra os juizos não foi evitado.

Esta situação vem favorecer grandemente o processo que T- João move contra a Liga, pois só em abril, terminará legalmente o compromisso que ambas as partes firmaram.



Iguesil Marinho, falando ao repórter 'O IMPARCIAL'.

"PE" DE MULHER NÃO FOI FEITO P'RA SE METTER EM SHOOTEIRAS!"

AS PARTIDAS FEMININAS NÃO FIGURAM NOS DISPOSITIVOS LEGAES -- OPPORTUNAS DECLARAÇÕES DE IGUESIL MARINHO, ASSISTENTE TÉCNICO DO MINISTERIO DA EDUCAÇÃO

ALUGA-SE

Fonte: Arquivo público / Museu do Futebol

Caso quisessem, as mulheres poderiam praticar o tênis, o voleibol, o críquete, a natação e o ciclismo (os dois últimos apenas moderadamente). Tal decisão baseou-se no cuidado que deveria se ter ao corpo e a condição de procriação da mulher.

Era um retrocesso na luta feminina, que anos antes, havia conquistado o direito ao voto, após uma longa campanha nacional iniciada antes da Primeira República (1889). O Decreto, de nº 21.076, de 24 de fevereiro de 1932, também assinado por Getúlio Vargas, instituiu no Código Eleitoral Brasileiro, o direito ao voto a todas as mulheres sem restrições. Até então, somente mulheres casadas (com autorização do marido), viúvas e solteiras e com renda própria podiam votar. A obrigatoriedade só veio em 1946. (ALVES, 1980), (KARAWJCZYK, 2013).

No final de 1959, a Confederação Brasileira de Desportos, com bases no Decreto-Lei de 1941, proibiu a prática do futebol entre as mulheres – principalmente se estivesse vinculada a clubes ou grupos que disputassem campeonatos -, uma vez que a modalidade era

considerada demasiadamente violenta. E entre as razões, surgiram argumentos médicos que cotoveladas no útero e seios poderiam deixá-las inférteis ou incapazes de amamentar (MORAES; BONFIM, 2017).

Preconceitos das mais variadas ordens (morais, biológica, religiosa, política, dentre outras) restringiram a participação das mulheres nos espaços de atuação do futebol e reiteraram por décadas a naturalização de que o ‘futebol não era coisa para elas’.
(MORAES; BONFIM, 2017, p. 3)

No ano de 1964, início da ditadura militar, o então presidente Humberto de Alencar Castelo Branco, através da Resolução 7/65 do Conselho Nacional dos Desportos, vetou qualquer tipo de prática do futebol de mulheres no Brasil, fosse competição oficial ou apenas um jogo de várzea. Enquanto o futebol se consolidava como identidade nacional, se popularizando nacional e internacionalmente, às mulheres era inadequado e explicitamente proibido.

Somente quinze anos mais tarde, 1979, a Resolução 7/65 foi revogada e voltou a permitir às mulheres o direito de jogar o futebol, fosse em momentos de lazer ou para seguir carreira no esporte (FARIAS, 2014). A partir de então, elas podiam novamente se organizar em clubes e times para participar de campeonatos, assim o número de praticantes legais do esporte – uma vez que o veto havia sido revogado - foi aumentando ao longo das décadas. O primeiro campeonato de nível nacional de futebol praticado por mulheres no Brasil ocorreu em 1983, foi chamado de Taça Brasil de Futebol Feminino (1983-1989) e teve todas as edições vencidas pelo Esporte Clube Radar, da cidade do Rio de Janeiro (FRANZINI, 2004).

A trajetória do esporte brasileiro é marcada por desigualdade entre mulheres e homens, tanta na esfera da participação, quanto na gestão e administração, em diversos aspectos como incentivos, apoios, (in)visibilidades, oportunidades e nas relações de poder.

Em modalidades esportivas como a natação, por exemplo, as mulheres já começaram a mostrar bons rendimentos desde cedo. Como foi o caso da nadadora Maria Lenk, que representava o país em competições nacionais e internacionais, e aos 17 anos estava nas Olimpíadas de Verão de 1932, em Los Angeles. Foi a primeira atleta olímpica brasileira e a primeira mulher sul-americana a participar de uma olimpíada, fato importante para disseminar a imagem da mulher como atleta (GOELLNER, 2005). Esportes como voleibol, basquetebol, natação, tênis e atletismo tornam-se cada vez mais praticados, a partir da metade do século

XX, e as mulheres ganham notoriedade pelos resultados apresentados, em especial, nos esportes coletivos (GOELLNER, 2005). No voleibol, a seleção feminina, formada em 1951, teve sua estreia no Campeonato Sul-Americano, conquistando a medalha de ouro. E, por vezes, garantiu troféus em competições sulamericanas, pan-americana e mundiais.

No basquete, foram campeãs mundiais em 1971 e inúmeras vezes estiveram entre as mais bem colocadas em campeonatos internacionais. No tênis, Maria Esther Bueno ganhou notoriedade vencendo o Campeonato de Wimbledon, nos anos 50 e 60, por oito vezes, na categoria individual e de duplas. No salto em altura, Aida dos Santos, conquistou o 4º lugar nos Jogos Olímpicos de Tóquio, em 1964. Ela foi a única mulher da delegação brasileira naquela edição dos jogos, diferentemente dos homens, viajou sem estrutura nenhuma, sem técnico, material de trabalho, tradutor ou roupa para vestir na cerimônia de abertura. Ademais, contou com o auxílio do médico da delegação de Cuba quando torceu o tornozelo nas eliminatórias para chegar às finais. Sua história exemplifica o tratamento dado às mulheres independente do esporte e dos possíveis resultados.

Tabela 1 - Participação feminina na delegação olímpica brasileira

Ano	Participação brasileira	Mulheres	Porcentagem
1932	85	01	1,1%
1936	95	06	6,3%
1948	79	11	13,9%
1952	108	05	4,6%
1956	48	01	2%
1960	82	01	1,2%
1964	70	01	1,4%
1968	83	03	3,6%
1972	89	05	5,6%
1976	93	07	7,5%
1980	109	15	13,7%

Continua

Continuação

1984	151	22	14,5%
1988	174	35	20,1%
1992	178	51	28,6%
1996	225	66	29,3%
2000	206	94	45,6%
2004	247	122	49,3%
2008	277	133	48%
2012	259	123	47,4%

Fonte: Comitê Olímpico Internacional, 2006, e Comitê Olímpico Brasileiro, 2006⁵.

No campo esportivo brasileiro, construiu-se um distanciamento entre as oportunidades destinadas aos homens e às mulheres, tanto na prática, quanto nas atividades extensivas, como arquibancadas e atividades profissionais relacionadas ao esporte. Ainda que possamos identificar uma crescente presença de mulheres na delegação brasileira a partir dos anos 70, cabe salientar que a participação delas segue uma trajetória de rejeições e controle. Na edição dos Jogos Olímpicos de 68, no México, foi instituído um teste de feminilidade para que as atletas pudessem receber a carteira rosa⁶. Uma prática constrangedora e humilhante, na qual as mulheres tinham que ficar nuas perante uma equipe de examinadores para que esses pudessem certificar-se que eram efetivamente mulheres e não homens querendo disputar as competições de mulheres (LESSA; VOTRE, 2013). Os exames de confirmação de feminilidade duraram oito edições das Olimpíadas, de 1968 à 2000.

1.3. O RÁDIO E O ESPORTE

⁵ Dados extraídos do artigo de Oliveira, Cherem e Tubino (2008, p. 121).

⁶ Uma espécie de passaporte para as mulheres participarem dos Jogos Olímpicos.

O casamento entre rádio e esporte iniciou na década de 30, quando o futebol ainda era praticado e acompanhado pela elite, de diversos estados brasileiros. Entretanto, conforme ia se profissionalizando, deixava de ser um esporte da alta classe e tornava-se popular (ROCHA FILHO, 1997). O rádio foi de suma importância para a popularização do futebol, bem como esse não menos importante para a massificação do rádio, em especial, o rádio esportivo. Inicialmente, as notícias sobre esportes divulgadas no rádio eram, em geral, obtidas a partir de jornais impressos, que traziam informações sobre disputas entre clubes já agendadas ou realizadas, como lugar do encontro, placares das partidas e nomes de esportistas. As notícias divulgadas pelas ondas sonoras eram informações esporádicas sobre vários esportes como remo, boxe, basquete, turfe e o próprio futebol. O radiojornalismo esportivo brasileiro, que na década de 30 ainda não tinha essa denominação, começou a ser desenvolvido com uma mudança cultural, a partir do interesse por diferentes classes da sociedade pelas disputas futebolísticas, conjuntamente à inovação por parte dos profissionais do meio nas transmissões e coberturas esportivas, em especial de futebol.

A leitura de notícias foi ganhando mais espaço nas emissoras em virtude do interesse dos ouvintes/fãs de esportes e do olhar visionário dos radialistas que perceberam o potencial radiofônico de trazer informações das disputas antes mesmo que os jornais impressos. Com isso, foi garantindo espaço nas programações e construindo uma nova linguagem radiofônica, ocasionando transformações na forma de produção e, também, fazendo história na própria história do rádio no país. O gênero esportivo, à medida que conquistava cada vez mais os ouvintes, contribuiu para a permanência do meio e para o desenvolvimento do esporte no Brasil. Edileusa Soares (1994) destaca a importância deste gênero para a história do rádio brasileiro.

O radiojornalismo esportivo foi um dos primeiros gêneros a se firmar no rádio e continua ocupando grande tempo nas principais emissoras brasileiras, com programas permanentes de notícias e comentários durante a semana, que culminam na longa jornada dos dias de jogos. (SOARES, 1994, p. 130)

Para Ortriwano (1985, as irradiações esportivas contribuíram para o desenvolvimento do jornalismo radiofônico devido ao aperfeiçoamento dos equipamentos necessários para a realização das transmissões das partidas e a melhora na qualidade do áudio recebido.

Inicialmente, as notícias esportivas no rádio apareciam de forma pontual através da divulgação de resultados das competições como turfe e remo, não obtendo maiores detalhes nem ocupando muito espaço na programação.

Gonçalves e Zuculoto (2005, p.1) apontam que “o rádio esportivo (...) só se firmou como gênero radiofônico quando escolheu o futebol para ser a principal fonte de conteúdo e ajudou a transformar a modalidade em “paixão nacional””.

Nas primeiras décadas do século XX, o Brasil era um país fragmentado, composto por diversas localidades que viviam em relativo isolamento dos grandes centros urbanos. Isso se torna evidente a partir da década de 1930, com o esforço da política de integração do território nacional e do advento de novas formas de comunicação, principalmente a radiodifusão, e do início da malha viária. Esse contexto, para o futebol, contribui para o sentimento de rivalidade das equipes locais. Como as competições, em grande maioria, eram organizadas entre times da mesma localidade, as disputas se davam de forma intra-local e não inter-local. Eram times de colégio, de determinada rua, de bairros de um mesmo lugar.

Nos anos 20, a maioria dos estados brasileiros já possuía um campeonato de futebol, quase sempre concentrado na capital estadual, por falta de rede viária adequada, de mercado suficiente nas cidades menores ou de maior difusão do futebol no interior. Durante a primeira metade do século XX, foi este o panorama fragmentado do futebol brasileiro. [...] No Brasil, como vimos, as razões do território imprimiram ao processo de adoção do futebol um outro arranjo, multipolarizado e de forte base local, de forma que transcorreram muitas décadas até que fosse possível um campeonato nacional. (JESUS, 2003, p.1)

Um marco para o rádio esportivo é datado em 1931, quando a jornada esportiva radiofônica teve seu início (ALEXANDRINO, 2011) com transmissão de um jogo de futebol, pela Rádio Sociedade Educadora Paulista. Naquele ano, o Campeonato Brasileiro de Futebol estava na sua oitava edição e, até então, era disputado entre seleções de cada estado. Diferentemente do formato que conhecemos hoje, onde vários clubes do mesmo estado podem participar do campeonato, desde que respeitando e seguindo as regras de classificação para integrar o Campeonato. As transmissões dos jogos que, até então, se limitavam a boletins esporádicos informando os principais lances deram lugar a narração detalhada de uma partida.

A primeira foi no jogo entre a seleção de São Paulo e Paraná, no campo da Chácara da Floresta, no bairro da Ponta Grande, em São Paulo (SOARES, 1994, p. 17). Nicolau Tuma é o

grande responsável pela narração precursora e é celebrizado pelo pioneirismo e por construir referência como narrador. A inovação na produção revelou a criatividade do profissional em trabalhar com o imaginário do ouvinte e fez escola na linguagem radiofônica esportiva a ser adotada. Para auxiliar os ouvintes a acompanharem os lances e para que não estranhassem a nova linguagem, já que não estavam acostumados com as narrações futebolísticas, Tuma pediu para que eles imaginassem uma caixa de fósforos onde, do lado esquerdo, estariam os paulistas e do outro lado os paranaenses, equipes que disputavam a partida. Dessa forma, ficaria mais fácil para o ouvinte concluir onde estava a bola ao ouvir a narração (LUPPI; MADEIRA, 2013).

Como nessa época os times não usavam camisas numeradas, a forma de descrever os jogadores era através das características físicas dos atletas. O futebol ainda não tinha conquistado o protagonismo que alcançou mais tarde e por esse motivo, o narrador se preocupou em informar as regras do esporte. Outro cuidado se dava na tradução para a língua portuguesa de termos estrangeiros usados para falar do futebol. O esporte é uma criação inglesa e, num primeiro momento, as palavras, como *corner* referindo-se ao escanteio, por exemplo, também acabaram sendo reproduzidas. Da Luz (2015) cita algumas características sobre o início do esporte no país.

Aqui no Brasil, ainda jogávamos um futebol onde não existia técnico e quem comandava os treinos da equipe era, geralmente, o capitão. Além disso, vários termos utilizados eram provenientes da língua inglesa, como goalkeeper (goleiro), back (zagueiro), winger (ponteiro) e forward (atacante). (DA LUZ, 2015, p. 15)

A experiência de Nicolau Tuma foi rica em detalhes e ele narrou de forma tão rápida, pronunciando até 250 palavras por minuto, que recebeu o apelido de “speaker metralhadora”. “A maneira de narração detalhada e veloz de Nicolau Tuma foi adotada por diversos profissionais” (MONTEIRO, 2007, p. 7).

Rocha Filho (1997, p. 51) destaca que “no início, as condições de narração dos jogos beiravam o assombro” e muitos clubes não permitiam que as transmissões fossem realizadas diretamente do local da partida pois poderia desestimular o público a comparecer e, com isso, afetaria a renda. Não era raro radialistas se instalarem em terraços com vista para o campo para narrar as partidas (ROCHA, 1997). Entre os locais improvisados estavam galinheiros e

telhados de casas vizinhas aos gramados, a situação só começou a melhorar em meados de 1940 (DIAS; LIMA, 2011, p. 5)

Naquela época o locutor não contava com a presença de comentaristas e repórteres. Tuma, desempenhando as funções de repórter e locutor, narra a partida direto das arquibancadas, próximo aos torcedores. Em algumas ocasiões, no início da década de 30, para auxiliar na transmissão o narrador convidava outros profissionais, conforme explica Monteiro (2007),

[...] os locutores de futebol começaram a passar o microfone para os profissionais dos jornais para perguntar a opinião deles sobre a partida. Com o passar dos anos, esse procedimento se modificou, até surgirem os comentaristas do jogo e os de arbitragem, além dos repórteres de campo e os plantonistas. (MONTEIRO, 2007, p. 3)

Naquele período, o rádio brasileiro já desperta o interesse por sua popularidade e seu potencial como um veículo de publicidade economicamente rentável e como poderosa arma de propagação de ideias políticas. Ferraretto (2001) identifica essa fase como o nascimento do rádio como espetáculo massivo e apresenta o rádio como um canal, utilizado pela indústria e pelo comércio, para chegar ao público, inclusive os analfabetos. É no início dessa década, em março de 1932, que o governo brasileiro regulamenta e libera a irradiação da propaganda comercial, através do Decreto Lei nº 21.111, “reiterando que considerava a radiodifusão como um setor de interesse nacional com finalidades educacionais” (CALABRE, s.d., p.3).

Com a regulamentação da publicidade no sistema comercial de rádio, Nicolau Tuma inova com anúncios comerciais durante os jogos. A iniciativa é utilizada até hoje como forma de arrecadar verbas e viabilizar as transmissões. Segundo Da Luz (2007, p.24), “o narrador criava a sua agência e, rapidamente, jingles eram lidos durante as transmissões. As empresas que anunciavam conseguiam boas vendas apenas lembrando que participariam da transmissão de domingo”.

Com os comerciais veiculados nas rádios não só os caixas das emissoras se fortaleceram, conseqüentemente, os reflexos são sentidos na programação que passa a ser diversificada, abandonando o papel de mero transmissor de músicas e, em alguns casos, de longas palestras que o rádio cumpria, para tornar-se um meio de entretenimento, composto por programas de atrações variadas (MOREIRA, 2002). As mudanças incluem a composição

das equipes que produzem os programas radiofônicos, incluindo os esportivos. Moreira (2002, p.71) destaca para o caráter amador nas duas primeiras décadas de existência, em que os primeiros profissionais tinham pouco ou nenhum conhecimento técnico do meio mas eram movidos por uma “imensa paixão pelo novo veículo” e exploravam suas potencialidades com as produções radiofônicas.

Ortriwano (1985) conta que com o surgimento da Rádio Record, em 11 de junho de 1931, na pessoa de César Ladeira, deu-se início ao *cast* profissional, exclusivo e com remuneração mensal. A medida foi adotada, também, por outras emissoras, de grande e pequeno porte, inclusive de outros estados, que entraram na concorrência por astros populares e orquestras filarmônicas para fazer parte da equipe fixa da emissora.

Nessa época, o rádio se revelava uma poderosa arma a ser usada para interesses políticos em diferentes países. Na Alemanha, era o principal meio de comunicação entre Hitler, os alemães e o mundo e se tornou um veículo importante na disseminação da propaganda ideológica e cultural a fim de assegurar apoio à guerra. No Brasil, é na Revolução Constitucionalista que fica evidenciado o poder que o rádio exercia de integrar a sociedade, tanto quando as rádios paulistas divulgaram os acontecimentos do conflito entre forças federais e a cidade de São Paulo para o restante do país, quanto essas emissoras disseminaram a propaganda e contra-propaganda ideológica por parte do Governo Federal. O rádio saiu fortalecido após o fim da batalha em razão do seu desempenho e alguns profissionais ganham reconhecimento a nível nacional.

O rádio foi um meio de comunicação com grande poder de penetração entre as massas e, portanto, um instrumento importante na esfera política sendo usado na promoção de figuras que estavam ou desejavam ocupar cargos de poder (ORTRIWANO, 1985).

Em se tratando de esporte, a década de 30 é marcada por fatores que fortaleceram a prática de diversas atividades e o futebol adquire um valor social muito grande. Vale destacar que o futebol surge no Brasil como esporte de elite, mas não se restringia somente à elite do eixo Rio-São Paulo. Diferentes regiões do território brasileiro, já no começo do século XX, manifestaram gosto pela atividade. No Rio Grande do Sul, os primeiros times são datados de 1900, como o Sport Club Rio Grande. Em Recife, no ano de 1905 é formado o Sport Club Recife. Em Manaus, geograficamente afastada dos centros urbanos que cresciam nas regiões mais ao sul do país, o Eleven Nacional Foot-Ball é formado em 1913. De modo que, é na

década de 30 que o esporte passa a ser entendido como cultura de massa o que reflete no espaço garantido na programação radiofônica.

A jornada esportiva se tornou parte obrigatória da programação das rádios que buscavam conquistar e prender a atenção dos ouvintes.

As longas programações nos dias de jogos, que as emissoras passaram a intitular de jornadas, e a cobertura cotidiana da reportagem, por exemplo, acompanhando de perto cada time, inclusive com setoristas, tornaram-se inseparáveis principalmente das emissoras que se dedicam ao jornalismo. Por isso, ao observarmos a história do rádio, sempre é possível refletir que as coberturas esportivas estão determinantemente ligadas ao meio. (ZUCULOTO, MATTOS, 2017, p. 2)

Em 1936 foi inaugurada a Rádio Nacional do Rio de Janeiro, a estação modelo da constituição histórica da radiofonia brasileira, e incluiu na sua estreia a transmissão de uma jornada esportiva sendo esta uma das principais atrações (ZUCULOTO ; MATTOS, 2017).

A Rádio Nacional foi a primeira emissora brasileira a ter uma redação própria, transformando o modo de fazer jornalismo radiofônico -- de leitura de jornais impressos para produção de notícias -- garantindo um padrão de qualidade no radiojornalismo nacional. O “Repórter Esso”, apresentado por Heron Domingues, por duas décadas foi o principal noticiário da rádio brasileira até a implantação da televisão no país. A emissora inovou no radiojornalismo esportivo com o chamado “sistema duplo” de transmissão das partidas de futebol, dividindo o campo de jogo em dois setores, cada locutor acompanhando o ataque de um dos times.

Com um espaço de tempo maior e relevância na programação, o gênero esportivo constrói outro marco histórico ao transmitir uma copa do mundo diretamente da França, em 1938. Nos seus quatro primeiros anos de existência, a Nacional cresceu e passou a disputar o primeiro lugar de audiência. Como os lucros obtidos com publicidade foram aplicados na melhoria da estrutura da Rádio Nacional, foi possível ter em seu quadro de profissionais os melhores músicos, cantores e radioatores da época. O investimento nos equipamentos e instalações também permitiu um alcance quase total no território nacional, sendo a pioneira na integração cultural do país. Em 1940, a rádio, que era privada, tornou-se a rádio oficial do Brasil ao ser encampada pelo Estado Novo, de Getúlio Vargas (CREPALDI, 2009).

Na década de 40, o rádio brasileiro inicia a sua chamada fase de ouro “o setor radiofônico era forte e já bastante profissionalizado. A lógica do trabalho havia sido invertida: os artistas eram de rádio e também trabalhavam em outros setores” (CALABRE, 2003, p.3). O radiojornalismo, por conta da Segunda Guerra Mundial, vivencia um desenvolvimento provocado pela necessidade de transmitir informações de forma ágil sobre a batalha, na qual o Brasil estava envolvido. O desenvolvimento tecnológico, em decorrência da guerra, ocorre por necessidade e investimento dos países envolvidos no conflito e contribui para o aperfeiçoamento em diversas áreas, principalmente a da comunicação. O aprimoramento de equipamentos e sistemas de transmissão usados pelos meios de comunicação consequentemente impulsionou as programações noticiosas como um todo, sendo o radiojornalismo um dos beneficiários direto. Outro fator que contribui para o rádio brasileiro viver essa época de ouro, é a injeção maior de verba publicitária em programas de rádio.

Empresas multinacionais instaladas no Brasil viam no veículo, com grande popularidade e audiência, uma maneira eficaz de divulgar seus produtos e serviços. Nesse contexto, chega às ondas radiofônicas brasileiras o programa Repórter Esso, considerado marco da constituição histórica do radiojornalismo nacional e determinante para o seu padrão. O programa teve extrema relevância na transformação da linguagem radiofônica que, inicialmente, caracterizava-se pela forma de produção jornalística baseada em somente ler notícias de jornais, e passando a explorar mais certas características específicas do meio, em especial a do imediatismo, e a desenvolver uma linguagem própria. O uso de frases curtas e linguagem simples estavam entre as características das notícias. Outro diferencial está na periodicidade, com cinco edições diárias o Repórter Esso em horários definidos que, consequentemente, estabelece uma rotina de recepção para o ouvinte. É a transformação da palavra estática para a palavra elástica, como explica Meditsch (1999, p. 114).

A transformação da palavra estática, forma escrita, para a palavra elástica, forma falada, defrontou-se com inúmeras situações novas. As notícias, nas ondas sonoras, eram apresentadas exatamente como eram escritas na imprensa. Era a “transposição fiel da experiência gráfica através do “jornal falado” (MEDITSCH, 1999, p. 114)

Assim, a partir do desenvolvimento do próprio radiojornalismo, ocasionado pela Segunda Guerra, o rádio informativo se implantou de forma definitiva e se desenvolveu com características mais adequadas ao meio, como a rapidez e a instantaneidade.

Para Rocha Filho (1997, p.48), o reinado do rádio foi absoluto “como um filho adotivo de todos os lares” até o surgimento da TV, em 1950.

A televisão chegou ao Brasil por intermédio do jornalista Assis Chateaubriand, inaugurando a Televisão Tupi Difusora de São Paulo, PRF, canal 3 (ROCHA FILHO, 1997). Com o novo meio de comunicação, os programas muito populares no rádio migraram para a tevê e foram se adaptando ao novo meio, como aconteceu com as radiodramatizações e programas de auditórios, por exemplo.

Nesse período, as emissoras de rádio já incluíam na grade os programas esportivos, inclusive, algumas tinham no departamento de esportes o maior investimento, conforme a Revista do Rádio (1950, p. 19), na edição de nº 29, dá destaque ao alto valor da verba gasto pelo departamento de esporte da Rádio Tupi, que era “superior à destinada por muita estação para todo o seu pessoal incluindo artistas, técnicos e músicos”. Melo (2012) informa que,

as emissoras de rádio AM (...) tem nos investimentos direcionados ao jornalismo esportivo, aos programas de esporte, um volume maior do que todos aqueles voltados aos outros segmentos da rádio. De forma mais específica ainda, são investimentos voltados ao universo do futebol, do futebol masculino profissional. (MELO, 2012, p. 27-28)

O esporte, tendo como carro-chefe o futebol, também foi inserido nas programações televisivas. E já no primeiro ano de implantação da televisão no país, o novo meio realizou a primeira transmissão esportiva de uma partida de futebol, entre São Paulo e Palmeiras. O futebol tinha consolidado seu espaço nos meios de comunicação e o conteúdo esportivo tornou-se indissociável do desenvolvimento das mídias, em especial do rádio. Com o impacto sofrido pelo rádio, diante do advento da televisão, o radiojornalismo esportivo assume papel importante contra o declínio do meio e sua decretada morte. De acordo com Guerra (2012):

Tão logo imaginou a possibilidade de ser ameaçado pela concorrência das transmissões dos jogos pela televisão, o rádio reagiu com o que possui de mais forte: agilidade e imaginação. Enquanto a TV apresentou como novidade uma infinidade de números, tira-teimas, introduzindo estatística como suporte para a equipe que transmitia, o rádio fortaleceu a prestação de serviço. Nas concentrações, nas ruas,

nos vestiários, falando de trânsito, do posto médico do estádio, o rádio optou por trazer mais jornalismo às suas transmissões esportivas. Tudo isso, sem abandonar a linguagem específica. (GUERRA, 2012, p. 13)

A transmissão esportiva televisionada acabou com “o recurso da fantasia, do ‘direito de mexer com o imaginário’ do telespectador apenas com as palavras” (GUERRA, 2012, p. 13), provocada pela narração radiofônica. O novo meio explorava o recurso da imagem, dispensando o telespectador de imaginar o que estava de fato acontecendo. No entanto, a linguagem específica usada nas narrações esportivas, que já tinha conquistado o torcedor, foi um dos fatores determinantes na luta para mantê-los fiéis ao velho radinho.

Em 1955, “o rádio saíria a passeio com o seu dono, voltando a disputar com a televisão um espaço de honra na vida contemporânea” (ROCHA FILHO, 1997, p. 49). O autor refere-se a chegada dos rádios transistorizados, para os amantes do futebol, em especial, o famoso radinho de pilha, que substituiu as grandes e obsoletas válvulas, não sendo mais necessário uso de tomadas, nem ocuparia grandes espaços nos cômodos das residências.

Se a TV tem a imagem a seu favor, o rádio tem a instantaneidade na informação. “No aspecto exclusivamente jornalístico, o senso comum diz que o rádio tem a possibilidade de informar o fato no momento em que ele ocorre e direto do chamado palco de ação deste acontecimento” (FERRARETO, 2001, p. 46). Além de dar ao ouvinte a mobilidade de fazer outras coisas enquanto escuta a programação (CÉSAR, 2005).

O período foi marcado por mudanças profundas nas estruturas sociais, culturais, econômicas e políticas da sociedade brasileira. E os profissionais da área da comunicação estavam passando por adaptações decorrentes destas mudanças e por experimentações nos formatos, linguagens e estilos que cada veículo buscou como forma de garantir a sobrevivência e aceitação do público.

É importante ressaltar que a transmissão televisiva brasileira teve início em 1950, porém somente alcançou um número significativo de aparelhos receptores na década de 60. Ou seja, entre os anos 20 e os 60 do século XX o rádio foi o principal veículo de comunicação de massa do Brasil. (CALABRE, s.d., p. 2)

Os narradores esportivos que trabalhavam no rádio e que foram contratados para fazer as primeiras transmissões esportivas televisivas se depararam com a necessidade de adaptar a linguagem ao novo meio, conforme explica Guerra (2007).

(...) alguns que foram para a mídia audiovisual não conseguiram mudar suas falas, trazendo as características do rádio para a televisão.[...], percebemos que nas narrações esportivas televisivas, fala-se do óbvio, os locutores esquecem que as imagens falam por si. A fala e o texto deveriam ter a função de ajudar a compreender e não a de criar uma imagem, para o telespectador, já que este está diante dela. (GUERRA, 2007, p. 8)

Soares (1994) ao escrever sobre a imprensa esportiva brasileira conta que alguns desses profissionais levaram consigo a agilidade da narração que realizavam no antigo veículo e poucos conseguiram se adaptar. Um desses foi Geraldo José de Almeida que conseguiu se adequar à linguagem televisiva “e foi um dos poucos narradores do radiojornalismo esportivo a dar certo no novo meio de comunicação” (SOARES, 1994, p.106). Outro profissional que dominava a arte da improvisação na narração e teve êxito na mudança do rádio para a TV foi Rui Viotti. Marini (2005) traz o depoimento de Viotti, um dos pioneiros em coberturas esportivas internacionais, que conta como resolvia os problemas ocorridos durante alguma transmissão esportiva, no rádio, na base da improvisação e criatividade:

[...] era um jogo do Vasco na França. Em algumas ocasiões, a gente dublava outra estação. Eu comentava e o Júlio Delamare narrava. Como sabíamos um pouco de francês, ligamos numa rádio de lá e mandamos ver. Delamare sentiu-se mal, saiu e eu assumi a narração. Ele voltou e eu disse: está zero a zero. No segundo tempo, ele disse: está um a zero para eles! Eu me assustei: o cara não gritou gol. Ele: mas em francês não se grita gol, a palavra é outra. O jeito foi “narrar” um gol do time francês na segunda etapa. Tudo invenção. Não havia imagem, ninguém via nada. Era o jeito. (MARINI, 2005, online)

Os profissionais pioneiros da televisão, na grande maioria, tiveram sua formação no rádio. Na área esportiva, a contribuição do rádio é indiscutível tanto na formação dos profissionais que migraram para construir a história da TV brasileira, quanto na construção da identidade cultural brasileira transformando o futebol na grande paixão nacional (MENDES, 1999, 2006). O autor aponta a narração como uma incorporação cultural e o narrador esportivo como porta-voz desta manifestação. Rocha Filho (1997) relata que, quando a TV brasileira

surgiu, a narração esportiva já era um gênero narrativo oral consolidado, que teria que ser repensado para a telinha.

Era caracterizada, basicamente, por uma velocidade de fala acelerada, visando preencher os espaços de silêncio e a ausência da imagem, e por recursos fôrucos que buscavam associar a emissão do som à cena narrada, ressaltando as situações emocionais mais específicas, tais como expectativa, frustração e surpresa. (...) desde o início tomou-se clara a necessidade de desenvolver, conscientemente ou não, marcas de estilo que caracterizassem o gênero narrativo da televisão. O andamento não poderia ser demasiadamente acelerado, pois a imagem ali estava como mais um elemento informacional para o torcedor. (ROCHA FILHO, 1997, p. 53-54)

O futebol, transformado em paixão nacional, conjuntamente com o rádio, em muitos momentos históricos foi usado para fins que ultrapassava a mera prática esportiva e assumia importante papel em dimensões econômicas e políticas. Transformado em ferramenta, estrategicamente, usada como arma política para amenizar as crises nas quais o Brasil encontrava-se. Gonçalves e Camargo (2005, p.9) apontam que “a transmissão e veiculação da informação esportiva eram muito utilizadas pelas forças políticas (classe dominante) para alienar o povo e manter a ordem”. Um desses momentos ocorreu na metade do século XX, quando o Brasil passava por uma transformação política e social resultante das ações governistas para modernizar o país e obter avanços econômicos. Como consequência, as populações rurais migraram para as cidades causando um desequilíbrio no mercado de trabalho e um excesso de mão-de-obra. Greves e protestos por parte dos trabalhadores da classe operária eclodiram de norte a sul do país, buscando melhores condições de trabalho. Nesse cenário, acontecia a Copa do Mundo em terras tupiniquins e o povo esqueceu os problemas sociais e econômicos durante o evento, segundo Crislaine Messias ([20--]) :

[...] mesmo com toda desordem e conflito, o país parou, simplesmente parou para venerar o futebol. O Brasil sediava uma Copa do Mundo e o povo, entorpecido pela arte da bola, foi para os estádios gritar por um título que, no final, ficou preso na garganta. (MESSIAS, [20--], online)

Ainda em outros momentos da história os eventos esportivos, principalmente o futebol, foram usados como forma de tirar o foco dos problemas que estavam ocorrendo no país e acalmar o descontentamento do povo brasileiro. O uso dessa estratégia política

baseia-se no fator cultural do país, onde o sentimento pelo esporte é passado de pai para filho, como bem descreve Crepaldi (2009):

O futebol no Brasil vai muito além de uma simples atividade esportiva capaz de enriquecer cidadãos desprovidos de renda, ele está presente na vida dos indivíduos desde seu nascimento. Ao mesmo tempo em que meninas aprendem a brincar com bonecas e a se maquiar, milhões de meninos brasileiros recebem como presentes em suas infâncias, além de carrinhos, bolas de futebol e camisas dos clubes para os quais pessoas próximas torcem e insistem em que o pequeno indivíduo também o faça [...]. (CREPALDI, 2009, p. 41)

Para Guedes (2009, p.453), essa relação cultural com o esporte pode ser entendida pela ótica do pertencimento, ao incorporar-se em “ícones de identidade” que “podem ser difundidos, como estratégia política de produção de identidade, pelas classes dominantes ou podem ser potencializados por diferentes meios após terem se popularizado”. O futebol transformou-se no principal veículo de produção de brasilidade, dentre outros símbolos que representam o país, como candomblé, feijoada e samba. Fry (1982) chama-nos a refletir a questão de que no Brasil tais símbolos nacionais tenham sido produzidos por grupos dominados (p. 52), diferentemente de outras sociedades capitalistas, e entre suas explicações para tal está a apropriação desses ícones culturais pela conveniência política de usá-los como ferramenta para garantir a dominação. O que possibilita entender o motivo para essa paixão nacional ser usada como entorpecente social em momentos de insatisfação, seja através da realização de grandiosos eventos ou na forma de apoio para clubes e campeonatos.

Ao observarmos a história do rádio é possível verificar que as coberturas esportivas estão indiscutivelmente ligadas à esse meio de comunicação em diversos momentos dessa trajetória e, portanto, intermediário nessa relação política-cultural,

Já se vivia, então, o radinho de pilha. E eu, no quintal de casa, num domingo de manhã, [...] acompanhei a emoção do narrador Mendes Ribeiro, pelas ondas da Rádio Guaíba, transmitindo o jogo final entre o Brasil e os anfitriões, a Suécia. E quando o juiz deixou de marcar o gol a favor do Brasil, e quando o Brasil, apesar de tudo, ganhava o jogo, sentenciava Mendes Ribeiro, para a indignação e a recompensa de todos nós: “Deus não joga, mas fiscaliza”, e quando trilou o apito do (para nós) árbitro ladrão, a gente respirou aliviado e realizado: éramos campeões do mundo. Esta emoção se repetiu no Chile, ainda graças ao rádio, mas foi diferente no México, quando alcançamos o tricampeonato. Já surgira a televisão [...]. Mas os tempos andaram [...], o rádio, apesar de tudo, não desapareceu. Pelo contrário, encontrou o seu nicho e sobrevive muito bem, obrigado. É o torcedor que vai ao campo levando o radinho consigo. É o ouvinte que, sim, fica de olho na televisão, mas prefere acompanhar a narrativa do jogo pelo rádio, mesmo quando um dos dois

meios de transmissão enfrenta delays [...]. Confesso que optei, definitivamente, pela narrativa do rádio, que é muito mais emocionante e dramática. (HOHLFELDT, 2012, p. 20-21)

O relato de Antônio Hohlfeldt, analisado tanto sob a perspectiva de pesquisador quanto de um ouvinte torcedor, exemplifica e reforça a importância do rádio esportivo e de como vem sendo um dos protagonistas da história do meio. Sendo o rádio esportivo um dos gêneros primordiais no entendimento dos percursos do rádio e seu jornalismo, trata-se de um segmento que ainda carece de estudos sobre sua conformação histórica, a partir da perspectiva que para se refletir o presente e mesmo projetar possibilidades de futuro, faz-se necessário reconstituir e compreender o passado. “[Nelson Werneck Sodré] propunha uma história engajada, partindo do pressuposto que elementos do passado podem lançar luz sobre os problemas contemporâneos.” (BARBOSA, 2007, p. 3). Assim sendo, busca-se compreender a ausência de mulheres no radiojornalismo esportivo catarinense, assim como acontece à nível nacional, e para tanto a que se compreender como se constituiu esse segmento na radiofonia de Santa Catarina.

1.3.1. A voz feminina no rádio e a participação das mulheres na produção do radiojornalismo brasileiro

No início do século XX, comumente entendia-se que o papel da mulher na sociedade restringia-se ao de dona de casa, responsável pelo lar, pelo zelo da família e educação dos filhos. Entretanto, décadas antes, na metade do século XIX, com o crescimento da imprensa no país, uma parcela das mulheres já buscava espaço na imprensa alternativa participando ativamente na disseminação de suas ideias, sobre qual seria o verdadeiro papel social da mulher, e das lutas por direitos como educação, profissionalização e direito ao voto (MUZART, 2003). Muitas delas desenvolveram a escrita, principalmente, na imprensa através de manifestos e na literatura, como foi o caso das escritoras Clarice Lispector (1925-1977), Raquel de Queiroz (1910-2003), Cecília Meirelles (1901-1964), entre outras (CASADEI, 2011).

O mercado de trabalho de modo geral, incluindo o mercado jornalístico, abriu-se para as mulheres num contexto de instabilidade financeira, onde passou a dar oportunidade de vagas para elas como opção de mão-de-obra de menor custo comparada com a dos homens (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2017). Entretanto, a participação delas era limitada por diversos aspectos: condições de ambiente de trabalho com estrutura física inapropriadas para receber profissionais do sexo feminino; restrição à funções, que, inicialmente, eram exclusiva dos homens; bem como, aos assuntos sobre os quais elas poderiam escrever e assinar.

As empresas jornalísticas eram pensadas e construídas como ambiente de sauna brega: só para homem. Nem havia banheiro feminino. No Estadão, à noite, quando fervia o trabalho jornalístico, as mulheres não eram aceitas nem na mesa telefônica. Havia mulheres como telefonistas, mas só durante o dia. À noite, um homem é que operava. Mulher podia ser telefonista, faxineira ou servir para fazer o café: circulava na área de serviço (RIBEIRO, 1998, p. 31)

As editorias atribuídas à elas tinham pouca expressão social, geralmente assuntos relacionados aos cuidados com a casa, família e moda. Os temas de maior relevância, considerados “sérios”, eram reservados aos homens (ABREU, ROCHA, 2006; p.10)

Para Liidtke (2003, on-line) o preconceito que envolvia a mulher limitava-a “unicamente a escrever receitas e similares”.

É inconcebível crer, entretanto, que a mulher não possua capacidade para lidar com jornalismo sério. Por que então só o homem? Talvez por que Adão deu o primeiro grito da história, tornando assim o sexo masculino dono da comunicação mundial? Ridículo. Por séculos e séculos, a imprensa teve bigodes, chapéu, cheiro de cigarro e sapatos pretos. Onde estaria o outro modelo da espécie humana? (LIIDTKE, 2003, on-line)

Pode-se dizer que na radiodifusão brasileira, as mulheres integraram a equipe de operadores do rádio entre os precursores. Beatriz Roquette-Pinto, filha de Edgard Roquette-Pinto fundador da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro – PRA-2, em 1923, acompanhou o pai nos primeiros anos de execução do projeto da Rádio Escola Municipal, que tinha como objetivo principal disseminar a educação. Trabalhando em programas que transmitiam o saber, cumprindo o papel incubido ao rádio de propagador da educação no país, idealizado por Roquette-Pinto. Nos anos 30, nomes como o de Ilka Labarte, que revezou o

microfone com Beatriz Roquette-Pinto na PRD 5 - Radioescola Municipal - ensinando os conteúdos do currículo da escola primária (MOREIRA, 2000), o de Zenaide Andrea que desempenhou a função de apresentadora na Rádio Record – PRB- 9, em São Paulo, e de Natália Peres, que iria consagrar-se com o pseudônimo de Elizabeth Darcy, já faziam história na radiodifusão brasileira. Natália Peres foi a primeira locutora comercial contratada, estreando em 26 de dezembro de 1931, pela Rádio Record na qual permaneceu por muitos anos (PASQUALINI, 2012). A locutora era mãe do comentarista esportivo Sylvio Luis. Zenaide Andrea começou sua carreira na imprensa escrita.

Nascida em 19 de dezembro de 1904, Zenaide Andrea de Oliveira Costa foi casada com o também escritor e jornalista Jarbas Andrea de Araújo Costa. Da mesma forma que a crítica Tati Moraes, uma das esposas de Vinicius de Moraes, Zenaide também ficou conhecida com o sobrenome do marido, crítico de teatro e funcionário público do Serviço Nacional do Teatro (SNT). Mas diferentemente de Tati, Zenaide tornou-se muito mais conhecida do que Jarbas. Zenaide começou sua carreira como jornalista ainda jovem, no final dos anos 1920. Começou a escrever sobre cinema na revista carioca Frou-Frou, em 1929, e mais tarde no jornal Diário da Noite, em São Paulo, onde logo assumiu a direção dos assuntos de cinema, assim como no Correio da Tarde. Seus escritos não se resumiam a cinema e suas atividades não se restringiram à crítica. Atuou em teatro, traduziu livros e peças, e foi uma das pioneiras locutoras radiofônicas do Brasil, ainda que essa faceta de sua carreira mereça estudos mais aprofundados. (FREIRE, 2018, p. 245)

A partir das décadas de 40 e 50, a "era do rádio espetáculo" formada por programas de auditório, musicais e radionovelas predominavam nas programações do meio. As mulheres desenvolvem atividades nos diferentes modelos de programas e garantem seu espaço, conquistam o público e conquistam a audiência. Durante a chamada "Era de ouro", período marcado pelos concursos de calouros, programas de auditório, radiodramas e fã-clubes, esta participação se amplia, com destaque para as funções de atriz e cantora. Os concursos de Rainha do Rádio, que tiveram início em 1937, contribuíram para a visibilidade e a popularidade das cantoras, principalmente, nas grandes emissoras cariocas. As cantoras do rádio, um fenômeno de sucesso, atraíam uma legião de fãs aos auditórios das rádios, batiam recordes de recebimento de cartas e dividiam os ouvintes como torcidas de futebol rivais, que apoiavam uma ou outra cantora.

A relação da mulher com o trabalho no rádio é bastante próxima. Durante a trajetória do rádio no Brasil, as mulheres tiveram uma atuação fundamental em dois gêneros que por muito tempo foram sucesso: a radionovela e o rádio teatro. Nos

anos 40, com a criação da novela - onde o enredo desenvolve-se de forma encadeada em vários capítulos, sendo que cada episódio tem começo, meio e fim - que o rádio se transformou em um espetáculo que atraía grande número de ouvintes. No final da mesma década, já não se tratava apenas de reproduzir as peças, mas sim de transmiti-las usando elementos da linguagem radiofônica: a voz, a música, o efeito sonoro e o silêncio. (DA LUZ, 2015, p. 49)

Muitas mulheres fizeram carreira no rádio como radioatrizes em emissoras de vários estados brasileiros. Bem como, algumas mulheres desempenhavam a função de locutoras de programas de diversos gêneros. No geral, os assuntos abordados nestes programas, assim como ocorreu na imprensa escrita, eram aqueles considerados de interesse do público feminino. Falar de beleza, culinária, ler cartas e dar conselhos sobre relacionamentos amorosos, apresentar programas musicais eram alguns dos inúmeros tipos de programas que as mulheres podiam participar e produzir.

Em Santa Catarina, a primeira mulher da radiodifusão catarinense que se tem notícia é Atalá Branco. A radialista foi responsável por um programa ao vivo, no horário da manhã, das 9h às 11h, na Rádio Clube de Blumenau, integrando a primeira equipe da emissora pioneira do estado. (MEDEIROS; VIEIRA, 1999). “Na primeira fase, não se pensava ainda na função jornalística do rádio. Eventualmente lia-se algumas notas publicadas pelos jornais ou emitia-se alguma comunicação a pedido.”(MEDEIROS, 1996, p. 117) Medeiros e Vieira (1999), citam outras radialistas que contribuíram para o desenvolvimento da radiodifusão, como Irene Souza Boemer e sua irmã, Hilda Souza (Difusora de Itajaí), Maria Gonçalves e Ruth Costa (Difusora de Joinville) e Maura Regina Andrade (Catarinense).

A participação das mulheres na radiodifusão catarinense era conhecida nacionalmente e conquistava espaço na seção *Rádio nos Estados*, da Revista do Rádio, em inúmeras edições. Exemplo disso pode ser conferido na edição de nº 63, de novembro de 1950, que traz uma foto de Maria Ina, com a seguinte legenda “Maria Ina, locutora da Rádio Clube de Lages, de Santa Catarina, é uma das mais populares figuras do rádio sulino”. Já na edição nº 190, de 1953, quem ganha destaque é Neyde Maria, “do rádio de Florianópolis, é um dos valores positivos do progressivo rádio de Santa Catarina”. No ano de 1955, Elizabeth Lena é citada pelo seu destaque no elenco de rádio-teatro na Rádio Tubá, de Tubarão, na edição nº 302, que traz também uma nota sobre outra mulher da radiodifusão catarinense “Sandra tem recebido referências elogiosas pelas suas atuações em diversos programas da

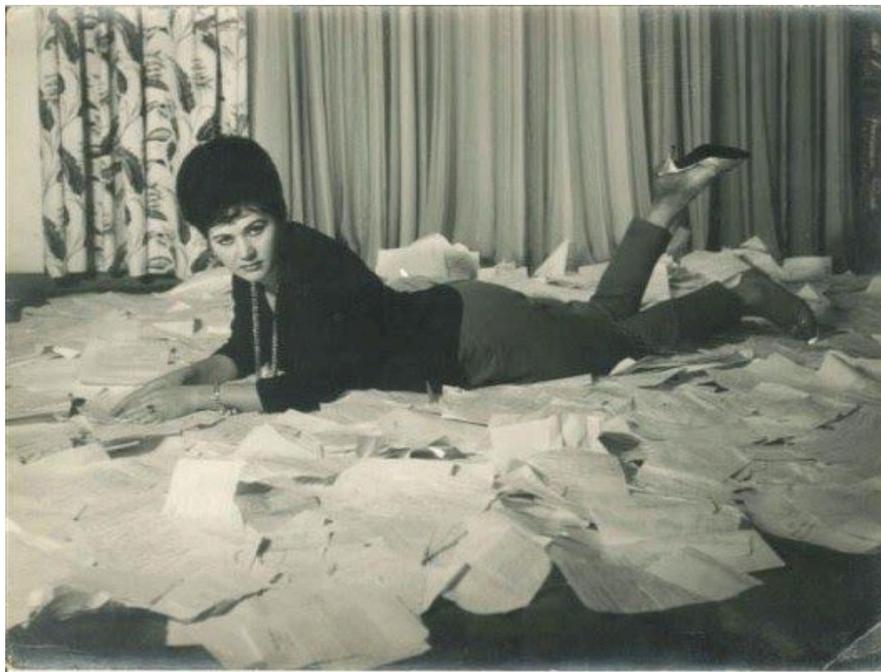
“Caçula” de Florianópolis”. A transferência de Iracema Andrade, “uma das melhores locutoras do Estado”, da Rádio Anita Garibaldi, de Florianópolis, para a Rádio Miramar, de Camboriú, é notícia na edição 395, de 1957.

No sul do estado, Adelaide Delci Broleis, conhecida pelo nome artístico, Kátia Broleis, considerada uma das estrelas do rádio no sul catarinense, iniciou sua carreira como radialista no final dos anos de 1950, pela Rádio Eldorado.

Recém chegada na emissora, a comunicadora ganhou destaque. Junto com Antônio Luiz, outro nome marcante da comunicação do Sul de Santa Catarina, Kátia apresentou o maior programa de interação com o ouvinte no final da década de 50, o Caros Ouvintes. A partir daí, Kátia já despontava como uma grande comunicadora, um misto de dicção perfeita, impostação de voz, entonação, talento e simpatia. Em 1959, Kátia seguiu sozinha na apresentação do Caros Ouvintes. A ex-radialista recebia milhares de cartas dos ouvintes, eram correspondências de todos os tipos de pessoas, com todos os dizeres. “Foi uma coisa impressionante esse programa, olhando nas fotografias a quantidade de cartas dá para notar. Eram montanhas, muitas e muitas cartas”, recorda à comunicadora. (SAVIATO, 2012, online)

Graças a sua simpatia e ao seu domínio técnico no uso da voz que lhe garantiram reconhecimento dos profissionais da área, tornou-se figura de destaque na radiodifusão de Criciúma/SC. Desempenhou funções de radioatriz, cantora e locutora de programas, se tornando recordistas de cartas.

Figura 2 - Katia Broleis deitada nas correspondências que chegavam para o seu programa na Rádio Difusora



Fonte: Arquivo pessoal da família de Kátia Broleis.

Pelo fato de ser uma das raras mulheres nas equipes radiofônicas nos anos iniciais, tornou-se uma profissional engajada no auxílio às demais colegas que optavam pela comunicação e repassava os ensinamentos adquiridos na prática, pois o radiojornalismo é constituído de forma hegemônica masculina.

Com a regulamentação da profissão de jornalista, pelo Decreto-Lei 972/69, estabelecendo as regras para exercício da profissão de jornalista, incluindo a obrigatoriedade do diploma, a presença da mulher no jornal impresso, rádio e TV, é registrada de forma mais acentuada. Nesse contexto sócio-histórico do mercado jornalístico, até então constituído por homens que, em geral, não tinham formação acadêmica, se profissionalizando na prática, surge a oportunidade das mulheres ingressarem neste espaço de trabalho. O campo acadêmico universitário, “menos marcado por questões sexistas na seleção e desenvolvimento dos ingressantes” possibilitou às mulheres um percurso mais acessível até as redações (VASCONCELOS; RUBBO, 2009, p. 3).

A trajetória do meio radiofônico passa por diversas transformações e uma delas está na constituição das equipes que produzem os programas. Isso também ocorre no radiojornalismo esportivo, como destaca Monteiro (2007):

[...]ao longo da história das transmissões de futebol no Brasil, as rádios evoluíram, no sentido de valorizar outros aspectos na transmissão, a fim de facilitar o trabalho do narrador. No início, o locutor narrava sozinho e não podia deixar que o silêncio dispersasse o ouvinte. Atualmente, essa técnica foi aprimorada, dispondo de uma equipe de repórteres, redatores, comentaristas, técnicos e radioescutas, além dos efeitos de som. (MONTEIRO, 2007, p. 6)

As mudanças acontecem, de forma geral, em muitos espaços sociais. Conforme aponta Lia Habib (2006) as mulheres começaram a ocupar espaços na sociedade que até então eram exclusivamente para homens. Passaram a construir conjuntamente com eles uma nova realidade social, também no campo de trabalho. E na comunicação não foi diferente. Além do papel que lhes cabia até metade do século XX, de personagens das reportagens, passaram a fazer o jornalismo, assumindo uma das mais importantes estruturas do poder, a mídia.

Em 1970, o número de mulheres nas redações jornalísticas já era expressivo. Em 1986, 36% do quadro profissional do país já era ocupado por elas; esse percentual sobe para 52% no ano de 2006, de acordo com dados do Ministério do Trabalho, mostrando uma maioria de jornalistas mulheres nas redações (ROCHA, 2004). Em 2012, os jornalistas brasileiros eram majoritariamente mulheres brancas, solteiras, com até 30 anos. Em cada 100 jornalistas, 64 eram do sexo feminino (MICK, LIMA, 2013).

Coelho (2004) relata que era possível constatar a inserção das mulheres nas redações em campos mais neutros, como é o caso do radiojornalismo. No entanto, no segmento esportivo, era praticamente impossível de ver mulheres até o início dos anos 70, quando isso começou a mudar paulatinamente. Entre as inúmeras justificativas para essa mudança acontecer de forma lenta, estava a falta de condições dos ambientes de trabalho para receber as profissionais mulheres e que, conseqüentemente, as colocavam em desvantagem aos profissionais homens, como bem exemplificou José Hamilton Ribeiro (1998), conforme citado anteriormente.

1.3.2. As pioneiras do radiojornalismo esportivo

Desde o início dessa prática do futebol existe um abismo entre as oportunidades apresentadas às mulheres e aos homens no desenvolvimento de características no que diz respeito a ter ou não “conhecimento e propriedade” para torcer, jogar ou entender sobre esse esporte. (MORAES; BONFIM, 2017, p. 8)

A participação das mulheres nas equipes esportivas de rádio, inicialmente, era quase inexistente e assim permaneceu por muito tempo, quando raras vezes identificada era relativa à atividades, espaços e funções longe do microfone. Elas tinham permissão de frequentar a “cozinha da rádio⁷” (ZUCULOTO; MATTOS, 2017, p. 8). Coincidentemente, esta situação levou para o rádio o dito popular, preconceituoso, de que lugar de mulher é na cozinha.

Os motivos para tal situação era a defesa da credibilidade, pois acreditava-se que o trabalho da mulher era visto como subsidiário ao do homem, e o medo da perda da feminilidade, por estarem desempenhando funções que até então eram masculinas (SAFFIOTI, 1973).

A violência simbólica contra a mulher, aqui entendida com base em Bourdieu e Kuhner (2010), praticada e naturalizada culturalmente, persistiu, tanto no desenvolvimento do futebol quanto da editoria esportiva no rádio brasileiro, a partir da dominação masculina, e se perpetua até os dias de hoje. Quando as mulheres são impossibilitadas de exercer determinadas funções, diante de justificativas como: a) a perda da credibilidade, por acreditar que a voz masculina dava mais credibilidade; b) a estranheza que a voz feminina pode causar no ouvinte esportivo; c) a falta de conhecimento que o sexo feminino tem sobre esportes, entre outras justificativas baseadas em padrões sociais construídos sob a perspectiva da superioridade masculina determinam diferentes papéis e lugares que conseqüentemente resultarão em acessos desiguais à homens e a mulheres na sociedade (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2017). Essa desigualdade é evidenciada no radiojornalismo esportivo.

Historicamente as mulheres, em geral, assumem funções na parte administrativa, como secretária, ou na produção, como produtora ou radioescuta, próximo ao que hoje se conhece como plantonista. Quem dirige-se ao ouvinte pelas ondas sonoras é sempre um apresentador,

⁷ Como são chamados os espaços e funções do jornalismo que, no caso do radiofônico, são as que não vão ao microfone. (ZUCULOTO; MATTOS, 2017,p. 8)

locutor, narrador, uma voz masculina. Para as profissionais assumirem o microfone de uma rádio, num programa esportivo, levou tempo.

E as mulheres? No rádio, de forma geral, a participação delas começa cedo, mas timidamente. A primeira voz feminina foi a de Maria Beatriz Roquette Pinto, filha de Roquette Pinto, que trabalhou na Rádio Sociedade do Rio de Janeiro. Em São Paulo, a primeira locutora foi Zenaide Andréa, na Rádio Record, no começo dos anos 30. Depois, segundo Reynaldo C. Tavares, em *Histórias que o Rádio não contou*, surgiu Natália Peres, que se apresentava com o pseudônimo de Elizabeth Darcy, mãe do locutor Sílvio Luiz. Mas no esporte demorou um pouco mais. (GUERRA, 2012, p. 11)

As mulheres participaram ativamente da trajetória do rádio, em alguns campos de forma mais perceptível, conforme explica Guerra (2012):

As mulheres abraçaram a função da radioatriz. Ivani Ribeiro, na década de 40, se destaca como grande escritora do rádio. Erci Ayala, Xênia Bier, Cidinha Campos, Zora Yonara e Deise Lucidy se transformam em nomes de destaque na apresentação de programas femininos. (GUERRA, 2012, p. 11)

No entanto, em outros a sua participação é nula ou quase despercebida. Pesquisas recentes sobre a trajetória da mulher no radiojornalismo esportivo brasileiro apontam que elas também se fizeram presentes e contribuíram na formação do meio, ainda que de forma pouco evidenciada e tardiamente. (ZUCULOTO; MATTOS, 2017). Todavia, essa demora não se restringe somente ao campo jornalístico e nem à editoria esportiva do rádio. Em uma breve análise na história da imprensa brasileira, podemos constatar que, no jornalismo esportivo impresso, a participação feminina também foi tardia, de acordo com Ramos (2000). A primeira mulher de que se tem notícia a cobrir esportes no país é Maria Helena Nogueira Rangel que iniciou sua carreira no jornal *Gazeta Esportiva*, de São Paulo, e seu registro profissional data de 1º de janeiro de 1948 a 30 de setembro de 1953. Formada pela Escola de Educação Física da USP, integrou a equipe de arremesso de disco do Esporte Clube Pinheiros, pelo qual ganhou inúmeros títulos, e também dava aulas, antes de ingressar no jornalismo. O caso de Maria Helena Rangel é um dos poucos registrado antes da regulamentação da profissão de jornalista no país, que só ocorreu no final da década de 60. A normatização,

consequentemente, contribuiu com o surgimento das faculdades nos anos 70 destinadas à formação de profissionais e possibilitou a abertura de novos espaços de ocupação profissional e a inserção das mulheres nas redações acompanhou a tendência geral da mulher no mercado de trabalho (PROVENZANO; SANTUÁRIO, 2009).

Os registros históricos divergem quanto ao momento em que iniciaram as pioneiras no rádio esportivo e sobre quem são elas. Quando Ortriwano (1985, p. 26-27) discorre sobre as contribuições das transmissões esportivas para o desenvolvimento do meio radiofônico, a autora ressalta a ausência de estudos nesse campo de ação e o fato do “únicos “arquivos” existentes” estarem desaparecendo, referindo-se aos profissionais que criaram e viveram o rádio esportivo.

Até por isso, é possível encontrar nas bibliografias diferentes nomes a quem se credita o pioneirismo feminino na área esportiva do rádio. Tais divergências resultam do fato de um crescente número de pesquisas frequentes e, muitas vezes, geograficamente pontuais que evidenciam a participação das mulheres na (re)constituição do meio e dos diferentes gêneros radiofônicos, inclusive aqueles considerados masculinos, como é o caso do esportivo. Outro fator se dá em razão do próprio contexto nacional nas primeiras décadas do século XX, quando o Brasil é caracterizado como sendo politicamente fragmentado com tradicional localismo, o qual inspira o desejo de integração nacional que inicia a partir da década de 30. O desenvolvimento comunicacional, bem como o esportivo, acontece de maneira independente de uma localidade para outra e assume características distintas. Soares (2006) identifica essas diferenças na própria narração esportiva das transmissões de jogos. Enquanto os paulistas faziam as narrações de forma muito rápida, os cariocas descreviam o lance pausadamente.

Pesquisas já realizadas sobre rádio esportivo em Passo Fundo (SANTOS, 2013) e Santa Maria (BARBAT, 2011), no Rio Grande do Sul; em Palmas (BARBOSA, 2014), no Tocantins; e também no telejornalismo em diferentes regiões do país (RIGHI, 2011), (BRAVO, 2009), (ALMEIDA; RODRIGUES; PRADO, 2017), e assim como esta, buscam apresentar um recorte da história, resgatar historicamente as contribuições das mulheres na constituição do jornalismo esportivo e, contudo, possibilitam identificar diferenças e similaridades de um lugar para o outro, bem como influências e movimentos em determinados momentos históricos.

Em 1970, o número de mulheres nas redações jornalísticas era expressivo (ROCHA, 2004). No entanto, nas redações esportivas elas ainda estavam ingressando (COELHO, 2003). A jornalista Rita Campos Daudt⁸ foi uma das profissionais que iniciou sua carreira na década de 70, quando ainda era estudante do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, diante de um cenário com poucas mulheres inseridas em equipes de radiojornalismo esportivo, sem um referencial feminino que pudesse auxiliar no seu desenvolvimento profissional. O fato era tão inusitado que sua decisão de integrar a editoria esportiva da Rádio Gaúcha de Porto Alegre/RS causou na família e nos demais profissionais com quem viria a trabalhar uma preocupação .

Meu pai quando soube que eu ia fazer jornalismo ele ficou atucanado porque isso já era uma coisa que não era comum uma mulher querer ser jornalista. (...) Não era comum. Transporta isso para o ambiente de futebol ainda. Se fosse talvez um outro esporte, um pouco mais elitista, talvez a dificuldade fosse um pouco menor. Mas o futebol era difícil. Era tudo, como eu te disse. Era o ambiente interno, era o público, a aceitação do público. Se hoje isso ainda pode acontecer, e acontece, imagina naquela época. Dos jogadores, dos clubes. Era geral. Essa experiência não existia. (DAUDT, 2017)

Da Luz (2015) explica que o estranhamento causado pelo fato da mulher desempenhar certos tipos de trabalho, despertou em atores da sociedade a ideia de vida fácil por parte dessas mulheres, pois vinculavam o trabalho com a liberação sexual. E somente quando essa liberação sexual foi se distanciando de um julgamento de imoralidade é que a atividade profissional começou a ser aceita com bons olhos. Ainda segundo a autora, o preconceito não era originário somente de pessoas do sexo oposto, muitas mulheres faziam o mesmo julgamento quando se tratava de ingressar no mercado de trabalho.

A demora na aceitação das conquistas das mulheres no mercado de trabalho foi alimentada, principalmente pela rejeição de aceitação masculina. Entretanto, é preciso considerar outros fatores, como preconceito que a própria mulher tinha do trabalho (DA LUZ, 2015, p. 43)

⁸ DAUDT, Rita Campos. Entrevista concedida a Ediane Mattos. Porto Alegre, 7 nov. 2017.

Souza (2009), traz dados de que ainda em 1970, que a maioria das mulheres brancas entendiam que o mais correto era o homem garantir o sustento da família e a mulher deveria permanecer em casa. Em 1977, o percentual, que era de 80%, caiu para 50%⁹.

Segundo Rocha (2004, p. 103), as mulheres não conseguem ingressar com facilidades em todas as áreas e sim nas que lhe são “permitidas”. Ainda assim, algumas profissionais assumiram o desafio por escolherem o gênero esportivo para exercerem a profissão. E, a presença delas nas equipes esportivas de comunicação, mesmo que em minoria, evidenciava a necessidade de mudanças sociais e culturais para que elas tivessem condições de trabalhos semelhantes aos colegas do sexo masculino.

As barreiras encontradas pelas profissionais, seja para se inserirem ou para se manterem nas editorias de esportes, surgem em diferentes momentos da trajetória profissional e, mesmo que vencidas por algumas mulheres, não é garantia de que outras profissionais, ou até as próprias, terão sua trajetória facilitada e não passarão pelos mesmos desafios. A jornalista Rita Daudt relata que, apesar de já ser contratada para integrar uma equipe esportiva e ser registrada na Federação Esportiva de Futebol do Rio Grande do Sul, cumprindo as exigências legais para o desenvolvimento de sua função de repórter de campo, inúmeras vezes se sentiu prejudicada por ter que negociar a cada jogo que sua presença no campo do Sport Club Internacional fosse permitida e seu trabalho pudesse ser realizado. Segundo ela, alguns dirigentes alegavam estar expresso no estatuto do clube¹⁰ a proibição da presença de mulheres no campo.

Embora na Rádio [Gaúcha] eu tivesse a credencial da Federação Gaúcha de Futebol, porque para entrar no campo você precisava como todos os demais repórteres, no Grêmio... porque nós temos aqui dois times principais que é o Grêmio e o Internacional. Então, no Grêmio, não havia nada que dissesse no regulamento que no ambiente interno do clube, que a mulher não pudesse entrar em qualquer espaço. Mas no Internacional tinha. A mulher não tinha acesso sequer às cabinas de imprensa. Mas ao campo, muito menos. Então, era um problema. Cada vez que tinha um jogo, chegava eu com o Claudio Britto e o porteiro dizia assim “Eu tenho ordem

⁹ De acordo com o censo de 1950, os brancos (que são principalmente mestiços) somam 32 milhões, de uma população total de quase 52 milhões; o censo de 60 e 70 não apresentam dados referentes a raça ou cor. A população de 1970, segundo o censo, é de 94,5 milhões.

¹⁰ Em contato com o clube, através da assessoria de imprensa e encaminhada para Yzara Daniela Menegaz, arquivista do clube, solicitamos os documentos que vigoravam na época, década de 70, Estatuto, Regimento Interno, Regulamento Geral, para que pudessemos constatar se existia ou não a proibição. Por e-mail, nos foi informado, “não localizamos nenhuma indicação de que o estatuto do clube citava proibição de mulheres dentro do campo”. Diante desse retorno, não sabemos informar se a decisão de barrar a entrada da jornalista era pessoal ou partia de superiores, nem da sua motivação.

expressa de não deixar a senhorita entrar”. Aí, o Claudio Britto ia catar um diretor que tinha lá que acabava vindo na portaria e autorizando a minha entrada. Me lembro que teve um jogo que eu fiquei até, todo o primeiro tempo do lado de fora do estádio, esperando que viesse alguém ali para eu poder entrar e trabalhar. Então assim, para te dar uma ideia, esse era o ambiente. (DAUDT, RITA, 2017)

Os impasses para a realização do trabalho esportivo, para as profissionais, não se resumia a necessidade de autorização para adentrar aos gramados, elas dependiam da aceitação por parte dos demais envolvidos nos eventos esportivos em querer cooperar dando entrevistas.

Rita Daudt (2017) relata que o risco de ficar sem entrevistar ninguém era iminente e contou com o auxílio do diretor de esportes da Rádio Gaúcha, Ari dos Santos, para encontrar uma solução. A saída foi fazer um acordo antes de cada jogo, realizado pelo diretor de esporte da Rádio Gaúcha com o juiz da partida ou com algum jogador, para que esse lhe concedesse a entrevista antes de entrar no vestiário. A medida buscava evitar o constrangimento no vestiário, mas também dentro de campo, conforme explica a jornalista,

O Ari dos Santos, já mais ou menos me orientava no sentido de quem podia ou não podia (entrevistar), as vezes, por exemplo, juiz de futebol. Eles combinavam, as vezes, com o juiz, previamente, para poder chegar e ajudar nesse processo de aproximação. Porque muitos jogadores eu chegava e chamava e eles não iam. Eles não iam. Simplesmente não atendiam. E eu não queria fazer aquele tipo de pergunta, e nem de coisa particular, de mulher. Eu queria falar de futebol, normal como todo mundo falava. Então, com relação aos jogadores era assim. A gente tinha... eu tinha uma pré escolha para não acabar correndo o risco, de no ar, acabar saindo alguma coisa indevida porque tinha jogadores que realmente não eram simpáticos à uma mulher lá no meio do campo. (DAUDT, 2017)

Com o acordo, a jornalista garantia a realização das entrevistas e, também, evitava que essas fossem realizadas no vestiário. O local tornou-se cenário das entrevistas pós-jogo, onde muitos conseguiam depoimentos exclusivos e quem não o fizesse corria o risco de ficar sem entrevistas. A razão é encontrada no início das transmissões esportivas, quando os jogadores de futebol ainda não apresentavam numeração nas camisas e, para que o locutor pudesse identificá-los, precisava ir até o vestiário antes das partidas para memorizar as características físicas. Com a chegada dos repórteres de campo, as entrevistas feitas durante as transmissões eram realizadas nos vestiários enquanto os jogadores tomavam banho ou se vestiam (SOARES, 1994).

Esse fato era também uma das justificativas para que as mulheres não pudessem exercer a função, acarretaria na demora e até na perda de algumas entrevistas, já que as mulheres teriam que aguardar os jogadores tomar banho e se vestir adequadamente (FROZZA, 2008).

Diante do novo contexto, nesse campo de trabalho, é esperado que tais questionamentos venham à tona e que precise ser repensado para que haja igualdade de condições de trabalhos para profissionais homens e mulheres.

Eu tive, por exemplo, um namoradinho que morava no interior que quando ele ficou sabendo (do novo emprego) ele simplesmente me chamou atenção e me perguntou absurdamente se eu entrava no vestiário. E eu perguntei para ele o que que eu precisaria perguntar que não pudesse ser no campo, tivesse que ser no vestiário. Para dar ideia da dificuldade, as vezes, que a gente tinha de aceitação. (DAUDT, 2017)

E o preconceito e a não aceitação de uma mulher num campo hegemonicamente masculino evidenciava-se no tratamento dado à elas, inclusive, por colegas de profissão, como relata Rita Daudt (2017),

Lembro de um jogo que eu entrei, como eu disse não tinha microfone sem fio, entrei puxando aquela quantidade de fio para entrevistar um determinado jogador e o cara estava no meio de campo quase. E aconteceu que eu... na volta, já ia começar o jogo, e eu não tive aquela força, aquela rapidez para voltar com aquele... era muito pesado, eram uns cabos e aí meu colega estava perto e eu disse “fulano, me ajuda?”, não vou citar o nome dele, acho até que já faleceu. Ele disse: “Te vira, minha filha”. Então, esse tipo de situação. Isso ficou registrado, porque não era assim comum que fossem assim, grosseiros. Mas, também, não era incomum que não fossem parceiros, não entendessem a tua presença ali como uma pessoa, uma colega. Havia essa, no próprio ambiente de trabalho, às vezes, esse tipo de preconceito. (DAUDT, 2017)

Com o objetivo de dar condições iguais para homens e mulheres, no ambiente de trabalho, algumas ações legais foram tomadas.

De acordo com a professora Sidinéia Gomes Freitas, da USP, na palestra de abertura do I Fórum de Debates, Mulher, Esporte, Sexo, Imagem Corporal e Hipocrisia, somente em 1974 foi criada uma lei que permitiu às mulheres adentrarem nos vestiários masculinos (o mesmo valendo para os homens perante os vestiários femininos) para obter declarações pós-jogo. (GUERRA, 2012)

A medida evidencia um ambiente de trabalho discriminatório, no qual as mulheres lutam por conquista de direito e espaço. Entretanto, a lei garante o direito, mas o ambiente permanece hostil para as mulheres, com situações de constrangimentos, como aconteceu com a repórter Regiani Ritter, já na metade da década de 80. Ela foi expulsa do vestiário por um conselheiro do São Paulo Futebol Clube, onde era setorista na época e já trabalhava há mais de um ano, inclusive realizando entrevistas no vestiário do clube (RITTER, 2014).

A jornalista Regiani Ritter iniciou sua carreira como repórter e comentarista esportiva na Rádio Gazeta, de São Paulo, em 1980 (BAGGIO, 2012). Segundo Silva e Vaz Filho (2016, p.3), “era a única comunicadora na equipe masculina. Disciplinada, e com profundo conhecimento dos elencos, das táticas e técnicas do futebol ela torna-se referência a partir das coberturas esportivas e das análises inteligentes sobre o gênero”. Inicialmente produzia crônicas esportivas, cobriu folga dos setoristas esportivos e mais tarde passou a fazer transmissões de jogos. Foi a primeira mulher repórter, narradora e âncora a cobrir uma Copa do Mundo, em 1994.

Regiani Ritter (2014) revela que adentrou o vestiário pela primeira vez por uma questão de própria segurança, após um jogo no qual o São Paulo havia perdido para o Coritiba e a torcida São Paulina protestava e arremessava objetos ao campo. Com o objetivo de protegê-la para que não fosse atingida, o técnico Otacilio Pires, o Cilinho, a puxou para o vestiário. A jornalista ainda o adverte que só entraria quando todos estivessem vestidos. O técnico a puxou. Muitos jogadores estavam nus, com sua presença alguns correram, outros tentaram cobrir suas partes íntimas, no entanto, outros permaneceram imóveis, como estavam ficaram. E foi nessas condições que a repórter fez seu trabalho como deveria e entrevistou o jogador, hoje comentarista esportivo, Carlos Casagrande como veio ao mundo.

O que, primeiramente, ocorreu por incidente, logo se tornou rotina no seu trabalho como repórter. Em entrevista à Aretha Martins (2013, on-line), relatou que “ia para debaixo do chuveiro porque estava ao vivo na rádio e não dava para esperar. Quando esperava eles se arrumarem, as estrelas já tinham ido embora”.

Contudo, já é possível identificar mulheres desenvolvendo funções, que não as ligadas aos microfones, nas equipes e programas esportivos antes .

A radiodifusão no Rio Grande do Sul teve início em 1924, com a inauguração da Rádio Sociedade Rio Grandense. Três anos mais tarde, 1927, surgiu a Rádio Sociedade

Gaúcha (SILVA; WEIGELT, 2018), (FERRARETTO, 2002). A Gaúcha tinha esporte em sua programação e fazia cobertura de eventos esportivos desde a década de 30 e foi pioneira no Estado na transmissão de uma partida de futebol. O evento “aconteceu em 19 de novembro de 1931, entre Grêmio e Seleção do Paraná, com narração de Ernani Rushel, pela Rádio Sociedade Gaúcha” (GUERRA, 2006, p. 9). Tanto futebol, quanto corridas automobilísticas, turfe e regatas que aconteciam no rio Guaíba ocupavam as ondas sonoras da Gaúcha. Por quase três décadas a equipe esportiva foi formada exclusivamente por homens.

Na década de 60, Eva Mendonça já desempenhava funções numa equipe de radiojornalismo esportivo, apesar de trabalhar no Departamento de Notícias da Rádio Gaúcha, Evinha, como era conhecida, desenvolvia atividades administrativas ou de rádio-escuta, de forma esporádica, para auxiliar a equipe de esporte (BARBAT, 2010, p.19). De acordo com Silva e Weigelt (2018, p. 2) “na mesma época, Ivete Brandalise foi convidada para participar como comentarista na Rádio Guaíba”. Ivete Tereza Brandalise Mattos, conhecida como Ivete Brandalise, tem formação em jornalismo, psicologia e artes dramáticas. Na década de 60, ingressou na TV, em Porto Alegre (CAMPOS, 2015).

Mas a primeira mulher a efetivamente integrar uma equipe jornalística de esportes do Rio Grande do Sul, com contratação específica para a cobertura esportiva, foi Rita Campos Daudt. Isto ocorreu somente na década de 1970, na Rádio Gaúcha de Porto Alegre. A estudante de jornalismo, na época, passou a exercer a função de repórter de campo (PROVENZANO; SANTUÁRIO, 2009). Nesse período, as mulheres mobilizaram o país lutando pelos seus direitos civis e sociais e Daudt (2017) conta que viveu parte dessa mudança reivindicada pelas lutas. Porém, “sem ter consciência ou ter participado ativamente de movimentos de luta”. A jornalista diz que, naquela época, uma mulher gostar e acompanhar as partidas de futebol já era uma surpresa. No entanto, apesar de gostar do esporte, ela não frequentava os estádios porque as mulheres não iam à campo por ser um ambiente hostil.

Eu não ia à campo. As mulheres não iam, era raro. Porque o ambiente no campo, na torcida, era um ambiente predominantemente masculino. Diziam palavrões, atiravam coisa de xixi nas mulheres. Não por ser mulheres, xingavam, diziam coisas que não se... Não era por ser mulher mas era um ambiente que era assim e para eles também não... para eles se tinham mulheres não havia respeito algum porque estava lá uma mulher eventualmente. (DAUDT, 2017)

Na mesma década, especificamente em 1971, no estado de São Paulo, foi formada uma equipe composta unicamente por mulheres para fazer cobertura de jogos de futebol. Entre as profissionais estavam Claudete Troiano, Zuleide Ranieri, Leilah Silveira, Germana Garili, Jurema Iara e Lilian Loy. Todas as funções, jornalísticas - repórter, apresentadora, comentarista - ou não jornalísticas - motorista do carro de reportagem, por exemplo - eram exercidas por mulheres. O responsável pela ideia inovadora foi Roberto Montoro, da Rádio Mulher. A linguagem usada por elas se diferenciava do que o público estava acostumado a acompanhar dos programas esportivos realizados por homens. As pautas do programa, também contribuíram para dar um tom diferente na atração, abordavam assuntos como os atributos físicos dos jogadores e a vestimenta das equipes. O projeto, considerado ousado para a época, encerrou em 1974 e a equipe foi desfeita (BARBAT, 2010).

Pela Rádio Gaúcha, outro nome que fez história na área esportiva foi o da jornalista Carmem Sílvia Rial, a “Peninha”, ao ser escalada para integrar a equipe de esportes, em 1978, em virtude da Copa do Mundo de Futebol, realizada na Argentina. Na função de redatora, Carmem fazia parte do núcleo de pesquisa da estação, criado para redigir textos de apoio que seriam utilizados pelos repórteres, comentaristas e locutores. Após a Copa, Peninha permaneceu no Departamento de Esportes como redatora e, mais tarde, tornou-se editora (PROVENZANO; SANTUÁRIO, 2009).

Assim como Carmem Rial, outras profissionais surgiram nas décadas de 60 e 70, mas a presença da mulher como profissional na área esportiva do rádio se fortaleceu mesmo na década de 80, período em que a cobertura esportiva ganhava mais espaço (ALEXANDRINO, 2011).

Na década de 1980 ocorreu à expansão das coberturas esportivas, as emissoras nacionais além de transmitirem os campeonatos nacionais também transmitem os campeonatos estrangeiros como o italiano, por exemplo, assim, a imprensa esportiva começa a se preocupar com outros esportes. (ALEXANDRINO, 2011, p. 31)

Esse fator também contribuiu para a popularização da mídia esportiva, aumentando o interesse do público feminino por informações sobre esportes e, conseqüentemente, motivou mais mulheres para o mercado jornalístico especializado. Contudo, Camila Rodrigues Barbosa (2014) faz uma ressalva sobre o radiojornalismo esportivo em Palmas - TO, são

poucos os veículos que fazem uma cobertura completa dos esportes. Em geral, é realizada de forma superficial reproduzindo notícias nacionais e internacionais (BARBOSA, 2014). Esse apontamento deve ser visto como uma variável que interfere diretamente na redução de equipes segmentadas no esportivo e, conseqüentemente, nas vagas ocupadas por homens, em geral. Na monografia *Mulher no Jornalismo Esportivo de Palmas – Um estudo sobre a participação feminina na área*, a autora apresenta o cenário do jornalismo esportivo local, bem reservado aos homens. A cidade possui quatro emissoras FM's e, dessas, três produzem programas esportivos. No entanto, em apenas uma, na Rádio 96 FM, há uma mulher trabalhando na editoria esportiva, a jornalista Helô Barsi (BARBOSA, C. 2014). Barsi é apresentadora e comentarista do programa Esporte Mais da 96 FM, e divide a função de comentarista com Gilmar Santos e Ademar Costa. Usar um caso específico para falar do todo não seria a melhor decisão e nem se busca fazer essa generalização. Entretanto, serve de ilustração de que os problemas enfrentados pelas precursoras do radiojornalismo esportivo brasileiro ainda estão muito presentes na realidade social e profissional do país, em diferentes localidades.

Tem situações que a gente vive, no ambiente profissional, que você percebe que com mulher é diferente, ainda hoje. Principalmente em algumas áreas que têm o domínio masculino. Hoje você já pega mulheres presidentes de empresas importantes, mas eu não acho que seja fácil. Que possa dizer, isso aí é um caminho de flores. Salários, rendimentos mais baixos, ainda temos esse problema. Imagina cinquenta anos atrás. (DAUDT, 2007)

Ao aceitar o convite para trabalhar numa equipe esportiva, Daudt (2007) enfrentou problemas, como, por exemplo, questionamentos por inserir e manter-se no rádio esportivo e rejeição quanto à sua presença no campo esportivo. Assim como Rita Daudt, Regiane Ritter e inúmeras outras profissionais que passaram pelo radiojornalismo esportivo brasileiro na década de 70, as profissionais do século XXI, pela pesquisa bibliográfica realizada, continuam enfrentando os mesmos desafios e deparando-se com as limitações impostas, aproximadamente 50 anos se passaram e pouca coisa mudou.

2 CAPÍTULO - O RÁDIO E O JORNALISMO ESPORTIVO EM SANTA CATARINA

2.1. A IMPLANTAÇÃO DO RÁDIO EM SANTA CATARINA E A CONSTITUIÇÃO DO ESPORTIVO

As primeiras rádios catarinenses foram idealizadas sob a forma de sociedades e clubes, assim como aconteceu em várias localidades brasileiras em virtude do custo dos equipamentos necessários para a implantação de uma emissora de rádio, em Santa Catarina não foi diferente. No ano de 1929, João Medeiros Júnior instalou um alto-falante próximo a uma biblioteca, na rua XV de Novembro, na cidade de Blumenau. A ação veio como resultado da troca de experiência entre João Medeiros e milhares de radioamadores do mundo com quem ele mantinha contato, pois já era licenciado como radioamador desde 1925.

Num cenário onde não havia serviço telefônico de longa distância e onde o telégrafo era bastante precário, essa forma de comunicação era extremamente relevante por ligar Blumenau com o Brasil e com o mundo (MEDEIROS, VIEIRA, 1999). Foi dessa forma que a primeira rádio catarinense foi desenvolvida. A instalação de alto-falantes para irradiar trechos de músicas em determinadas horas do dia, foi o primeiro passo para Medeiros fundar a Rádio Clube.

O início das transmissões é datada em 1931 e a programação era basicamente musical. Para viabilizar a aquisição dos equipamentos, Medeiros dividiu as apólices entre amigos e conhecidos, fundando uma sociedade por ações. Por dois anos a rádio funcionou em caráter experimental, e em 1935 entrou no ar em caráter definitivo a Rádio Clube de Blumenau, PRC-4, sendo a primeira do estado e uma das pioneiras no Brasil. Os associados fizeram uma votação para escolher o nome fantasia da emissora, o eleito pela maioria dos votos foi “Rádio Cultura de Blumenau” e como comemoração pela escolha realizou-se um programa especial, no qual participaram da parte literária cidadãos de cargos importantes na cidade, como o juiz de direito da comarca, o promotor público e, para recitar as poesias, “a menina Marília, filha do casal Oliveira e Silva” (MEDEIROS, VIEIRA, 1999, p. 29).

Nos primeiros anos da rádio, o funcionamento só foi possível com a participação e cooperação de muitos colaboradores. José Ferreira da Silva, historiador e mais tarde prefeito de Blumenau, foi o primeiro *speaker* da emissora e trabalhou por mais de oito meses sem receber pelos serviços. Juntamente com Silva, alguns empresários e gestores políticos blumenauense foram artistas dos primeiros programas. Luna Freire, juiz da cidade, acompanhou a esposa ao violão em muitos programas. As mulheres já faziam parte da programação da Rádio Clube de Blumenau desde os primeiros programas, como cantoras, recitando poemas e apresentando programas.

A primeira locutora da rádio foi Atalá Branco. A programação da Rádio Cultura de Blumenau, nome fantasia e que mais tarde seria preterido pelo público por não ter agradado os ouvintes, era irradiada das 9 horas até às 11 horas e no período vespertino das 15h às 17 horas. Entre as razões para o intervalo na programação está a necessidade de conservação dos equipamentos em virtude do aquecimento causado pelo uso prolongado; além da falta de disponibilidade da equipe que, na maioria dos casos, trabalhava na emissora de forma voluntária atuando somente nas horas vagas, por isso, tendo que conciliar com empregos que possuíam fora dali. A programação era ao vivo e no período da manhã ficava sob responsabilidade da locutora Atalá Branco. À tarde João Medeiros e José Ferreira da Silva revezavam a escala.

No início da sua existência, a rádio catarinense ainda não exercia função jornalística, focando mais em leitura de anúncios e irradiação de oferecimentos musicais, solicitados e pagos pelos ouvintes; duas formas de subsidiar a manutenção da emissora. Raramente era divulgada alguma comunicação a pedido de alguém ou lia-se notas dos jornais impressos (MEDEIROS, VIEIRA, 1999). Por conta dos acontecimentos europeus no final da década de 30, em razão da segunda guerra mundial, as notícias começam a surgir na programação da Rádio Clube de Blumenau, porém sem horários definidos. Porém, como uma das maiores colônias alemãs no sul do país estar em Blumenau surge o interesse em manter-se informado sobre a guerra, em especial, sobre a Alemanha. De modo geral, o período também foi de grandes modificações para o radiojornalismo brasileiro.

A inspiração na forma de transmitir informações foi a criação do programa Repórter Esso, da Rádio Nacional, do Rio de Janeiro, que inovou na maneira de produzir e divulgar as notícias nacionais e internacionais. A primeira edição do noticioso foi transmitida em agosto

de 1941, pela Rádio Nacional do Rio de Janeiro, permanecendo no ar por 27 anos e serviu de referência para os jornais falados existentes até então (MENEGUEL; OLIVEIRA, s/d).

Com o noticioso, foi implantado o lide, a objetividade, a exatidão, o texto sucinto e direto, a pontualidade, a noção do tempo exato de cada notícia, aparentando imparcialidade, a locução vibrante, contrapondo-se aos longos jornais falados da época. (KLOCKNER, 2004, p.3)

Enquanto o jornalismo da Rádio Clube dava seus primeiros passos, o gênero esportivo se consolidava no ano de 1943, com o programa *A marcha do esporte*, que se tornou um verdadeiro marco na história da radiodifusão catarinense. Foi o primeiro programa de esportes produzido no estado, que diariamente ia ao ar das 12h40min às 13h e devido a grande audiência despertava interesse de quem desejava publicidade, entretanto por 38 anos seu patrocinador exclusivo foi a Transportadora Vale do Itajaí (REIS; BAMBINETTI, 2008).

O responsável pela criação, produção e apresentação do programa foi Manoel Pereira Júnior, como locutor iniciou sua experiência com o radiojornalismo esportivo alguns anos antes, em 18 de junho de 1939, quando “trabalhou sozinho ao ar livre” (REIS; BAMBINETTI, 2008, p. 12) realizando a (sua) primeira transmissão de uma partida de futebol em Santa Catarina que teve repercussão de norte a sul do estado.

A Rádio Clube de Blumenau foi também uma das primeiras emissoras do estado a formar uma equipe para transmitir os jogos de futebol. Em 1954, passou a realizar transmissões externas, iniciando na partida do esporte amador blumenauense entre Grêmio Esportivo Olímpico e o Guarani Esporte Clube. Nesse mesmo ano, Manoel Pereira Júnior deixa a Rádio Clube de Blumenau e o programa *A marcha do esporte*, que passa a ser apresentado por José Gonçalves até 1957 e depois por Tesoura Júnior, que trabalhava na Clube desde 1946 e assumiu como editor de esportes da rádio.

[Tesoura Júnior]Trabalhou na emissora até se aposentar, em 1984, totalizando 38 anos de dedicação ao radiojornalismo esportivo. O apresentador implementou um programa com pré-produção prioridade para as notícias de âmbito local. (REIS; BAMBINETTI, 2008, p. 6)

No entanto, apesar desse pioneirismo da Rádio Clube de Blumenau na área esportiva e de já sabermos da participação ativa da mulher na radiodifusão catarinense, desde os primeiros programas, através da locutora Atalá Branco e de outras profissionais ocupando diferentes funções, não se encontrou vestígios de que alguma mulher tenha integrado uma equipe esportiva na Rádio Clube.

Na década de 40, a segunda emissora do Estado nasce nos porões de uma casa, na cidade de Joinville. O responsável era Wolfgang Brosig, radiodifusor e técnico em eletrônica, trabalhava nos sistema de alto-falantes da cidade. Juntamente com amigos, transmitiu o discurso do então presidente da República, Getúlio Vargas, no dia 7 de setembro de 1938 (SEVERO; GOMES, 2009). Por essa iniciativa, Brosig é considerado o “pai do rádio” em Joinville (MUSTAFÁ, 2010). Em 1º de fevereiro de 1941 a Rádio Difusora ZYA-5 era fundada oficialmente, com uma programação musical que incluía músicas clássicas e populares, moda de viola, samba e tango. Brosig era neto de imigrante alemão e até os 14 anos só falava alemão, casou-se com Juracy da Luz, cabocla, responsável pela parte comercial da emissora (MEDEIROS; VIEIRA, 1999). Ela, também, trabalhou como secretária e atriz nas radionovelas da emissora e apresentava programas de auditório ao lado do locutor Jota Gonçalves (MUSTAFÁ, 2011).

Em 1942, foi a vez de Itajaí ter uma emissora de rádio regularmente instalada na cidade, a Rádio Difusora de Itajaí. Os responsáveis foram Dagoberto Alves Nogueira e Adolfo de Oliveira Junior, que, inicialmente, começaram a irradiar as músicas do Cinema Itajahy através de serviço de alto-falante instalado na Praça Vidal Ramos (SEVERO; GOMES, 2009). O serviço de transmissão, além de irradiação musical, era usado como meio de comunicação do exército para transmitir recados para a população sobre o Estado Novo. Foi em virtude dessa prestação de serviço entre público e o comandante do batalhão que foi possível a permissão de registro da emissora na época.

Em 1944, a emissora mudou-se do Cinema Itajahy para a sede da Sociedade Guarany. Entre os novos contratados para o quadro de locutores estão as irmãs Irene Souza Boemer e Hilda Souza. Medeiros e Vieira (1999) revelam que com uma programação diversificada, a emissora debatia tanto os problemas sociais da cidade como possibilitava o oferecimento de músicas e poemas, por parte das prostitutas, para os frequentadores dos bordéis, por exemplo.

A credibilidade na emissora por parte do público foi conquistada de maneira lenta e creditou-se ao amparo do comércio e da indústria através das propagandas. O que começou de forma amadora foi se aprimorando, principalmente, quando esteve em posse de importantes políticos do Estado. No final da década de 50, foi adquirida pelas famílias Konder Bornhausen e Miranda Lins e passou por importante progresso técnico e profissional. A emissora teve seu próprio auditório, seu conjunto musical e também produzia suas próprias radionovelas (SEVERO; GOMES, 2009).

A capital do Estado, Florianópolis, ganhou sua primeira emissora, Rádio Guarujá AM 1420, em 1943, com uma programação concentrada no jornalismo, serviços à comunidade e esporte, em especial, o remo e o futebol (PRATA; MEDEIROS, 2011). Inicialmente, mantinha-se através da verba do programa Oferecimentos Musicais.

Comassetto (2004) destaca que “se há uma característica a marcar a trajetória do rádio em Santa Catarina é o seu uso político”. A trajetória da radiodifusão catarinense está associada à instrumentalização política do meio por partidos que disputavam o comando do Estado e dos municípios e utilizavam para sustentar os interesses das oligarquias que comandavam e/ou exerciam influência na política estadual.

A Rádio Guarujá, em 1946, torna-se um cabo eleitoral do candidato ao cargo de governador, Aderbal Ramos da Silva, então, proprietário da emissora. A família Ramos era ligada ao Partido Social Democrático (PSD) (MEDEIROS; VIEIRA, 1999). “Daí em diante, o rádio assume uma nova faceta e as futuras concessões, direta ou indiretamente, passam a ser alvo de disputa das duas correntes que dominavam a política estadual (COMASSETTO, 2004, p. 3).

Além do PSD, a União Democrática de Nacional (UDN) entra na disputa pelas concessões radiofônicas na capital do estado e, em 1955, coloca no ar a Rádio Diário da Manhã, com o claro objetivo de contrapor a emissora da família Ramos. Desde sua concepção o gênero esportivo integra a programação da emissora, que teve como primeiro diretor esportivo, Humberto Mendonça (REVISTA DO RÁDIO, 1955, ed. 302, p. 34). A nova emissora foi instituída pelo então governador em exercício Irineu Bornhausen para implementar os canais de comunicação das família Konder-Bornhausen, que constituíam a outra oligarquia dominante do Estado.

A emissora liderou a preferência dos ouvintes até meados de 1970, quando a região da capital do estado já contabilizava mais emissoras, além das já citadas, Guarujá e Diário da Manhã, registra-se ainda Rádio Anita Garibaldi (1954), Rádio Jornal A Verdade (1957), de São José, e a Rádio Santa Catarina (1962) que herdou o canal que foi utilizado pela Rádio Jurerê, esta foi fundada em 1957, teve menos de dois anos de duração. Os profissionais das equipes esportivas dessas emissoras, frequentemente, eram citados na Revista do Rádio, evidenciando a presença do esportivo nas programações.

A Diário da Manhã que no início era uma emissora potente em tecnologia e programação perderá o poderio na década de 70. A crise iniciou uma década antes, reflexo do que acontecia com o rádio nacional, de acordo com Severo (2014),

com a produção e reprodução de programas pré-gravados e vendidos por preços muito abaixo do que as rádios gastavam com os elencos próprios da programação ao vivo de radioteatro, música, humorismo e variedades. (SEVERO, 2014, online)

Somando-se a perda dos melhores profissionais e anunciantes para a televisão, tornou-se inviável manter uma programação competitiva. Segundo Severo (2014), nesse período, a família Bornhausen vendeu os canais de rádio, entre eles a Rádio Diário da Manhã, para a RBS. Em 11 de abril de 1996, a Rádio Diário da Manhã, então operante em Florianópolis na frequência 740 AM, foi incorporada ao Grupo Rede Brasil Sul e se tornou afiliada à Central Brasileira de Notícias (CBN). Passou a se chamar CBN Diário, com uma programação voltada ao jornalismo, sendo a primeira emissora exclusivamente de notícias em Santa Catarina (GRUPO RBS, 2016, *online*). Ao longo dos anos, conquistou seu espaço no segmento esportivo, denominando-se a rádio do futebol.

Luz (2000) conta que a disputa política entre os partidos, presente na radiodifusão catarinense, se estendia para outros setores da sociedade, do carnaval ao futebol. Na capital do Estado a divisão se dava entre as escolas de samba Protegidos (UDN) e Copa Lord (PSD). Entre os clubes Lira frequentados pelos Udenistas e Clube 12 pelos pessedistas. E o esporte não estava livre dessa disputa. No remo, o apoio do PSD era para o clube Riachuelo e da UDN era para o Aldo Luz. No futebol a divisão era entre Avaí (PSD) e Figueirense (UDN). A Ressacada, como é conhecido o estádio do Leão da Ilha, leva o nome do pessedista Aderbal Ramos da Silva por sua importante contribuição com o clube.

Realizando uma análise comparativa entre os presidentes dos clubes Avaí Futebol Clube e Figueirense Futebol Clube, entre as décadas de 40 a 60, e a relação de Vereadores e Deputados em Florianópolis, no mesmo período, podemos observar que grande parte da diretoria do Avaí Futebol Clube e Figueirense Futebol Clube, era composta por Vereadores e Deputados Estaduais, e que além destes, também destacaram-se figuras de influência política no âmbito estadual. Como é o caso do Dr. Aderbal Ramos da Silva, que foi Governador do Estado de Santa Catarina, Presidente da Federação Catarinense de Futebol e um dos principais mantenedores do Avaí Futebol Clube. (LUZ, 2000, p. 77)

Ramos (1986, p. 22) resume essa disputa, sempre presente no espaços de sociabilidade, em uma frase “Na cidade, não admitia-se coluna do meio”.

Voltando a radiodifusão, a disputa política entre os partidos se fez presente em todas as regiões do Estado e, conseqüentemente, contribuía para seu crescimento.

A exemplo do que já acontecia pelo país, o número de emissoras em Santa Catarina vai se multiplicando e o rádio expande-se rapidamente pelo interior do estado, impulsionado pelos interesses econômicos dominantes, principalmente pela atuação de grupos políticos, que já viam nesse veículo um poderoso aliado. Em 1945, são concedidas licenças para emissoras em Itajaí e Joaçaba e até o final da década vinte estações estarão operando oficialmente no Estado. Número que dobrará na década seguinte, quando também já transmitem duas emissoras de grande alcance (em ondas curtas): a própria Guarujá, desde 1946 de propriedade da família Ramos, e a Rádio Diário da Manhã, da outra oligarquia política, os Konder Bornhausen. Na década de 50 surge também a primeira rede de rádio, no Vale do Itajaí”. (DE MARCO, 1991:49)

O Vale do Rio do Peixe começou suas transmissões, em 1945, pelas ondas da udenistas Rádio Sociedade Catarinense ZYC-7, de Joaçaba. A emissora “acompanhava todas as modalidades esportivas. Um dia transmitiu um salto de pára-quedas aos ouvintes” (MEDEIROS; VIEIRA, 1999, p.83). A partir de meados de 50, passou a dividir audiência com a emissora pessedista Herval d’Oeste ZYT-31, que iniciou suas irradiações em 1956 e teve sua concessão cancelada pelo governo militar em 1974, por razões não esclarecidas (PEREIRA, 2012).

No planalto catarinense, no ano de 1941, foi criado um serviço de alto-falantes intitulado “A voz da cidade”, pelo qual era transmitido notícias, comerciais e música popular, no horário das 19 às 21 horas (SOUZA, 2012). Essa foi a base das transmissões de ondas hertzianas iniciadas, oficialmente, em solo serrano em 25 de agosto de 1949, com o nome de Rádio Clube de Lages.

Conforme destaca Nunes (2001), a emissora tem tradição em produzir reportagens esportivas, tendo futebol de campo ou de salão como esporte principal da cobertura esportiva, dando preferência para o futebol profissional, em contrapartida ao amador. O autor aponta como fase áurea das coberturas esportivas da emissora a década de 60, decorrente do crescimento e dos bons resultados conquistados pelos clubes da região. Entre as equipes que receberam espaço na programação da rádio estão: Nevada, de São Joaquim; Olinkraft, de Otacílio Costa, e Internacional e Guarani, de Lages. Os clubes lageanos, inclusive, figuraram entre os grandes do Estado chegando a disputar o título estadual. O Esporte Clube Internacional de Lages conquistou o vice-campeonato em 64 e sagrou-se campeão estadual no ano seguinte, 1965. “No entanto, independentemente da boa ou má situação dos times, a Clube tem mantido a equipe de esportes até os dias atuais” (NUNES, 2001, p. 135).

Segundo Souza (2012, p.62), o repertório musical da emissora é “desde o princípio voltado para a música sertaneja”. Nesse gênero musical, destacaram-se no *cast* da emissora a dupla lageana Irmãos Bianchini - Maria Osmarina Küster Mello e Heleninha Dorotéia Küster Chiquete.

No oeste, em 1948, é fundada a Rádio Sociedade Oeste Catarinense Ltda ou Rádio Chapecó (MEDEIROS; VIEIRA, 1999). Lickfeld (2014) explica que em decorrência do “surto desenvolvimentista” ocorrido na cidade de Chapecó, no início dos anos 50, com campanhas de alfabetização de adultos, mudanças urbano-estruturais, implantação de cursos superiores na cidade, a emissora fortaleceu-se na cobertura jornalística, com ênfase nos programas esportivos. Medeiros e Vieira (1999) complementam que por conta dos noticiosos, produzidos desde o início, a emissora montou equipes de grande destaque, com locutores esportivos da época e, por inúmeras vezes, realizaram as transmissões “à base de energia de baterias, com amplificadores de mais de 50 quilos, bem como cabines improvisadas sobre árvores” (MEDEIROS; VIEIRA, 1999, p.84).

No ano de 1957, foi criada a Rádio Difusora, segunda emissora de Blumenau, pertencente ao grupo Coligadas de Emissoras, que na época também era proprietário da Rádio Clube de Blumenau. As Emissoras Coligadas eram compostas por seis estações: Clube de Blumenau, Clube de Indaial, Clube de Gaspar, Clube de Itajaí, Difusora de Blumenau e Araguaia de Brusque. Os proprietários Luiz de Freitas Melro e Flavio Rosa, anos mais tarde

em Blumenau, fundariam o Jornal de Santa Catarina e a TV Coligadas, a primeira emissora de televisão de Santa Catarina.

A nova emissora blumenauense de rádio contratou funcionários da rede de emissoras e, conseqüentemente, teve um ganho na qualidade dos produtos radiofônicos visto que os profissionais conheciam a linguagem do rádio, “diferentemente do que ocorreu com a Rádio Clube de Blumenau, onde a improvisação e o experimentalismo marcaram as primeiras transmissões” (REIS e MARTINS, 2005, n.p.).

A concorrência direta e a briga pela audiência só surgiu em 1958 com a implantação da Rádio Nereu Ramos, de propriedade de Evelásio Vieira, um importante jogador de futebol, popularmente conhecido como Lazinho e que mais tarde adentrou na política catarinense. O futebolista desde cedo envolveu-se com comunicação. Enquanto jogador do Ipiranga, de Canoinhas, era sócio do jornal Barriga-Verde. Teve passagem pelo Palestra Itália, de Curitiba, e pelo Tupi, de Gaspar, no final da década de 40.

Em Gaspar, viu na falta de estrutura da cidade, na época, a necessidade de instalação de uma gráfica para a composição de impressos. Seu segundo investimento, foi o lançamento do jornal semanário *O Gaspar*. Após sua passagem pelo Tupi, Lazinho foi contratado pelo Palmeiras, de Blumenau, por quem sagrou-se campeão do centenário em 1950. Na nova cidade continuou sua relação com a imprensa e ao lado de Lulu Reis e José Gonçalves fundou o *Sport Jornal*, órgão especializado em esportes. Devido o prestígio social conquistado entrou para a política, filiando-se ao PSD, Partido Social Democrático. No final dos anos 50, requereu o prefixo para a instalação de uma emissora de rádio, inaugurando a Rádio Nereu Ramos.

Com o novo investimento e devido ao grande sucesso alcançado pela nova emissora, sua popularidade aumentou de forma significativa que garantiu a conquista de cargos como Deputado Estadual, Prefeito de Blumenau e Senador da República, todos pelo MDB. Ainda como grande influenciador conseguiu eleger sucessivamente três prefeitos do PMDB (SEVERO, 2014).

Após sua vitoriosa carreira política, o empresário voltou-se para suas empresas de comunicação que incluíam a Rádio Nereu Ramos, a Rádio 90 FM, em 1988, e a pioneira Rádio Clube, em 2001.

O time de profissionais da Rádio Nereu Ramos foi composto por experientes radialistas vindos de emissoras dos grandes centros do país (REIS e BAMBINETTI, 2008, p. 10). A inovação profissional aliada a inovação técnica foi a responsável direta pelos anos dourados do rádio blumenauense.

A emissora inaugurou o uso da unidade móvel nas transmissões externas e desencadeou uma forte concorrência com a Clube e a Difusora. O dinamismo de suas atividades obrigou uma reação das concorrentes, melhorando a programação e dando início a um período de grandes transformações no meio. (REIS e MARTINS, 2005, n. p.)

Medeiros e Vieira (1999) relatam que a Rádio Nereu Ramos, desde o início, inovou tanto técnica quanto profissionalmente. Utilizando equipamentos modernos e introduzindo o microfone sem fio que, conseqüentemente, provocando inúmeras mudanças nas transmissões esportivas, dando maior rapidez e mobilidade na realização do trabalho, que para coberturas esportivas eram de grande relevância.

Pelo sul do Estado, a Rádio Difusora de Laguna ZYH-6, entrou no ar em 1946. Exercendo forte influência política na cidade, ligada ao PSD, passou a fazer frente ao jornal Correio do Sul, de propriedade do udenista João de Oliveira, principalmente, após a emissora ser adquirida por Aderbal Ramos da Silva, Joaquim Ramos e Pompílio Pereira Bento (MEDEIROS; VIEIRA, 1999).

Um ano mais tarde, ainda pelo sul do Estado, na cidade de Tubarão, é constituída a Rádio Tubá Ltda. A emissora foi oficializada em 1947 e no final da década seguinte, passou a ser propriedade da Diocese de Tubarão, tendo como diretor da rádio o Padre Raimundo Ghizzoni. Com uma programação voltada para o religioso, o esporte não foi excluído, dando espaço para campeonatos municipais e estaduais (RÁDIO TUBÁ, [entre 2000 e 2019]).

Também em 1948, foi fundada a Sociedade Eldorado Catarinense Ltda, Rádio Eldorado, de Criciúma, pelo empresário e ex-deputado federal pela UDN, Diomício Freitas. A instalação da emissora foi precedida por um serviço de alto-falantes que já operava desde o início da década de 40 e intitulava-se A voz de Criciúma (RÁDIO ELDORADO, [20-?]). A emissora “mantinha sua posição de vanguarda, com programação que começaria a esboçar o padrão da época, com o radiojornalismo dominando as manhãs. À tarde, ainda predominava o entretenimento, mas já com um espaço para noticiários” (SILVA, 2018, p. 52). Entre os

locutores pioneiros da Eldorado estava Jaci Barbosa Cabral, responsável pelas notícias esportivas que eram transmitidas às segundas, quintas e sábados. Além da primeira locutora, radioatriz e produtora do rádio sul catarinense, Dalcy Rovaris (Margô) (SEVERO, 2005).

Silva (2018) destaca que no campo jornalismo, a Rádio Eldorado, tinha grande influência sobre a opinião pública, pois seus comentaristas e jornais falados tinham grande audiência em toda a Região Carbonífera.

A emissora esteve no ar durante o auge da atividade mineradora, garantindo informações a quase a totalidade dos ouvintes, que em sua maioria eram trabalhadores das minas de carvão, de onde provinha seu sócio proprietário, Diomício Freitas. (SILVA, 2018, p. 79)

A segunda emissora criciunense só foi fundada em 1962 (PACHECO, 2018), vindo a fazer concorrência direta com a pioneira Eldorado. A Rádio Difusora de Criciúma pertencia ao deputado federal e vice-governador Armindo Marcílio Doutel de Andrade e era gerenciada pelo agente previdenciário Addo Vânio de Aquino Faraco, ambos do PTB. Vânio era filho do ex-prefeito Addo Caldas Faraco (OLIVEIRA, 2011). No ano de 1964, poucas horas depois do golpe militar, a emissora foi interditada em razão dos conteúdos políticos que transmitia (SILVA, 2018).

No final dos anos 50, Imbituba recebe a primeira rádio, a Difusora. De acordo com Martins (1978, p. 99), a programação era diversificada; veiculava notícia, esporte, comercial e música; tinha um *cast* de radioteatro e promovia programas de auditório, onde se revelaram muitos talentos da cidade. Atualmente, denominada Rádio Bandeirantes, continua a sua prestação de serviços à comunidade com programa de entretenimento, propaganda de vendas, esporte e música sertaneja (FIGUEIREDO, 2012) .

Ao investigar a história das emissoras de rádios catarinenses, desde a implantação da radiodifusão no estado, pudemos constatar que a maioria tem o esporte incluído na sua programação, seja com programas especializado no segmento, transmissões de jogos ou coberturas de eventos esportivos. O pioneiro foi o programa diário *A Marcha do Esporte*, da Rádio Clube de Blumenau, em 1943, de responsabilidade de Manoel Pereira Junior. Foi ele que anos antes realizou a primeira transmissão esportiva no estado, em 1939. Logo, na emissora, também, formou-se a primeira equipe de esportes, seguida de outras que se

estabeleceram nas demais emissoras fundadas posteriormente, como pode-se conferir em inúmeras edições da Revista do Rádio.

2.2. AS MULHERES NA HISTÓRIA DO RADIOJORNALISMO E NO ESPORTIVO CATARINENSE

O que é uma notícia? Se considerarmos os valores-notícia de Lage (2001) todo fato com atributos de proximidade, atualidade, identificação social, intensidade, ineditismo e identificação humana pode ser considerado notícia, pois mostra-se relevante e merecedor de ser divulgado.

Partindo-se desses valores-notícia, entende-se o fato da escalação da repórter do jornal “O Estado”, Elaine Borges, para cobrir o clássico Avaí x Figueirense, em 1972, ter virado notícia. O fato não era inédito mas era raro para a cultura da época, como relata Borges (2005, p.131) “Na época, era raríssimo mulher-repórter trabalhar nas editorias de esporte. Mais raro ainda era fazer reportagens nos campos de futebol. E - pelo inusitado - virei notícia.”. Até a década de 1970, as editorias de política, esporte e polícia na imprensa catarinense eram preenchidas por jornalistas do sexo masculino, à elas eram delimitadas funções nas editorias de variedades, cultura, comportamento, entre outras eminentemente femininas.

Da sua experiência nas editorias de esporte e política, Borges relembra os galanteios, que eram inevitáveis. “Galanteios que sempre procurava reverter em boas declarações” (BORGES, 2005, p. 132). Além do assédio, ela conta das “barreiras invisíveis” que algumas autoridades erguiam para evitar entrevistas. Sem sucesso com um político que se recusava a dar entrevista, no período da ditadura militar, os assessores sugeriram encaminhar as perguntas por escrito. As respostas eram monossilábicas limitando-se ao “sim”, “não”, “talvez”.

Entre as profissionais da época, algumas encontraram mais receptividade nas investidas profissionais com as autoridades, fato que também impressionava, como aconteceu com a repórter Marise de Martini Fetter, por exemplo. Em entrevista a Borges (2005), Marise Fetter dizia-se admirada com a facilidade em falar com as autoridades, que tinham disponibilidade e eram acessíveis.

Entre a aceitação social e a recusa dessa nova presença em determinadas áreas de trabalho, a surpresa era geral. Borges (2005) relata que em virtude do ineditismo de ser entrevistado por uma mulher, em editorias historicamente constituídas por homens, até mesmo a fonte pedia para registrar o momento.

As mulheres que trabalhavam nas editorias consideradas masculinas se viam em situações nas quais era necessário estar justificando sua presença a todo instante à diferentes públicos e por inúmeras razões. Uma delas, como conta a repórter Imara Stallbaum, era no momento de contatar algumas fontes ou autoridades.

Eu ligava e a mulher do sujeito atendia. Estou certa de que ela desconfiava que eu era um *catcho* do marido, não uma repórter. Por isso, um dos primeiros desafios que aprendi a superar foi aturar suas mulheres e as secretarias. Ninguém me ensinou isso. Aprendi na marra. Ao ligar, eu explicava em detalhes a matéria em curso para que se sentissem importantes. No fundo, isso era uma prática feminista.” BORGES, 2005, p. 134)

A necessidade de estar em constante afirmação de seu potencial e enfrentamento caracteriza o forte preconceito sofrido por quem optava por se aventurar além dos limites socialmente impostos nas redações.

“A desconfiança que despertávamos na época não sei se era atribuída à profissão ou a nossa condição de sermos mulheres jornalistas. Sofríamos mais contestação nas matérias que escrevíamos do que os jornalistas do sexo masculino.” (Bernadete Santos Viana para BORGES, 2005, p. 133)

Essa desconfiança, relatada por Viana na década de 40, ainda hoje, gera preocupação e cuidado redobrado com os conteúdos produzidos em decorrência dos questionamentos quanto a veracidade da informação e à cobrança em excesso quando a autora é do sexo feminino.

No radiojornalismo esportivo catarinense buscou-se investigar a participação das mulheres na constituição desse gênero. A presença delas nas emissoras de rádio em Santa Catarina aparece mencionada em livros como: *Alô, alô Joinville! Está no ar a Rádio Difusora!*, da jornalista e professora Izani Mustafá (2009). A autora aborda o papel da mulher na implantação do rádio em Joinville e as funções que lhes eram destinadas nas emissoras, sendo locutoras, atrizes, roteiristas e secretárias. Segundo a autora, os programas por elas destinados cooperavam para a criação de um padrão ideal de feminilidade para a época, nos

quais tratavam de assuntos como dicas de beleza, culinária, cuidados com a casa e a criação dos filhos.

Assim como o livro de Mustafá, os demais títulos que resgatam a história do rádio em Santa Catarina e que mencionam a participação da mulher não as registram exercendo funções ligadas a programas esportivos. Os documentos mostram que as atividades são compatíveis com temáticas consideradas do universo feminino, o que exclui a área esportiva.

A primeira mulher, efetiva e reconhecidamente, a fazer parte de uma equipe de rádio no estado catarinense foi Luiza Ruth da Costa, conhecida no meio radiofônico como Ruth Costa. A funcionária da Difusora de Joinville pode ser considerada a primeira mulher a participar de uma equipe de radiojornalismo esportivo, mesmo que indiretamente, entre as décadas de 40 e 50, desenvolvendo a atividade de plantão esportivo durante a transmissão esportiva.

Começou a trabalhar na Rádio Difusora AM em 1947, tornou-se amiga dos proprietários Wolfgang e Juracy Brosig, e participava das festas que reuniam os amigos da emissora e os locutores. Ruth trabalhava das 8 às 11 da manhã, durante a semana. Em algumas tardes de domingo fazia plantão no estúdio, apenas para cobrir com música e locução algum problema na transmissão esportiva. Fez locução, cuidou da parte técnica de som e trabalhou como secretária. (MUSTAFÁ, 2009, p.215)

Na Rádio Difusora de Blumenau, a radialista Valmira Siemann entrou na cena radiofônica na década de 60. Considerada a primeira-dama do rádio de Blumenau, Valmira Siemann nasceu em 1945 e, com 15 anos, já estreava na Rádio Difusora. Começou apresentando um programa de músicas e depois, passou a atuar também como radioatriz, adotando o nome artístico de Lígia Lyon (REIS, BAMBINETTI, 2008, p. 14).

Foi a primeira mulher a apresentar um programa de variedades voltado para o jornalismo, em Blumenau, o “Revista do Rádio” (SCHWEDER; SILVA, 2018). No ano de 1968, ganhou o título de melhor locutora, em eleição direta com a participação dos ouvintes realizada pela Revista do Rádio (REIS, BAMBINETTI, 2008).

Valmira trabalhou na Rádio Difusora até 1981, transferindo-se para a Rádio Blumenau e, em 1987, largou o microfone radiofônico para continuar sua carreira na televisão. O pioneirismo de Valmira Siemann também ocorreu na televisão, sendo a primeira mulher a apresentar o Jornal Hoje em Santa Catarina e, na TV Galega, comandou o programa

Variedades e Entrevistas (REIS. 20087, p.15). Apesar de toda sua experiência no rádio, bem como em outros meios de comunicação, nunca esteve na área esportiva.

O jornalista José Bonifácio Telles, mais conhecido nas ondas sonoras catarinenses como JB Telles, nos seus quase 60 anos de experiência na comunicação tem passagem por inúmeras emissoras de rádio no estado, entre elas, Rádio Clube de Gaspar, Rádio Nereu Ramos, de Blumenau, Rádio Clube e Diário da Manhã de Lages, Difusora de Rio do Sul, Cultura e Colon de Joinville. Na capital do estado integrou equipes da Diário da Manhã, Jornal A Verdade, Guarujá, CBN Diário e Cultura. Na área esportiva radiofônica, trabalhou como redator, locutor e narrador de esportes. Em sua passagem pela Rádio Diário da Manhã, no início dos anos 70 exerceu a função de Diretor de Esportes. Antes dessa emissora, JB Telles havia trabalhado em rádios do Rio Grande do Norte, na rádio Cabugi e na rádio Poti, de Natal, tendo como colega uma mulher na equipe. Quando regressou ao estado catarinense trouxe a idéia de colocar uma mulher na equipe esportiva da rádio Diário da Manhã, por ser um diferencial.

O jornalista¹¹ conta que a primeira mulher a desempenhar uma função diretamente na área esportiva do rádio catarinense, contratada por ele e pelo então diretor da emissora Gilberto Mendonça, chamava-se Isabel. Apesar de não lembrar do nome completo, JB Telles relata que a “Belinha, a repórter da moda”, como a anunciavam, foi repórter de campo na Diário da Manhã. A escolha e o convite foram motivados pelo conhecimento que Isabel, funcionária do BESC¹², demonstrava ter sobre futebol nas conversas que tinham naquele estabelecimento bancário.

ela sabia tudo de futebol, conhecia tudo quanto era jogador, sabia coisas de concentração, treinamento, de técnico, ela discutia futebol como se ela estivesse lá no meio, porque a relação dela vivida com o jogador de futebol era.. Aí eu convidei. (TELLES, 2017)

Segundo Telles, a Belinha era casada com um jogador de futebol do time do Olímpico, de Blumenau. E por conviver com o marido nos jogos conhecia jogadores e “sabia tudo de

¹¹ Entrevista realizada na sede da Associação dos Cronistas Esportivos de Santa Catarina, em Florianópolis, no dia 07 de dezembro de 2017.

¹² O Banco do Estado de Santa Catarina S.A. foi um banco brasileiro, com base em Santa Catarina, fundado em 1962, que acabou sendo progressivamente incorporado pelo Banco do Brasil, processo que terminou em abril de 2009.

futebol”. Ele confessa que, por se tratar de uma novidade, o convite só foi possível depois da autorização do Coronel Euclídes Simões de Almeida¹³, diretor da rádio Diário da Manhã.

Com passagens por várias emissoras do estado, cobrindo a área esportiva, JB Telles diz que a presença de mulheres no estádio era inexistente.

Não, não, zero. Em crônica esportiva, era zero. Eu trabalhei em Gaspar não tinha, Nereu Ramos em Blumenau, não tinha. Viradouro de Rio do Sul, não tinha. Lages, não tinha, voltei pra Viradouro... na Cultura de Joinville, não tinha. Aí fui pra Gas... fui pra Natal, onde em 70... fui pra Natal, na Rádio Cabogi e na Rádio Poti, tinha uma mulher trabalhando. E naquele tempo, foi na época que inauguraram o estádio lá, que hoje é o estádio da copa. Antigamente era outro estádio, chamado Estádio João Machado, o Machadão. E era uma atração. Ela entrava em campo, naquele tempo o repórter entrava em campo, então, ela entrava com o microfone, naquele tempo não tinha microfone sem fio, e ia campo à dentro. (TELLES, 2017)

Quando a novidade foi implantada em Santa Catarina, diferentemente do que ocorreu no Rio Grande do Sul com a jornalista Rita Daudt, “os jogadores até preferiam dar entrevista para uma mulher do que pra um rival dele, né” (TELLES, 2017). Segundo o jornalista, a boa relação no trabalho era reflexo da relação já existente entre os profissionais do rádio e dos clubes.

o diferencial daqui, é que a cidade é pequena. Todo mundo se conhece. Então, ela por ser mulher... casada com um ex-jogador. Aliás, ex-mulher de um jogador, pra ser mais correto. Ela conhecia todos os jogadores. E, naquele tempo, os jogadores aqui ficavam cinco, seis, sete anos no clube. Não era esse negócio que o cara joga três meses e vai embora, muda todo ano. Não, naquele tempo o cara jogava no time do Figueirense daquele tempo a gente sabe, e no Avaí também. Ficou cinco, seis, dez anos jogando aí. Então, todo mundo se conhecia, isso era um fato. Um fator facilitador pra ela e pra nós. (TELLES, 2017)

A partir do relato do jornalista JB Telles e com as informações coletadas, iniciou-se uma busca por mais registros sobre a participação da referida repórter. Primeiramente, em jornais que circulavam na região da grande Florianópolis, nos anos de 1970, que pudessem trazer alguma referência a participação de uma mulher na área esportiva do rádio. Entendeu-se que por ser algo atípico para a época poderia virar notícia. Parte desses periódicos estão

¹³ Coronel da reserva da Polícia Militar do Estado, assumiu a direção da Rádio Diário da Manhã, no golpe militar de 1964, que era dirigida por Victor Márcio Konder.

digitalizados e disponíveis para consulta na Hemeroteca Digital Catarinense¹⁴ e na Biblioteca Nacional Digital, como o jornal Correio do Povo, a Revista do Rádio, em circulação até 1970, mas não se obteve êxito. Outra fonte de busca foi o clube Grêmio Esportivo Olímpico, de Blumenau, onde o marido de Isabel jogou. Entretanto, o time profissional foi desativado na década de 70 e com as poucas informações disponíveis sobre o atleta, não se mostrou a linha de busca mais correta.

Em entrevistas com profissionais do rádio esportivo catarinense e que trabalharam na Rádio Diário da Manhã, como Miguel Livramento, Mario Medaglia e Walter Souza, questionou-se sobre a participação da repórter, entretanto, eles não recordam do fato.

Apesar de não terem sido encontrados mais dados que confirmem e acrescentem-se à história contada, para a conclusão da dissertação e para registro optou-se por relatar o depoimento. A investigação continua. Atualmente, tendo como fonte de busca a Associação de Profissionais e Ex-Profissionais do Besc – ProBesc. E, a partir de uma lista com telefones de ex-profissionais com o nome de Isabel ou Izabel esta sendo feito contato com os números ainda vigentes.

Após a passagem da Belinha pelos microfones da Rádio Diário da Manhã, relatada pelo jornalista JB Telles, as próximas profissionais do rádio esportivo catarinense só entraram em campo quase 30 anos depois.

¹⁴ Hemeroteca Digital Catarinense está disponível em <http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/>

3 CAPÍTULO - EM CAMPO - A PRESENÇA DAS MULHERES NO RADIOJORNALISMO CONTEMPORÂNEO

3.1. O TIME FEMININO RADIOFÔNICO

O rádio esportivo catarinense, assim como aconteceu em estados brasileiros como São Paulo e Rio Grande do Sul, registrou a presença de uma profissional já na década de 70. Considerando a contribuição de Ruth Costa para a equipe esportiva da rádio Difusora de Joinville, podemos apontar que o chute inicial foi dado entre as décadas de 40 e 50. Sua participação era indireta, como já citamos acima, mas se fazia extremamente necessária pelo objetivo de manter o ouvinte ligado na emissora, em caso de queda no sinal da transmissão dos jogos, até o problema ser solucionado.

Entretanto, é a partir da virada do século que a inserção da mulher ocorre de forma mais acentuada nas emissoras catarinenses. Ao todo, foram identificadas 27 mulheres com passagem pela área esportiva no estado, dentre as quais 15 foram entrevistadas. Distribuídas nas cinco das seis mesorregiões catarinenses¹⁵, somente na do Vale do Itajaí não constatou-se profissionais trabalhando nesse segmento radiofônico.

Tabela 2 - O registro das profissionais do rádio esportivo no Estado, por Mesorregião

Mesorregião (Municípios)	Qntd	Entrevistadas	Formação em Jornalismo	Função exercida
Norte (26)	3	2	1	Apresentadora esportiva, repórter de torcida, repórter de campo e plantonista.
Sul (46)	6	5	6	Repórter esportiva, repórter de torcida, repórter de campo, plantonista, minuto a minuto, narradora.

¹⁵ Subdivisão estabelecida pelo IBGE que agrupa diversos municípios do estado com semelhanças econômicas e sociais, de uma área geográfica.

Serrana (30)	8	0 ¹⁶	-	-	
Grande Fpolis (21)	9	7	5		Repórter de campo, repórter de torcida, plantonista, interatividade com internauta, apresentadora de programas esportivos.
Oeste (118)	1	1	1		Plantonista, repórter de campo e comentarista.
Vale do Itajaí (54)	-		-	-	
Total (275)	27	15	13		

Fonte: Elaborada pela autora a partir dos dados coletados nas entrevistas, 2019.

Em maior número, as mesorregiões da grande Florianópolis e serrana registram, respectivamente, nove e oito profissionais nas editorias esportivas do rádio. Nessa, entretanto, nenhuma foi entrevistada por terem sido identificadas no período de finalização da dissertação. Entretanto, indico quem são as profissionais e as demais informações coletadas que poderão ser exploradas num outro momento.

Nas emissoras da Mesorregião sul, pelo menos seis mulheres já integraram um esportivo. Na Mesorregião norte constatou-se três profissionais e na do oeste pelo menos uma mulher nesse campo radiofônico. A exceção é a Mesorregião do Vale do Itajaí onde, ao final desta pesquisa, não se identificou uma profissional que tivesse passado ou esteja trabalhando na área esportiva de alguma emissora.

Nas últimas duas décadas, o número de mulheres exercendo atividades em equipes esportivas nas emissoras catarinenses vem aumentando. Se ao longo da história do jornalismo radiofônico, bem como o esportivo, lugar de mulher era a “cozinha” da produção longe dos microfones, é possível apontar que esse cenário está se alterando. Entre as funções exercidas pelas mulheres do rádio esportivo catarinense, na atualidade, o microfone está entre as ferramentas de trabalho, como, por exemplo, plantonista, repórter de torcida, repórter de campo, narradora e comentarista. Essas duas funções, até o momento, eram muito restritas ao

¹⁶ * Não foram realizadas entrevistas.

universo masculino. Mas, vale salientar que a ampliação de espaço não foi conquista fácil e se apresenta com novas limitações, conforme relatos das profissionais.

O ano de 2018 foi muito representativo na trajetória das profissionais mulheres no campo radiofônico catarinense, se registrou a primeira narradora esportiva e a primeira comentarista esportiva. Após 80 anos da fundação da primeira emissora no Estado e 75 anos de programação esportiva no Dial catarinense - a cobertura de esportes começou em 1943, agora chegou a vez delas brilharem nos microfones.

3.2. OUSANDO BRILHAR, AS PROFISSIONAIS COMEÇAM A OCUPAR OS MICROFONES

A jornalista Michele Veiga, com 18 anos de experiência profissional na área esportiva do rádio, aceitou o desafio de narrar uma partida de futebol pela Série B, do Campeonato Brasileiro de Futebol, pela Rádio Difusora AM 910, de Içara, no sul de Santa Catarina. A oportunidade surgiu, no dia 20 de julho de 2018, por conta de problemas de saúde que impossibilitaram o narrador oficial, Joel Bernardo, de fazer a transmissão.

Figura 3 - Foto de divulgação da escalação de Michelle Veiga, 20/07/2018



Fonte: Facebook da Rádio Difusora AM 910, (2018).

A trajetória de Michelle Veiga começou nas ondas sonoras da Rádio Cultura AM 930, na cidade de Santos/SP, onde a jornalista nasceu, aprendeu a gostar de futebol e do Santos Futebol Clube, bem como, de transmissões esportivas.

Nasceu o futebol em mim, desse fanatismo do meu pai. (...) Eu nasci num berço onde eu tinha um pai fanático que me levava para a Vila Belmiro. Então, isso me fez gostar de futebol e o rádio ele veio na consequência porque eu tenho, vou fazer 35 anos esse ano, e na época a televisão não era esse fenômeno que é hoje que transmite tudo quanto é jogo, era difícil, era raro. Então, eu tinha o bom e velho companheiro rádio. Eu acordava e dormia ouvindo rádio. Quando eu não podia ver o jogo ou quando o jogo era fora, não era televisionado, eu tinha na minha imaginação, escutando o narrador, eu tava vendo o jogo, a partida. E esse narrador é o Edson Callegares. (VEIGA¹⁷, 2018)

Aos dezessete anos a torcedora do Santos iniciou o curso de Jornalismo, pela Unimonte, de Santos, já almejando trabalhar de repórter de campo na Copa do Mundo, segundo ela. Foi quando recebeu o convite do amigo Guido Bortolomasi, que trabalhava como repórter na Rádio Cultura, para trabalhar como produtora na equipe esportiva.

chegou para mim e falou assim “olha, eu tô precisando de uma mulher na produção, tu não quer ir? Só que eu não tenho dinheiro para te pagar”. Falei, “não, tudo bem, eu vou”. E nisso trabalhava em telemarketing de manhã, saía do telemarketing às 15h e ia a pé até a rádio, que era um trajeto gigantesco, e trabalhava na rádio, saía às 19h horas, ia para faculdade e no outro dia tava trabalhando e assim foi. E com isso eu fui adquirindo a experiência da produção, que naquela época era uma época romântica, né, que você tinha que correr atrás do telefone, você tinha aquelas agendas enormes. Eu tenho as minhas agendas até hoje, então assim, era uma coisa louca. (VEIGA, 2018)

De um trabalho voluntário, logo foi contratada e permaneceu na equipe esportiva por nove anos. Dentro desse período, no ano de 2006, mudou de emissora. Os profissionais da Rádio Cultura foram contratados pela Rádio Hits FM 103,7, de Santos, tendo Michelle Veiga como produtora da equipe Show de Bola. Juntamente com ela, estavam Edson Callegares (narração), Guido Bortolomasi (comentarista), Ricardo Martins e Rivaldo Fillol (reportagens), Luiz Roberto e Walmir Lopes (plantão), Alessandro Nunes (clubes da Capital), Toni Vasconcellos (mundo da velocidade) e Valdo Santana (CBF e clubes do Rio). Dentre as

¹⁷ Entrevista realizada em sua residência, no dia 09 de abril de 2018.

atividades desenvolvidas: transmissões dos jogos do Santos, as jornadas esportivas e o programa Esporte Gol, que ia ao ar de segunda a sexta, das 19 às 20 horas, com informações esportivas de vários clubes do mundo.

Além de produtora, Michelle foi repórter de campo e plantonista. Segundo ela, foi “o primeiro plantão esportivo em Santos”.

Foram pessoas que me ensinaram e que me ensinam até hoje porque até hoje eles me acompanham, eles me ligam. Quando tem alguma coisa aqui do Criciúma para o Santos, dos Santos para o Criciúma, eles trocam informação comigo. Eu entro no ar. Eu vou... quando... todas as vezes que eu vou a Santos eu sou obrigada a ir no programa porque eles me cobram. É uma forma da gente estar junto e graças a eles também eu vim parar aqui. (VEIGA, 2018)

Com o encerramento da equipe na Rádio Hits e após uma rápida passagem pela TV, Michelle mudou-se para Criciúma, em 2008. Na nova cidade, foi contratada pela Rádio Eldorado 570 AM, de Criciúma, para trabalhar na produção do jornalismo, porém não demorou muito para ingressar na editoria de esportes da emissora.

entrei na produção de jornalismo, mas aí vai, né. Aquele negócio vai puxando, vai puxando, quando eu fui ver já era repórter de torcida, assim. Coisa de dois meses já tava lá na reportagem de torcida na jornada. Eu fui repórter de torcida, na Eldorado. (VEIGA, 2018)

Após sua experiência na função de repórter, a jornalista afastou-se do rádio. Foi contratada para ser assessora de imprensa do Criciúma Esporte Clube, segundo ela, na pior fase do clube catarinense que jogava a Série C do Campeonato Brasileiro¹⁸. E sua permanência também não foi nada fácil, confessa,

Eu fazia o papel de assessora auxiliar mesmo da imprensa. (...) Aí eu dava sugestões para eles porque eu tinha aquela visão do rádio, aquela visão de procurar pauta. Então eu facilitava muito. A gente teve esse carinho, esse carisma. A torcida no começo achou estranho. No começo foi bem dificultoso e aí começamos. A gente implantou notícia oficial pelo site. Eu tive um diretor que me abraçou na época que foi o Valdecir Rampinelli. “Não, a partir de agora tudo pelo site como a Michelle quer”. Então, começou a desenvolver. O Criciúma não tinha essa logística e a gente começou a desenvolver na época. E, no começo foi meio assim “ah, o que que essa guria que é de Santos tá fazendo aqui?”. Eu sofri preconceito não por ser mulher

¹⁸ O clube foi rebaixado da Série B em 2008 e não conseguiu retornar à segunda divisão no ano de 2009. Começou o ano de 2010 com quase 2000 associados, 1/3 dos 10 mil que possuía em 2008.

mas por não ser da cidade. Fui conquistando aqui. Eu sentava no boteco pra tomar gelada com os torcedores. E a gente foi conversando, foi... (VEIGA, 2018)

Foi dessa forma que Michelle conquistou o respeito da torcida criciumense e, também, foi conquistada pelo Clube. Após a assessoria, ela retornou ao microfone, em 2011, desta vez pela Rádio Transamérica Hits FM 92.5. A emissora não tinha transmissão de jogos na programação, mas ela era a responsável pelos boletins do Criciúma. Foi a maneira que conseguiu de se manter na área esportiva.

Então eu acompanhava todos os treinos. Os treinos ainda eram no CT. No CT não, no estádio. A maioria deles. Então eu acompanhava os treinos, eu era responsável por dar o boletim do Criciúma de manhã e à noite no debate. Então, o Criciúma, era comigo. (...) E até tinha um colega de Braço do Norte, que ele vinha transmitir o jogo, e ele me pediu para comentar. Então eu era comentarista dos jogos do Criciúma. Se eu não tinha compromisso profissional naquele horário com a minha emissora, então eu comentava com ele, enfim. As pessoas tinham muito... eles têm muito respeito pelo meu conhecimento também, né. Então a gente foi... eu fui entrando nesse meio e eu fui sendo respeitada pelo meu trabalho. (VEIGA, 2018)

Da Transamérica ela foi contratada para trabalhar no jornalismo e no esportivo da Difusora AM 910¹⁹, de Içara, município vizinho à Criciúma. Na emissora, sua função inicial na equipe esportiva era de repórter de torcida.

Nas equipes esportivas, comumente, acrescenta-se a função de repórter o local onde este, em geral, vai desenvolver as atividades, como, por exemplo, repórter de campo, repórter de torcida ou repórter da galera, como veremos em algumas entrevistadas se referindo, e cabe buscarmos a definição dessas funções.

Rangel (2014, p. 12) descreve que repórter esportivo “é o profissional que apura e redige a notícia, no caso, esportiva”. Ferraretto (2000), especifica que o repórter de rádio, necessita ser um bom observador, para não perder detalhes que possam ser relevantes no acontecimento, e ter habilidade na comunicação. Entre outras características essenciais para a função, neste meio de comunicação, o autor cita “a sensibilidade; a criatividade; a busca

¹⁹ A Rádio Difusora de Içara, fundada em 1982, recebeu esse nome em homenagem a Rádio Difusora, de Criciúma, que havia fechado as portas no ano de 1977. O fundador da nova emissora foi o então deputado federal Nereu Guidi (que já havia sido vereador do município). Atualmente, a emissora é administrada por Rafael e Carolina Guidi, pelos filhos do fundador. (Disponível em: <http://www.engeplus.com.br/noticia/memoria/2012/radio-difusora-tres-decadas-de-informacao>)

constante pela própria atualização informativa; e a existência de uma sólida formação intelectual” (FERRARETTO, 2000, p. 253).

Para Gheller (2012), repórter de campo é um dos mais importantes nas coberturas de futebol ao transmitir emoção e, entre suas atribuições, deve acompanhar os lances e tirar possíveis dúvidas que podem surgir.

é o profissional da imprensa que fica mais próximo dos acontecimentos do jogo. Ele é a “testemunha” da emissora que apura dali as informações pertinentes, detalha os lances e entrevista os personagens da partida, mas com peculiaridades específicas à cada meio de comunicação. (GHELLER, 2012, p.2)

Repórter de torcida para Gheller et al (2010) informa sobre a movimentação ao redor do estádio, antes do jogo, a respeito do público, das condições do trânsito para chegar ao local da partida. Durante a partida, o profissional se junta a torcida,

faz registros com os torcedores na arquibancada, já que a possibilidade de movimentação de um jornalista com o advento do microfone sem fio é muito maior do que com microfone de cabo. Nesse sentido cabe ao repórter trazer ilustrações de tudo o que o narrador apresenta para o ouvinte. (...) cabe ao repórter trazer ilustrações de tudo o que o narrador apresenta para o ouvinte. (GHELLER et al, 2010, p. 6)

Foi, inicialmente, nessa função de repórter de torcida que Michelle Veiga trabalhou na Rádio Difusora, de Içara. Em 2009 e 2010 a Rádio Difusora AM e a Rádio Som Maior FM, essa de Criciúma, fizeram uma parceria para cobrir os jogos do Criciúma e transmitir em rede. O acordo possibilitou aos torcedores ouvir as transmissões pelos celulares e MP3 Players²⁰ e, à Michelle Veiga, passar das arquibancadas para o campo, e se realizar na função de repórter de campo,

Nossa senhora... quando eu fazia reportagem de campo era uma coisa louca. Era uma vibração assim. Você tá dentro do campo, poder transmitir a jogada, poder cantar jogada, meu Deus. Aquilo ali é um sonho pra qualquer um que quer ser repórter esportivo, então, eu tive sorte de na época que a Difusora tava fazendo com a Som Maior o “Futebol em dobro”, nossa... eu fui, nem sei, eu acho que fiquei um ano de repórter de campo e era sempre do adversário e era na série A. Então, eu entrevistei os caras do momento. Entrevistei o Dedé, entrevistei o pessoal do Cruzeiro, que foram campeões ‘aquele’ ano²¹. Meu Deus do céu, muita

²⁰ Disponível em: <http://www.engeplus.com.br/noticia/midia/2010/som-maior-e-difa-renovam-parceria>

²¹ O Cruzeiro foi campeão em 2010.

gente. Então assim, é muito bom ser repórter de campo. Eu... é a minha paixão.
(VEIGA, 2018, grifo meu)

Do campo para o estúdio, Michelle assumiu a função de plantão esportivo na Difusora. Em 2014, a emissora fechou a parceria do Futebol em Dobro com uma nova aliada, a Band FM 89.1, de Criciúma, cidade vizinha no sul catarinense.

Figura 4 - Equipe do Futebol em Dobro, de 2014. Parceria entre Rádio Difusora AM 910, de Içara, e Rádio Band FM 89.1, de Criciúma



Fonte: Divulgação da Agência Nueva, (2014)

Atualmente, a jornalista continua trabalhando na “Difa”, como é comumente chamada a emissora, e integrando a equipe esportiva, durante as transmissões fica na produção, na parte do online, gerenciando as mídias sociais da emissora e interagindo com os internautas.

Como a gente tem esse advento das mídias sociais, a gente tem muita interação. Então eu tenho assim, por jogo, uma média de 500 comentários no meu Facebook. Mais Instagram, mais Twitter. E eu faço minuto a minuto. Hoje o minuto a minuto da Difusora é referência, né. Não sou eu, é o estagiário. (risos). É o estagiário. A culpa é sempre do estagiário. Muita gente sabe que sou eu, mas todo mundo sabe que é o estagiário. Então assim, o nosso minuto a minuto, ele é torcedor. Então eu fico durante o jogo transmitindo o jogo no Twitter, só que como torcedor. Então eu mando pro inferno. Eu falo o que eu, como a gente de tudo aqui, “é do demônio”, eu

escrevo tudo. Eu rezo. Eu falo que tô com o terço na mão, então assim, a gente brinca muito. No nosso Twitter. Ele é muito divertido. (VEIGA, 2018)

Michelle Veiga faz do “minuto a minuto” sua forma de extravasar. Pela rede social, xinga, fala palavrão, reza, como um torcedor, em geral, faz no estádio. A postura pode ser entendida como forma do torcedor/internauta se identificar com quem está alimentando a rede social ou como uma maneira encontrada pela jornalista de externar sua insatisfação por estar no estúdio

eu queria tá no estádio gritando. Como agora eu tô estúdio isso me corta o coração. Me tira um pedaço... me tiraram um pedaço. Mas, é evolução e eu tenho que acompanhar, né. Então assim, me dá muita agonia ficar no estúdio. É uma coisa que eu não sou fã, mas hoje, né, pela obrigação profissional a gente tem que ficar. Então, eu transformo aquele meu minuto a minuto como se eu tivesse ainda na arquibancada lá quando era pequena torcendo, xingando todo mundo. (VEIGA, 2018)

Em seus 18 anos na área esportiva, Michelle Veiga relata que nunca vivenciou situações de questionamentos quanto ao seu conhecimento na área esportiva.

eu acho que eu dei sorte na minha vida. Por um lado algumas coisas não foram bem, mas profissionalmente acho que eu dei sorte porque primeiro que eu fui retirada da torcida para entrar na rádio. E aqui eu..., basicamente, foi isso, assim, eu fui indo para o futebol porque eles já me conheciam e conheciam o meu trabalho de antes. Então, eu acho que eu dei, nesse quesito de provação, eu dei sorte. Porque eu provei, eu provei ao longo dos tempos. (VEIGA, 2018)

Entre as funções já desenvolvidas, até o momento da entrevista²², não tinha sido nem narradora nem comentarista, apesar de já ter feito comentários a pedido de um colega de outra emissora.

O narrador esportivo, na definição de Schinner (2004, p. 75) “é o profissional de comunicação capacitado a descrever, contar, relatar, transmitir um evento ou conduzir uma transmissão, interagindo com seus ouvintes, espectadores ou assinantes”.

²² A primeira entrevista foi realizada na sua residência, em Criciúma/SC, no dia 09 de abril de 2018.

Para Barbeiro e Rangel (2006), o comentarista deve analisar o que aconteceu e explicar de forma que o torcedor entenda, deixando de lado o achismo. Sua opinião deve ser embasado em fatos.

Michelle pondera que lhe falta preparo para desempenhar ambas as funções.

Comentarista tem que ter um treino. [...] Tem que entrar com a cara e com a coragem assim. Eu não tenho vontade de ser comentarista. Embora já têm alguns ainda falando para eu ser narradora, mas eu não acho que eu... também não tenho essa capacidade não. Fico na reportagem que é mais legal (risos). (VEIGA, 2018)

Após três meses dessa entrevista, Michelle Veiga²³ se tornou a primeira mulher a narrar uma partida de futebol em uma rádio no estado de Santa Catarina. O jogo era válido pela segunda divisão do Campeonato Brasileiro de Futebol. A partida entre Criciúma e Londrina estava agendada para às 19 horas e 15 minutos, do dia 20 de julho de 2018. Michelle foi informada às 10 horas da manhã, daquele dia, que ela seria a narradora da partida. O convite partiu da jornalista e diretora Carolina Guidi, que assumiu os riscos que a escalação poderia acarretar, conforme relatou Michelle,

ela falou: "Olha Michelle eu tenho um desafio pra ti e eu sei que você não vai me negar, tu vai narrar o jogo de hoje". "Tá maluca, guria. Não. Não viaja na maionese. Narrar é muito, muito, muito, muito, muito importante, né. É muita responsabilidade. Eu nunca vou fazer isso." Ela: "Claro. É meu maior produto da rádio. É o que mais eu faturou. Eu sei o tamanho da responsabilidade e eu tô te dando essa responsabilidade." Falei: "não". Neguei, neguei, neguei. "Você tá maluca, não viaja". Comecei a negar. Ela: "Eu sei que só tu pode fazer isso pra mim. Levar essa piração pra frente". E, aí, eu falei pra ela "sabe de uma coisa, então tá, então vamos. Só que fica em mente que se daqui pra frente o pessoal desistir de patrocinar a culpa não é minha". Ela disse: "Não tem problema, é um risco que eu quero assumir". Tá bom.(...) Eu falei pra ela novamente "Carolina, eu nunca quis ser narradora, não acho que eu tenha esse dom. É um raciocínio muito rápido, eu falo muito rápido, mas é muito difícil ter esse tipo de raciocínio, né. Tem que acompanhar jogada, enfim". Ela "não, vamos que vai dar certo. Pelo menos se a gente errar, vai errar fazendo uma coisa nova". (VEIGA, 2019)

Após trinta minutos de argumentação, Carolina Guidi convenceu Michelle Veiga de fazer a narração da noite. Com um pedido de que guardasse segredo da novidade, Michelle ganhou a tarde de folga, para fazer a preparação. Até aquele momento, a jornalista nunca

²³ Entrevista realizada via telefone 048-34**-**15 no dia 02 de abril de 2019.

tinha feito uma narração, “nunca treinei pra isso, nunca nem brinquei de ser narradora” (VEIGA, 2019). Por conta da ansiedade e das ligações e mensagens que não paravam de chegar, após a divulgação da notícia na conta da emissora no *Facebook*, não foi possível nem descansar nem fazer preparação. Ao chegar no estádio, Michelle conta que o apoio veio de todos os lados, inclusive de colegas de outras emissoras,

O que me surpreendeu. Todo mundo foi na cabine me cumprimentar e todo mundo foi na cabine me desejar força. Teve até colegas que foram me dar dicas. 'Faz assim', 'vai devagar', 'respira', 'qualquer coisa joga pro comentarista, joga pro repórter de campo', 'faz assim'. Então, cada um foi me dando um toque pra que fosse bem feito aquilo ali. Na verdade não foi bem feito, eu perdi o primeiro gol (risos). (VEIGA, 2019)

Num lance de ataque do time do Londrina, Michelle conta que aproveitou para fazer os comerciais da transmissão, não esperava que o lance resultaria em gol. O repórter de campo, Anderson e o comentarista da partida fizeram a descrição do lance. O time visitante abriu o placar, para o time visitante, o Criciúma fez dois gols e venceu a partida.

Eu dei uma perdidinha ali no primeiro gol, mas narrei. O primeiro gol (do Criciúma) eu narrei, né, vibrei. E... foi assim, o Alex Maranhão entrou, fez o segundo gol, a gente ganhou de virada então tornou-se um negócio emocionante. E foi assim que surgiu eu narrar. Num susto, numa correria. Mas, acabou acontecendo e a gente foi lá e narrou o jogo²⁴. (VEIGA, 2019)

Na rodada seguinte do campeonato, no dia 24 de julho, o Criciúma enfrentaria o CRB (Clube de Regatas Brasil), no Estádio Rei Pelé, em Maceió/AL. Como o estado de saúde do narrador oficial da emissora, Joel Bernardo, continuava debilitado, Michelle foi novamente escalada para a narração. Com o time jogando a mais de 3.000 km de distância a audiência era maior, também pelo fato do time ainda ter chance de entrar no famoso G4²⁵. E, conseqüentemente, as críticas cresceram na mesma proporção.

Olha... das críticas, eu vou te falar que teve uma hora que eu dei uma pirada, surtei. (...) Eu sou muito crítica com isso. Porque, como eu disse ali, são muitos

²⁴ A narração dos gols podem ser ouvida pelo link https://www.youtube.com/watch?time_continue=28&v=eBXtsR4kXs8

²⁵ Zona de classificação onde ficam os quatro melhores times do campeonato. No caso do Brasileirão, campeonato de pontos corridos, os quatro clubes com mais pontos no final da competição garantem vaga para a série A.

anos e eu quero que todo mundo faça bem feito. E, eu chegar no ponto de narração, que eu sabia que eu não ia conseguir fazer bem feito, pra mim, a principal crítica era eu. Eu tinha que receber essa... eu tinha que passar essa barreira. Da minha autocrítica, que é muito forte. Mas, dos ouvintes, eu me surpreendi. Elogiaram muito mais do que as mulheres. As mulheres aqui... a gente tem uma fama de ter uma torcida feminina muito atuante aqui em Criciúma. As mulheres pegaram muito no meu pé. Que a gente recebeu, na segunda narração mesmo, no segundo jogo, eu recebi uma crítica assim de uma senhora... que eu nunca imaginei na vida. De falar que eu tava brincando com o ouvinte pra baixo. Então assim, aquilo ali, eu falei assim "não gente, realmente eu tenho que estudar, eu tenho que surpreender as pessoas de maneira positiva. Não é brincadeira". O futebol não é brincadeira. É a paixão dos outros. (VEIGA, 2019)

A experiência e as críticas, num primeiro momento, fizeram Michelle Veiga pensar em desistir, inclusive, do rádio. Porque, na sua avaliação, seu desempenho foi melhor na segunda oportunidade.

como eu te falei, na minha cabeça a responsabilidade é muito grande, eu cheguei a ficar estressada de um jeito na quinta-feira, logo após a segunda partida, que eu não conseguia levantar da cama. **Eu falei não, agora eu não quero mais, não quero mais saber de rádio, não quero mais saber de nada disso. Porque as críticas vieram muito no segundo jogo que eu fui infinitamente melhor na narração. Eu narrei o segundo jogo. No primeiro jogo eu brinquei. O segundo jogo eu narrei de verdade,** depois eu ouvi toda a jornada. Falei "bah, eu fui bem até". Eu me surpreendi. Mas a crítica veio mais no segundo jogo. (VEIGA, 2019, grifo meu)

Ela ainda continua trabalhando no rádio, mas a narração, por enquanto, não faz parte dos seus planos. Ainda que os patrocinadores da jornada esportiva, uma de suas preocupações, tenham aprovado sua participação.

Veio essa chuva de críticas, mas aí eu falei "não, vamos dar um tempo". Na quarta eu fui trabalhar, na quinta eu estava destruída emocionalmente e fisicamente. Então, assim, foram duas ótimas oportunidades para mim. Agradeço, me tornei a primeira mulher narradora do Estado. Narrei o jogo e tal, dois jogos, fiz história, mas mesmo assim, a responsabilidade de narrar é muito grande. Tiro o chapéu pras meninas que estão fazendo isso. Logo em seguida, teve cliente que eu pensei que não ia gostar e, pelo contrário, elogiou inclusive pra dona da emissora. Queria mais vezes eu narrando. Os clientes que patrocinam a jornada. Tem aquela questão de empoderamento feminino que todo mundo fala e tal, mas pra mim, ainda fica a responsabilidade de fazer um bom trabalho. E eu ainda estou muito longe de fazer esse bom trabalho. Então, eu fico muito feliz quando as meninas conseguem. Vejo altas narradoras aí pelo Brasil a fora. Inclusive teve uma moça do Rio Grande do Sul que me ligou pra entrevistar, enfim. Mas eu tô muito longe delas ainda. (VEIGA, 2019)

Após suas narrações, ela confessa que começou prestar mais atenção na função, na maneira de fazer e em como narrar o posicionamento da bola, por exemplo. Michelle, tem o entendimento que para ser narrador não basta só falar rápido, coisa que ela sabe fazer, é preciso ter o raciocínio rápido para fazer narração.

Eu falo muito rápido. Eu gosto de futebol, mas talvez eu não tenha o raciocínio exato pra fazer isso. A não ser que eu treine muito. E, hoje, pela condição de tempo, de serviço, de vida, eu não tenha esse tempo pra me dedicar. Então eu acho muito difícil eu continuar nessa. Pode ser que uma hora ou outra eu brinque de novo. Mas não pra seguir como meu caminho profissional, não. (VEIGA, 2019)

Por estar na emissora há sete anos, Michelle Veiga acredita que por já ter criado um vínculo com o ouvinte, que está habituado a ouvir sua voz na emissora diariamente, sua voz não foi alvo de questionamentos.

No radiojornalismo, a voz do locutor informa não apenas o conteúdo das notícias, mas funciona igualmente como signo indexical que informa o programa e a emissora em que o ouvinte está sintonizado. A presença humana inerente à vocalização torna-se desta forma inseparável da presença institucional, ao mesmo tempo em que a presença institucional se manifesta apenas através da mediação humana (MEDITSCH, 1997, p. 5).

Entre os motivos, segundo a jornalista, deve-se ao seu tom de voz mais para grave. César (2009) explica que,

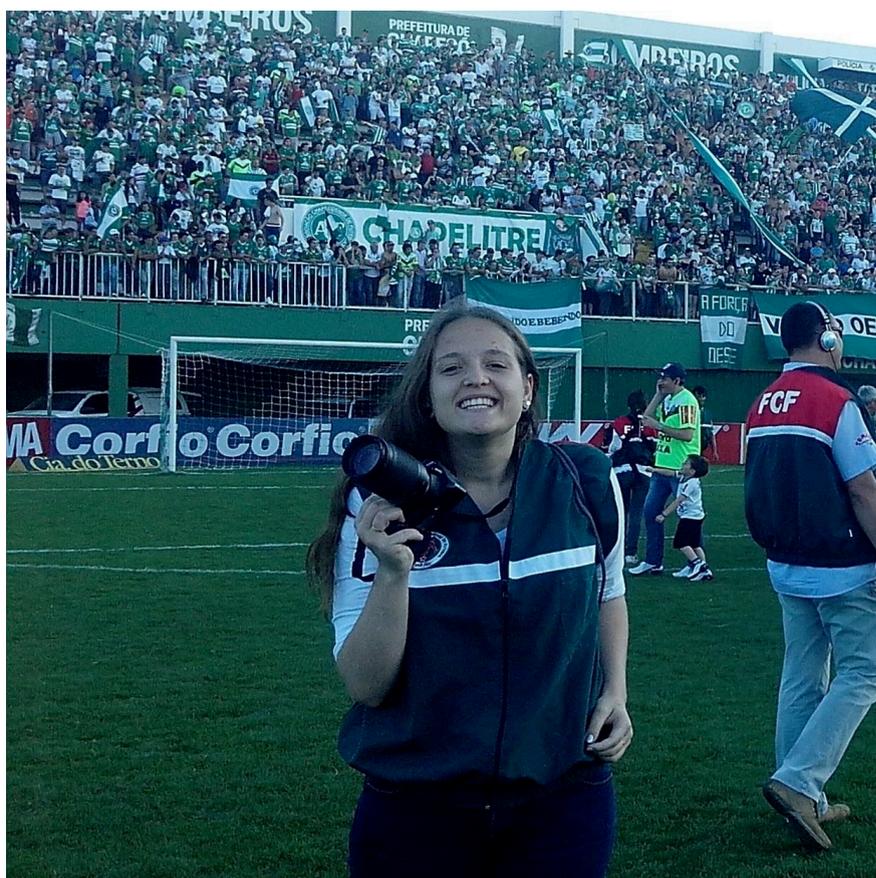
O timbre da voz humana depende das várias cavidades ósseas, nasais, boca, garganta, traqueia, pulmões e laringe, que vibram em ressonância com as pregas vocais. Nos homens, as pregas vibram 125 vezes por segundo. Nas mulheres, 250 vezes por segundo. As pregas dos homens têm mais massa e são menos esticadas do que das mulheres. As cordas mais agudas são mais esticadas e vibram mais do que as graves, o que é uma alusão aos instrumentos de corda como o violão, que possuem uma característica funcional semelhante (CÉSAR, 2009, p. 74)

Penteado (1998, p. 9) informa que esse tom de voz é usado como recurso de afirmação masculina, pois representa um “papel social masculino de autoridade, segurança e força”. Bessa (2004, p. 5) em seu estudo sobre o aspecto vocal no radiojornalismo concluiu que “as vozes preferidas pelos ouvintes são aquelas que se situam num registo grave - para os homens

- e grave e médio-grave, no que respeita às mulheres”. Michelle descreve seu tom de voz dentro dessa característica de médio-grave.

Quem também marcou seu nome na história do rádio esportivo catarinense, em 2018, e se tornou a primeira mulher comentarista do Estado foi a chapecoense Letícia Secchini.

Figura 5 - Letícia Secchini, cobrindo o acesso da Chapecoense. 16/11/ 2013. Chapecoense 1 x 1 Bragantino, pela Série B



Fonte: Acervo pessoal, (2013)

Sua relação com o jornalismo esportivo começou em 2011, logo após o primeiro semestre de ingressar na faculdade de jornalismo, pela UnoChapecó, quando foi convidada a escrever para um *blog* de torcedores, que cobria a Associação Chapecoense de Futebol, com a missão de dar uma linha mais jornalística. Letícia produziu para o informativo até 2014. Depois foi para um jornal impresso, na cidade de Chapecó, que acabou fechando, e, por essa razão, seguiu para um portal. Devido sua experiência na cobertura esportiva do time do oeste

foi convidada pela ESPN para ser a responsável pelo blog *Vamo Verdão*, hospedado na Plataforma ESPN FC. Na função, a jornalista tinha possibilidade de trabalhar como *freelancer* e, foi nessa época, que surgiu o convite da Rádio Sonora FM 104.5, de Chapecó, para exercer a função de plantonista esportiva da emissora, em 2015. A jornalista explica que o plantão esportivo, chamado Sonora no Lance, era realizado, independentemente, do gênero do programa que estivesse no ar.

O programa funcionava bem em regime de plantão. No decorrer dos jogos sempre iniciava pelo menos 40 minutos, meia hora antes. Os jogos iam acontecendo e a gente ia entrando com as informações a cada poucos minutos. Então a programação da Rádio continuava normalmente, fosse um programa de música, fosse um programa de informações, independente do programa o plantão esportivo estava acontecendo. Então, os principais lances do jogo, tinha uma vinheta que era um apito, era bem divertida. Dava essa vinheta, eu entrava com a informação do jogo, fosse início de jogo, substituição, algum lance importante, gol, enfim. (SECCHINI²⁶, 2018)

A transmissão era direta do estúdio da Rádio Sonora FM e para manter o ouvinte bem informado, Letícia assistia o jogo pela TV instalada no estúdio e confessa que sempre acompanhava mais dois sites, pelo menos, para se munir de informações quando entrasse no ar.

eu precisava sempre ter um volume de informações interessantes para poder ter essa sequência. Para poder não deixar o meu ouvinte sem saber do que eu estava falando, Então, chegava no fim da partida sempre tinha um comentário final também e sempre tinha muita interação com o locutor que tivesse na hora também. Às vezes, tinha alguns locutores que tinham um pouco mais intimidade com o esporte, então eles colaboravam na transmissão. Em outros casos, o contrário também acontecia e também ficava muito interessante quando era uma pessoa que acompanhava pouco esporte e eu precisava dar uma informação num nível um pouquinho diferente para que a pessoa estivesse junto comigo também nessa transmissão, né, Então, tinha todo esse dinamismo do plantão esportivo do rádio em si. (SECCHINI, 2018)

Mesmo com um certa liberdade de informar e emitir opinião sobre os lances e a partida como um todo, Letícia chama a atenção para o fato de não deixar o lado torcedora manifestar-se na hora de tecer os comentários, cuidando para que fosse bem embasado e com nível de informação suficiente. “A gente sabe que ‘Ah, Chapecó só tem um time’, que ‘a

²⁶ Entrevista realizada via *Skype*, dia 02 de maio de 2018.

gente só cobre a Chapecoense’, beleza. Mas ao mesmo tempo isso não te dá isenção para você ser torcedora em qualquer momento. Então eu tinha que observar tudo isso, também” (SECCHINI, 2018).

Por ser a única responsável pelas informações esportivas, Letícia tinha um espaço maior durante o programa e, por essa razão, divulgava informações produzidas para o seu blog Verdão do Oeste.

E uma coisa que era muito bacana, que era uma liberdade que a rádio me oferecia, eu conseguia trazer muito do meu blog também para dentro da programação.[...] não ficava só naquela informação de jogo. Trazia um pouco de informação histórica, que sempre foi mais a minha praia, trazia um pouco de contexto com outros jogos, [...] no final da partida, sempre era dado informação como a tabela, os próximos jogos, jogos que tivessem acontecendo no momento, também, os gols, enfim, sempre tinha essa informação mais completa. Não ficava só em cima de Chapecoense. (SECCHINI, 2018)

Quando os jogos da Chapecoense ocorriam aos sábados a noite, o plantão estava inserido no programa musical de rock, hard e metal, A hora do Rock. que entra no ar todos os sábados, das 19 às 22 horas. O ambiente do estúdio ficava um legítimo reduto masculino, de acordo com a jornalista, inicialmente lhe causando uma apreensão,

a rádio ficava com aquele ambiente bem masculino mesmo. O pessoal das bandas que ficava ali interagindo, tinha sempre muita gente no estúdio. O pessoal, às vezes, tomando cerveja. Às vezes, tinha todo aquele ambiente bem masculino. O que acontece? O primeiro medo, assim, o primeiro receio era de que isso fosse acontecer mesmo, né. Que eu posso sofrer um pouco esse machismo, digamos assim. E eu sempre tentei me posicionar defensivamente quanto a isso mesmo antes de ter prova de que isso aconteceria ou não, né. (risos) Nesse ambiente era muito interessante porque eu conseguia dialogar com esse pessoal, com esse público mais masculino, um público que muitas vezes era mais velho, nesses horários, no sábado à noite, sem ter nenhuma represália ideológica, entende?! Tinha, lógico, discordância com relação a futebol em si, ao comentário de futebol. Mas eu não tive nenhum momento de ouvir comentários que fossem machistas em sua gênese. Sempre foi muito tranquilo. (SECCHINI, 2018)

Letícia revela que sempre se armou mais de informação, sempre esteve munida de maneira a “não dar brecha” quando desenvolveu suas atividades na comunicação esportiva. E no rádio a postura não foi diferente. A razão, segundo ela, é a necessidade que a mulher tem de sempre ter que estar provando que possui conhecimento do trabalho

A gente no jornalismo esportivo, sendo mulher, sempre tem que provar duas vezes mais do que qualquer outro profissional, né. Porque você tem que provar, não somente que você é um bom profissional no que está fazendo, mas que você entende muito de você está fazendo. Eu sempre fiz muita questão disso mesmo sabendo que não era uma coisa certa a se fazer, sabe. Óbvio, eu precisava ser respeitada por quem eu era ali, não porque eu sabia mais ou menos, entende?! (SECCHINI, 2018)

Quando ingressou na área esportiva, Letícia relata que recebeu alguns olhares de desconfiança por ser nova, ter apenas 17, 18 anos, e também por ser uma das primeiras a falar de esporte e da Chapecoense. Em 2011, o clube disputava a série C do Campeonato Brasileiro de Futebol. Quando foi para o rádio, em 2015, já tinha uma boa experiência e também havia provado ter conhecimento sobre os assuntos esportivos que abordava.

Para a jornalista que precisou desbravar o campo esportivo no oeste catarinense, como ela fala “quando eu cheguei era tudo mato”, é de extrema relevância tornar público as experiências já vivenciadas,

justamente, para se criar essa não necessidade de experimentar tudo de novo, sabe?! Uma vez que você divide com as pessoas o que você passou, uma vez que você busca criar esse círculo de experiências cresce para todo mundo o jornalismo. E não só no esportes, é uma questão de você pensar na profissão, na função dela como um todo. (SECCHINI, 2018)

Figura 6 - Equipe esportiva Sonora no Lance, da Rádio Sonora FM, 2018



Fonte: Divulgação da emissora, (2018).

Dois meses após a entrevista concedida a jornalista foi convidada a integrar a equipe de esportes da Rádio Sonora, montada após a Copa do Mundo de Futebol de 2018, para transmitir os jogos da Chapecoense, pela Série A, do Campeonato Brasileiro de Futebol. Inicialmente, a função a ser exercida seria a de plantonista, com uma perspectiva mais estatística. Ainda na fase de planejamento, ocorre um imprevisto com a outra moça que seria repórter de campo, responsável pelo time adversário do Verdão. Com isso, Leticia conta ter sido informada da sua nova função. Pouco antes de começar as jornadas, um novo profissional foi incluído na equipe e assumiu a função de repórter de campo.

O primeiro jogo transmitido pela equipe Sonora no Lance, entre Chapecoense e Bahia, aconteceu no dia 19 de julho, no Estádio Arena Condá, em Chapecó. Leticia trabalhou como plantonista, nesse e nos próximos dois jogos. Na quarta partida transmitida pela equipe, 16ª rodada do Brasileirão, a Chapecoense recebeu o Grêmio. O repórter de campo, que cobria o

time visitante, adoeceu ficando impossibilitado de trabalhar e Letícia foi remanejada para a função. Com um período de dois dias de preparação, Letícia conta que levantou o máximo de informações a respeito do time visitante. Por parte da emissora, a preparação foi de, no máximo, uma hora sobre como usar os equipamentos, questões técnicas.

Foi, claro, uma experiência muito bacana. Muito diferente do que eu já tinha vivido em termo de cobertura esportiva. Até porque eu não cobria a Chapecoense, eu cobria o adversário e era um adversário que tinha uma torcida grande em Chapecó. Tinha um apelo muito grande em função da Libertadores; em função do personagem do Renato Gaúcho e tudo mais. E foi um jogo em que o Grêmio se destacou muito. Então, eu já tive que abordar essas duas coisas, né. Não só a minha estreia, mas, digamos, a questão do adversário da Chapecoense ter sido superior como matéria. Como fonte tinha muito mais informação. (SECCHINI²⁷, 2019)

Apesar do receio inicial de encontrar um ambiente hostil por adentrar o campo, Letícia conta que o público estava curioso para acompanhar seu trabalho, com expectativas e não com hostilidade. Na função de repórter de campo, ela confessa que usou seu espaço no microfone para fazer comentários sobre a partida, fazendo uma análise do jogo, atividades “que não é necessariamente do repórter (...) Eu tive essa ousadia de ser comentarista do segundo tempo em diante. (...) eu comecei a comentar um pouco mais, além de informar o que eu estava fazendo no campo, estava vendo no campo”. A jornalista conta que após esse jogo, no dia seguinte, foi promovida a função de comentarista e informada “já pode subir pra cabine, você vai ser comentarista junto com o Professor (Edson Santana)”. Ela recebeu essa promoção como a melhor crítica sobre o seu desempenho, confessa que “foi, também, uma experiência muito diferente. Você poder analisar o jogo, ter a oportunidade de analisar de fato, dentro de tudo o que eu já estudei. Então, nesse ponto foi muito interessante” (SECCHINI, 2019).

Para a jornalista seu preparo como comentarista foi sendo realizado no decorrer de sua formação profissional. Com longa experiência em blog opinativo, por um período de seis anos, onde tinha liberdade de fazer comentários, segundo ela, foi desenvolvendo o jornalismo opinativo. Enquanto comentarista²⁸, a atividade de informar números e dados estatísticos sobre os clubes, que fazia no plantão, levou para a nova função e sempre abria os comentários na pré-jornada apresentando os dados dos dois times.

²⁷ Entrevista realizada por telefone, dia 02 de maio de 2019.

²⁸ Uma de suas participações, como comentarista, pode ser acompanhada na página do Facebook da Rádio Sonora FM. <https://www.facebook.com/sonora104.5/videos/1907360285992255/>

Letícia permaneceu na função por pelo menos seis jogos, nesse período um colega do outro comentarista, Professor, ingressou na equipe para, também, ser comentarista, e ao fim de seis, sete jogos, Secchini foi designada ao plantão novamente. De volta ao estúdio, onde ficou até o final do campeonato brasileiro. “Eu, obviamente fiquei muito frustrada com isso, mas fui fazendo minha função conforme fazia habitualmente”.

Ainda no segundo semestre de 2018, a equipe iniciou um programa de debate esportivo na Sonora FM, que ia ao ar das 13 às 14 horas. Além da jornalista, faziam parte da equipe, os comentaristas Professor Edson Santana e Davi Bonugli e Guilherme Griebeler, setorista da Chapecoense.

O programa, segundo a jornalista, inicialmente foi pensado e criado com um caráter mais de debate, adaptou-se a um estilo mais noticioso, até assumir um perfil de maior interatividade, buscando aumentar audiência e a participação do ouvinte.

Especificamente para rádio, acho que o meu treinamento foi sobre paciência. Claro, sobre dicção e tudo mais em rádio. Mas, aquela paciência de que, às vezes, o outro comentarista discorda. Às vezes não dá tempo de fazer um comentário. Isso eu tive que me policiar um pouquinho. (SECCHINI, 2019)

Em suas passagens pelo rádio esportivo, ela relata que recebeu pouquíssimas críticas “até porque eu nunca dei muita brecha pra isso, sempre respondi os comentários na lata”. Isto em comparação as mensagens de apoio e declarações de mulheres que se diziam representadas pela presença dela na equipe. E as críticas que recebeu eram referentes a algum comentário profissional que tinha feito e não relacionados a gênero.

Entre pedras e mãos estendidas, Letícia conta que teve “as duas coisas” na equipe da qual fez parte.

“Ao mesmo tempo que eu tive colegas que super tentavam me levar para cima, me davam dicas sobre rádio, sobre como falar, de como portar minha voz e tudo mais. Ao mesmo tempo eu tinha isso, e tinha rejeição por parte de alguns colegas específicos. Rejeição no sentido de que eu demorei para perceber que era especificamente machismo e não só ignorância da pessoa, sabe?” (SECCHINI, 2019)

Letícia relata que as formas de rejeição podiam ser percebidas na falta de interação, mesmo quando ela tentava interagir a pessoa era evasiva. Em outros momentos, ela emitia comentários e a pessoa argumentava contrariando-a ou fazendo acréscimo, sempre, na forma de correção ao que ela dizia. Não acontecia, dosar o tempo de fala entre eles ou incluir a comentarista na análise também. Segundo a jornalista, o tratamento dispensado a ela, por esse colega, já era assim desde quando trabalhavam juntos na jornada e foi relatado ao superior, entretanto, não sabe informar se algo foi feito.

Eu tive que trabalhar muito, assim, nesse ponto da paciência. De explicar diferente, de me impor diferente. Até que uma hora isso me encheu o saco. Num dos programas da tarde... eu fui acumulando aquilo, né. [...] nunca esqueço, foi numa segunda-feira. Cada coisa que eu ia falar, alguém me interrompia. Cada coisa que eu falava... tipo, eu falava meu celular é branco e preto. “Não, não não. Teu celular é preto e branco”. Já tava acontecendo isso. Na segunda-feira aconteceu, fiquei quieta. Na terça-feira, de novo isso aconteceu. Chegou na quarta-feira, eu fiquei meio quieta no programa, não falei muito. Nessa quarta, na reunião de equipe, eu literalmente rodei a baiana. Falei vocês tem que parar de me interromper e de me corrigir ao vivo porque tá ficando feio pra vocês e não pra mim. Qual é o problema? Vocês acham que eu não tenho formação nenhuma? Vocês tem mil e anos de futebol e eu estou me esforçando pra ter mil anos também”(SECCHINI, 2019)

Após o desabafo da jornalista, um dos comentaristas mudou de atitude, possibilitando uma interação, relata ela. Os outros dois colegas da equipe se mantiveram na postura, fazendo com que Letícia utilizasse o humor para se impor e “dar nos dedos”. “Na Sonora foi uma montanha-russa, tanto na aceitação dos colegas, quanto ao próprio trabalho. Foi sempre uma montanha-russa”, desabafa. Permaneceu na Sonora FM até o encerramento do Campeonato Brasileiro de 2018, após foi demitida da emissora. Entre as funções desenvolvidas na área esportiva do rádio, a jornalista declara que não tem interesse em desempenhar a de narradora, por gostar de observar muito antes de falar, o que não contribui para a função. Entretanto, a experiência deixou o desejo de voltar a trabalhar com esporte no rádio.

Pelo norte do estado, encontramos a jornalista e repórter de campo Danuta Malavolta. Torcedora do Joinville Esporte Clube, sempre foi muito ligada ao futebol e frequentadora do Estádio Ernesto Schlemm Sobrinho, o Ernestão, desde 1995. Danuta relata que, na sua experiência com o futebol, já era exceção desde quando fazia parte da torcida do time. Principalmente, quando optava por viajar para apoiar em jogos fora da cidade: “Já uma outra coisa difícil, né. Porque estar entrando num ônibus, com 45 homens, às vezes, tá só tu de

mulher. Tem que convencer alguma amiga tua a ir junto. Passei por isso também, como torcedora.”

Final de 2007, início de 2008, a Rádio Transamérica (Charles Fischer, Bruno França e Maira) abriu um concurso para contratar uma mulher que entendesse de futebol e que conhecesse o Joinville Esporte Clube para integrar a equipe do Transamérica Esportes. Por incentivo dos amigos participou do concurso e acabou ficando com a vaga. Sua experiência nas arquibancadas e o bom relacionamento com a torcida do clube facilitaram sua nova experiência na comunicação.

Começou no estúdio, como apresentadora, juntamente com Charles Fischer e Bruno França. Em 2009, foi escalada para auxiliar a equipe esportiva, num jogo em Caxias do Sul/RS, pela Transamérica, munindo repórter e narrador com informações, como escalação dos times, mas por problemas ocorridos na equipe acabou fazendo a função de repórter de campo.

Tive que improvisar. Foi meu primeiro jogo dentro do campo, de pista. Sem conhecer nada, assim, sem saber nem o que se fazia, de que forma se lia uma jogada. E que fizesse, quem esta por trás da caixinha do rádio, entender e imaginar o que tinha acontecido ali. (MALAVOLTA²⁹, 2018)

Sua experiência decorreu de um desentendimento entre narrador e o repórter escalado para o jogo. E, como a própria jornalista informou, não houve nenhum treinamento ou preparação para a função.

Devido sua boa desenvoltura no meio esportivo, Danuta foi contratada pela Rádio 89 FM, antiga Rádio Cólón, segunda emissora de Joinville, no ano de 2009. Buscando melhores índices de audiência, a emissora investiu nas transmissões esportivas e, segundo as informações do Jornal Notícias do Dia, a nova equipe era formada por alguns “profissionais de renome do rádio da maior cidade do estado de Santa Catarina”, entre eles esta Danuta Malavolta e os dois colegas, Charles Fischer e Bruno França.

Mas foi na Rádio Transamérica Hits de Itapoá que ela iniciou na função de repórter de galera, entrevistando torcedores do Joinville durante os jogos.

²⁹ Entrevista realizada no Estádio Arena Joinville, no dia 02 de maio de 2018.

Figura 7 - Danuta Malavolta na função de Repórter da Galera



Fonte: Arquivo pessoal.

A emissora estreou em 2011, substituindo a 99 FM de Itapoá que tinha uma cobertura limitada e não chegava com qualidade de sinal em Joinville. Com a mudança de canal, autorizada pela Anatel, a rádio mudou de nome, ganhou aumento de potência e de cobertura. E, para conquistar o novo mercado, investiu técnica e profissionalmente, principalmente na área esportiva. No foco da cobertura esportiva estava a transmissão dos jogos do Tricolor Catarinense e nos microfones o trio já conhecido Danuta Malavolta, Bruno França e o narrador Charles Fischer (TUDO RÁDIO, 2009).

Da sua experiência como repórter na arquibancada, Danuta relata que nunca teve problema, até, segundo ela, por ser torcedora e não precisar esconder isso, já que na sua cidade não há um time rival ou torcida adversária. Da arquibancada para o campo, Danuta informa que nunca teve problemas com colegas de trabalho, nem da sua e nem de outras emissoras. A exceção fica por conta da torcida adversária,

Uma vez, eu trabalhando na Ressacada, eu vibrei com um lance. Uma defesa de um pênalti do nosso goleiro. E quando eu voltei para Joinville, abri o meu Twitter, alguns jogadores do... alguns torcedores do Avaí estavam lá questionando se eu era repórter ou se eu era torcedora, né. Mas, nunca escondi de ninguém. Até porque já frequentava o campo muito antes de aparecer para o rádio, né. Então, é uma coisa que a gente leva aqui numa boa. Por ter somente este time. O nosso modo de comunicação desde a época da Transamérica, que foi inserida pelo Charles Fischer, é uma informação com bom-humor. Sempre uma descontração. Então, eu sempre soube lidar. Algumas coisas a gente ouve, não é legal, da torcida adversária. Mas, graças a Deus eu tenho uma aceitação aqui em Santa Catarina... Volte e meia e penso, assim, sabe. As vezes eu sou uma privilegiada. Eu trabalho em estádios aqui em Santa Catarina e não tenho problemas com xingamentos, machismo... Claro uma gracinha ou outra a gente ouve. Sempre tem alguém... Mas, graças a Deus como um todo eu não tenho que reclamar, inclusive dos nossos maiores rivais que são Figueirense e Avaí. (MALAVOLTA, 2018)

A rotina de trabalho de quem integra uma equipe esportiva é mais complicada em dias de jogos, segundo Danuta. Inclui viagens no dia que o time viaja ou, em alguns casos, um dia antes. Depende da viabilidade da equipe, às vezes, vai só o repórter. Ela enfatiza que a preparação é em tempo integral e cada jogo é uma nova realidade, sem garantia de tempo exato para concluir o trabalho.

Assistir os programas de esportes. Eu assisto todos. Se eu pudesse eu teria sete, oito tvs, em dia de jogos, cada uma num jogo, e dias normais, cada uma num programa de esporte. A gente se atualiza, vai saber dos times, se tem desfalque, se não tem. Depois do jogo tem que aguardar o técnico. Tem técnico que toma banho, tem técnico que não, que já prefere acabar o jogo. Dependendo, muito longe... corrido... rapidinho, só vai passar no hotel. Ele já prefere falar logo depois do jogo. Mas tem uns que preferem tomar banho. A gente fica lá, 40, 45 minutos, 1 hora esperando, mas pro bom ouvinte, né. (MALAVOLTA, 2018)

Formada em Administração com ênfase em Marketing, Danuta conta que sua preparação no rádio esportivo foi desenvolvida “tudo na prática”. Inicialmente, abria três, quatro sites diferentes e pegava um monte de notícias e achava que todas elas tinham que ser absorvidas. Com o tempo, priorizou informações de maior interesse do ouvinte, que provavelmente seriam notícia nos telejornais, “como o programa era das 11h ao meio dia, o ouvinte já teria escutado no programa”. Busca manter-se bem informada, lendo notícias em diferentes meios, assistindo jogos.

Da Transamérica Hits foi contratada pela Rádio Mais FM 103,5, antiga Floresta Negra. Na emissora continuou na equipe esportiva nas funções de locutora e repórter de campo. Participava do *Programa PFC! Pagode, Futebol e Cia* e nas transmissões esportivas era repórter de campo.

Figura 8 : Danuta Malavolta no Estádio Municipal dos Amaros, em Itápolis/SP na partida que deu acesso e título de Campeão da Série B ao Joinville



Fonte: Acervo pessoal

Figura 9 - Danuta no Programa 103 Esportes



Fonte: Facebook da Rádio Mais FM.

Após sua passagem pela Rádio Mais FM, em 2018, Danuta Malavolta entra para a equipe esportiva da web rádio Sportmania. Diariamente participa do programa Sportmania Debate, que vai ao ar às 18h, com informações gerais de vários esportes, mas com foco no Joinville Esporte Clube. Nos dias de transmissões dos jogos, como repórter de campo.

Figura 10 - Danuta na função de repórter de campo em mais um jogo do JEC



Fonte: Arquivo pessoal

Sua vasta experiência na área esportiva do rádio lhe garantiu vaga em diversas emissoras em Joinville e região, bem como alguns trabalhos extras para outras emissoras de outros estados, como a Rádio Globo de Juiz de Fora-SP e rádio Tchê Erechim do RS, tanto na cobertura de futebol como futsal.

Figura 11 - Danuta fazendo transmissão do jogo de futsal, entre JEC/Krona x Atlântico, pela Rádio Tchê Erechim (esquerda). Na função de repórter para a Rádio Globo de Juiz de Fora, na partida entre Joinville e Oeste (direita)



Fonte: Arquivo pessoal

Atualmente, Danuta Malavolta continua na webrádio Sportmania e, desde 2016, esta na TV Brasil Esperança TVBE, na cidade de Joinville, apresentando o programa esportivo dominical Esporte Verdade Debate. E, desde 2017, também, é repórter do Conexão Esportiva, pela mesma emissora.

A outra profissional que passou pelas ondas sonoras joinvilenses levando informações do esporte, especialmente, do Joinville foi a jornalista Viviane Cavallieri³⁰. A Rádio Clube 1590 AM, de Joinville, decidiu inovar sua equipe de esportes, em 2018, para cobrir os jogos do JEC além de transmissões de futsal, basquete e do futebol amador. Uma das inovações da emissora foi a escalção de Viviane para a central de esportes. Na nota divulgando a formação da equipe, publicada no site da emissora, informa ainda que “Será a primeira mulher plantonista do rádio joinvilense”.

Viviane é paranaense da pequena cidade de Goioerê, onde iniciou sua carreira no rádio no ano de 2007, após participar de um curso para formação de radialista, de locutores. A iniciativa partiu do incentivo de amigos por considerarem sua voz bonita. Ela participou do curso e no final conquistou o estágio prometido à quem tivesse melhor desempenho. Após o estágio veio o contrato para trabalhar na Rádio 104 FM de Goioerê.

³⁰ Entrevista realizada no estúdio da Rádio Clube 1590 AM, em Joinville, dia 06 de setembro de 2018.

Dois anos se passaram e Viviane recebeu uma proposta para trabalhar na rádio 103 Fm, antiga Floresta Negra, de Joinville. Formada em pedagogia, iniciou faculdade de Jornalismo, na Associação Educacional Luterana Bom Jesus/IELUSC e por questões financeiras retornou para sua cidade natal para concluir o curso no Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz – FAG.

Com o diploma na mão, retornou à Joinville e foi contratada pela Rádio Clube 1590 AM, em agosto de 2016. Seu início na área esportiva veio através de um convite do coordenador da emissora que buscava um plantonista no esporte para as pré-jornadas e as pós jornadas e apostava no bom desempenho da jornalista.

Figura 12 - Foto de divulgação da equipe de esportes da Rádio Clube 1590 AM, de Joinville³¹



Fonte: Rede Social da Rádio Clube 1590 AM, de Joinville, (2018)

³¹ Divulgação da equipe esportiva de 2018, com destaque “no plantão, mais uma inovação da Clube: a jornalista Viviane Cavallieri ficará na central de esportes deixando você, nosso ouvinte, muito bem informado. Será a primeira mulher plantonista do rádio joinvilense.”

Viviane confessa que sua reação inicial foi de surpresa por não entender muito de esportes. “[...] eu não entendo quase nada de futebol. Porque, até então, você escuta um irmão torcendo pra um time, pra um outro. É o máximo que você tem contato ali. Eu nunca fui muito ligada a essa questão. Mas sabia me virar. (CAVALLIERI, 2018)

Ela avalia sua primeira experiência de forma positiva, que parecia estar entrando no ar de novo, com direito a “frio na barriga, foi de tremer as bases”. Ela justifica esse sentimento de ansiedade e nervosismo se deu pela falta de referência de mulheres plantonista na área esportiva. Sua preparação baseou-se na audição de outros plantonistas de diferentes emissoras de outros estados, como Rio de Janeiro e São Paulo, para saber como os plantonistas trabalhavam.

Esporte como não era minha área. Sempre trabalhei no entretenimento e no jornalismo. E o esporte até então, nunca tinha tido a experiência. E, aí, foi esse primeiro contato. Na verdade, foi uma construção que eu fui tendo, dos colegas dando auxílio daqui. Informando como poderia melhorar dali. E foi assim, com os feedbacks das pessoas, com a ajuda de cada um. (CAVALLIERI, 2018)

Segundo a jornalista, sua participação no programa esportivo lhe trouxe mais visibilidade no meio, junto aos ouvintes, que até então não a conheciam, mesmo ela trabalhando em outros programas na emissora. E seus programas de entretenimento passaram a ter uma maior audiência. Houve uma ampliação em ambos os programas a partir da sua participação como apresentadora e plantonista.

Figura 13 - Viviane e os colegas da equipe esportiva da Rádio Clube de Joinville



Fonte: Foto de divulgação da equipe de esportes da Rádio Clube 1590 AM, de Joinville, (2018).

Uma das questões que Viviane destaca é a linguagem própria do meio esportivo, que para quem não está habituado, como ela, precisa fazer um acompanhamento maior para poder interagir. Sua participação lhe rendeu críticas, ainda que de forma suave, destaca ela.

Como não foi uma coisa que eu fui buscar, fui convidada e caí. Caí, assim, como de paraquedas dentro do esporte. E antes de começar eu falei, gente, é uma experiência. Eu não sei de linguagem esportiva. Eu não sei quase nada de esporte. Então, para mim, vai ser uma experiência quase toda nova. Vocês tenham paciência comigo. (CAVALLIERI, 2018)

Durante seu tempo no esportivo, Viviane relata que inicialmente sua inexperiência lhe blindou, mas com o tempo a cobrança “meio que velada, ela vinha”.

Não era uma coisa abrupta, assim, nossa você precisa mudar isso. Mas... Era uma coisa mais velada, mas tinha. Existia uma cobrança. E, querendo ou não, como o público maior dentro do esporte são os homens, eles exigem muito essa questão,

sabe? De que a mulher precisa interagir do esporte. Precisa ter a linguagem deles. (CAVALLIERI, 2019)

Para Viviane (2018) a inovação de linguagem no campo esportivo é muito difícil, em geral, para as mulheres “é um mundo que está se abrindo, mas a passos muito lentos”. Sua participação como plantonista durou seis meses, a jornalista relata que foi uma oportunidade isolada e não tem interesse em seguir na área.

Viviane Cavallieri iniciou como apresentadora âncora do Toque de Bola, um programa com duração de 1 hora e meia que ia ao ar antes do jogo, que fazia parte da chamada jornada pré-esportiva na emissora. E fazia, também, a pós-jornada, com duração de meia hora depois do jogo, dando classificações e resultados.

Então a pré-jornada me consumia horrores. Porque como eu era... vamos dizer, sem informação mesmo. Crua. Essa é a palavra. Muito crua, no esporte tinha que ler muito, pesquisar muito. Saber muito sobre os times e com isso a linguagem. Então foi assim, uma época bem puxada para mim. (CAVALLIERI, 2018)

Após algumas mudanças na equipe esportiva, Viviane Cavallieri, assumiu o plantão nas jornadas esportivas, durante a partida, apresentava informações da rodada do campeonato, como resultados dos demais jogos, informações de clubes e atletas, não emitia comentário ou qualquer outro tipo de inserção, salvo quando sua opinião era solicitada pelo apresentador ou pelo comentarista.

A cobertura esportiva tinha como foco, tanto os jogos de futebol, quanto de futsal. Por conta disso, segundo Viviane, algumas vezes tinham que trabalhar jornada dupla quando Joinville Esporte Clube e JEC/Krona tinham jogos no mesmo dia. “Tinha dias que a gente começava ao meio dia de domingo e ia até às oito horas da noite. Dupla jornada. Ou começava às quatro horas da tarde e íamos até as 10 da noite. Era bem puxado”. A jornalista aponta essa rotina de trabalho um dos motivos para ter poucas mulheres no rádio esportivo,

Aliás, o esporte é puxado. Porque exige finais de semana, à noite, feriados. E eu acho que pra nós mulheres isso também é um agravante. Porque você tem família. Querendo ou não, ainda sobra para a mulher alguns detalhes dentro de casa. Nós ainda participamos de um mundo machista, independente do futebol. A nossa sociedade ainda é machista e depende muito da mulher. (CAVALLIERI, 2018)

Além da extensa jornada, Viviane cita a preparação necessária em cada jogo, horas de pesquisas, leituras e estudos, para além do horário de trabalho, em razão de não possuir uma base de conhecimento sobre esporte e cobertura esportiva. Segundo ela, o radiojornalismo também exige uma preparação anterior ao do horário que vai ao ar, entretanto, leva vantagem por ter dias e horários bem definidos, ao contrário do esportivo que mesmo quando planejado com certa antecedência pode sofrer alterações na tabela de jogos.

A jornalista acredita que o fato de ter sido convidada a participar da equipe, de ter deixado claro que precisaria de ajuda para desempenhar a função e que não poderia ser cobrada pelo que não sabia fez com que as cobranças não fossem exacerbadas. Os feedbacks eram enviados pelas redes sociais da emissora com muitas declarações de apoio e incentivo por ter uma mulher na equipe. Entretanto, uma das cobranças, por parte dos torcedores, era o posicionamento dos profissionais, em manifestar para quem torciam. Ainda que a cidade só tenha um time de expressão nacional tanto no futebol, o Joinville Esporte Clube, como no futsal, o JEC/Krona, as perguntas de “você é jequiana, né?”, eram frequentes.

Após sua breve participação na equipe esportiva, a jornalista Viviane Cavallieri declara que não tem interesse em trabalhar em jornadas esportivas, ainda que a experiência tenha despertado interesse pelo esporte, mas, para ela, as noites e os finais de semana em família “é algo precioso, por conta disso eu não participaria mais”.

As mulheres que vão ler sua pesquisa terão que ter ciência que ‘você entrou no mundo do esporte, acontece quando os jogos? A noite. Finais de semana. Feriado. Você quer abrir mão disso tudo? Do seu feriado? Do seu fim de semana? Do seu tempo com sua família?’. Para os homens é um pouco mais fácil porque eles são desapegados desta questão familiar. (...) Esporte é sacrifício. (CAVALLIERI, 2018)

Na grande Florianópolis, uma das emissoras que mais abriu espaço para a participação de mulheres nas equipes esportivas foi a Rádio Band FM 96.1, tanto nos programas quanto nas transmissões esportivas.

No ano de 2007, a emissora lançou o Futebol Show para fazer as transmissões dos jogos de Avaí, pela série A, e Figueirense, pela série B, do Campeonato Brasileiro de Futebol.

Dentro do programa, foi criado o quadro Mulheres na Geral, onde a função de repórter de torcida era reservado para as mulheres. A primeira a ocupar a vaga foi a jornalista Simone Malagoli³².

Sua experiência com rádio começou aos 15 anos, como atendente e recepcionista na Rádio Alegria, de Florianópolis, até a emissora ser vendida para a Igreja Adventista. Depois começou a trabalhar em eventos da Rádio Band FM, onde passou a cobrir férias de funcionários da emissora em funções longe do microfone.

Fui cobrindo férias de todo mundo, era muito curiosa de descobrir tudo e fazer tudo. E isso foi me dando oportunidade. **Às vezes até de graça eu fazia as coisas e eu passei por muitos setores lá na Band, muito setores. Fiquei muitos anos lá.** E aí o esporte... Isso eu trabalhava lá na rádio, fiz tudo, fiz eventos, fiz opec³³, fiz comercial, trabalhei até como secretária do dono. Era metida. Tudo, tudo eu fazia lá. (MALAGOLI, 2018)

Entre uma função e outra, Malagoli frequentemente encontrava o cronista esportivo Miguel Livramento nos corredores da emissora e conversavam sobre futebol. Ele tinha um programa na TV Band que era instalada no mesmo endereço da rádio.

Em 2004 foi instalada a Rádio Bandeirantes AM, em Florianópolis. Miguel Livramento foi o responsável por montar a equipe esportiva da emissora e convidou Malagoli para trabalhar com ele. Simone conta que a contratação causou surpresa nos demais colegas com quem trabalhou. “[...] ninguém entendeu porque na época eu não fazia ar. Eu não trabalhava no ar. Só que como eu falava muito de esporte, ele queria inovar e me colocou. Era eu e a Maria Seara que fazíamos torcida. A gente era repórter de torcida”.

Com o fechamento da rádio Bandeirantes AM, uma parte da equipe foi contratada pela Band FM, que estava implantando o Futebol Show para a transmissão de jogos de futebol da emissora.

No início da sua carreira ao microfone, confessa que era muito comum ouvir cantadas, bem como a torcida “pegar no pé” por ser mulher e estar rodeada por homens. Sua reação foi de aproximação com os torcedores para conquistar o respeito e a confiança de todos. Seu trabalho como repórter de torcida não se restringia a Avaí e Figueirense. Em 2007, trabalhou

³² Entrevista realizada nos estúdios da Rádio Massa, São José - SC, no dia 03 de março de 2018

³³ Opec é responsável pela programação comercial da emissora.

na final do Campeonato Catarinense de Futebol, que tinha como finalistas Criciúma e Chapecoense. Malagoli ficou responsável por cobrir a torcida do Criciúma e, confessa que a recepção não foi a mais agradável.

Como eles não me conheciam começaram a gritar “gostosa, não sei o que”, e aí, em vez de eu ficar brava, eu fui no meio dessa torcida e cumprimentei eles e fiquei ali no meio e pronto, não fizeram mais nada. Porque você tem que ser amiga do pessoal, não pode achar ruim, né. Então, tu sendo amiga deles ali. Muitas mulheres, que eram torcedoras ali me criticavam mais do que os próprios homens. Muitas mulheres. (MALAGOLI, 2018)

Ela já tinha passado por experiências semelhantes três anos antes na Capital, já tinha conquistado a amizade e o respeito de avaianos e alvinegros, e sabia como agir. Malagoli permaneceu na função de repórter de torcida por quatro anos. Em 2008, mudou de emissora e de função.

Não lembro agora exatamente a época. Mas, uns quatro, cinco anos, depois que eu fazia torcida, eu comecei a fazer campo. A gente ficou fazendo aqui na Guararema, depois eu fui para a Guarujá e, depois, voltei para Band. Lá na Band, no início de 2011, eu fiz TV. Integrei o TVBV Esportes, depois a gente passou a chamar de Jogo Aberto SC, que a TVBV passou a ser Band Santa Catarina. E, aí, eu apresentava, fazia reportagem para o Nacional, vivo. Foi uma experiência muito legal, muito legal mesmo. (MALAGOLI, 2018)

No período em que trabalhou na TV, concomitantemente, trabalhava para os programas esportivos da rádio Band. De lá transferiu-se para o Rio de Janeiro, sendo para trabalhar em uma TV afiliada da Rede Globo, mais tarde retornou a Florianópolis para concluir o curso de Jornalismo.

Em 2010, ano de Copa do Mundo de Futebol, a Band FM inseriu na sua grade o programa Copa e Cozinha. De forma bem humorada e irreverente, a equipe abordava futebol, mas dava espaços para assuntos ligados a outros esportes. A interatividade com o ouvinte acontecia por meio das redes sociais do programa. Um ano antes, a empresa lançou o Twitter apostando na interatividade que a mídia social proporciona. A equipe esportiva começou a produzir o minuto a minuto nas jornadas do Futebol Show.

O Copa e Cozinha era feito por Claudionir Miranda, Sérgio Murilo, Flávio Ricardo, Clayton Ramos, Mari Merigo e Priscilla Barbi. Além dos personagens que davam a irreverência para o programa Mané e Gaudério. O comando era de Márcio Linhares.

Priscila Barbi³⁴ entrou na equipe esportiva para ocupar a vaga antes preenchida por Simone Malagoli, no Mulheres na Geral. Após ter disputado o concurso de beleza Gata Band, organizado pela Band. Aos vinte anos, a estudante de Educação Física, enfrentava problemas financeiros e dificuldades para pagar o curso na instituição privada e viu no prêmio de 10 mil reais uma chance de sanar as dívidas. O concurso era realizado pela TV Band e Band FM. Barbi não pode ir até a final da disputa por conta de uma cláusula no regulamento do concurso, que não permitia maiores de 21 anos de concorrerem ao prêmio. Priscila Barbi completaria 21 anos antes da final do evento.

Extrovertida e comunicativa, sua participação no concurso não passou despercebida. E recebeu o convite para integrar a equipe esportiva do Futebol Show, como repórter de torcida. Sem entender nada de jornalismo e de esporte ela aceitou.

primeiro jogo foi um clássico Figueirense e Avaí, lá no Scarpelli, pense a loucura que foi. Eu morrendo de medo, nunca tinha entrado em um estádio de futebol, não sabia nada. Tipo nada. Só a matéria de futebol. Eu sabia a questão de impedimento, mas isso... Eu não sabia nada, quem era quem, não sei das quantas... Meu... me joguei na cara e na coragem, né. Bom, aí nisso fiz vários jogos assim, nossa eu não tenho nem coragem de ouvir meus áudios daquele tempo né.(BARBI, 2018)

Sua função era fazer entradas ao vivo durante a transmissão de jogos de futebol dos times da capital, Avaí e Figueirense, trazendo a participação do torcedor direto das arquibancadas. Segundo Barbi, a razão para colocarem uma mulher na torcida, na função de repórter da geral, era para despertar a atenção do torcedor para participar do programa. “Foi dando certo né, porque por mais que eu não soubesse de futebol eu sempre tive assim um bom entrosamento com a torcida e, principalmente, eu me dava o respeito né. Porque não é fácil trabalhar, mulher sozinha, lá no meio da “macharada”, né.” (BARBI, 2018)

³⁴ Entrevista realizada no Shopping Beiramar, Florianópolis/SC, dia 26 de março de 2018

Figura 14 - Priscila Barbi, em um dos jogos pela Rádio Band FM, transmissão Futebol Show



Fonte: Blog Sergio Nativo

Barbi conta que seu início não foi fácil. Sofreu com a falta de respeito dos homens, em especial, com torcedores, e por muitas vezes chegou na cabine chorando pelos acontecimentos vividos. Porém, com o passar do tempo fez amizade com muitos torcedores e esses a defendiam se alguém passasse dos limites. Priscila ficou na equipe do Futebol Show durante os nove anos do programa e passou por muitas experiências, boas e ruins. Recebeu apoio das mulheres que sempre estavam presentes no estádio, mas, também, sentia os julgamentos de outras que se negavam a dar entrevistas, de participar do programa. “O preconceito maior eu vi das próprias mulheres, que eu acho um absurdo, né”.

Entre as inúmeras situações que passou nos estádios, Priscila cita dois fatos que foram marcantes pela falta de respeito e que despertaram uma reação impensada da parte dela. Em certo jogo estava ao vivo entrevistando um torcedor,

daqui a pouco um cara ta agachado assim... tipo tirando foto com a minha bunda. Aí, nega... Mas eu fiquei grrrr [raiva], peguei na cabeça do microfone assim e “tu me respeita”. E bati, eu rachei o microfone no cara. Eu não sei como que aquele cara não veio pra cima de mim porque, meu, tu sabe como que é pesado um microfone e rachou o microfone com a minha força. Eu sou forte. Não é o primeiro que eu bato. Depois eu saio chorando, buáááá [choro] Me desrespeitou. (BARBI, 2018)

Na outra situação, a repórter estava no ar com um torcedor no ar. Nisso, outro torcedor que estava bêbado ao descer pelas escadas, onde Priscila estava, passou a mão na sua bunda “mas ele passou, atolou”, surpresa ela rapidamente agradeceu ao torcedor que falava ao microfone e fez o oferecimento ao patrocinador encerrando sua participação,

e fui atrás. Nisso ele já tinha se virado, né. Amiga, mas sabe o *superman* quântico? Dei um *jab* direto na cabeça dele assim ó [gesto] Quase quebrei meus dedos, porque eu tava segurando o microfone, né. Mas ele saiu voando, assim, em cima de todo mundo. Cara, todo mundo olhou. As pessoas entenderam e todo mundo zoou dele. Tipo, não me seguraram, nada, porque sabiam que para eu estar fazendo isso... Pô, eu de uniforme, eu trabalhando, para eu tá fazendo aquilo é porque o cara fez merda né. Mereceu apanhar, né. (BARBI, 2018)

Priscila Barbi é lutadora de arte marcial há 10 anos e defende que o fato contribuiu para que permanecesse na função de repórter de torcida por tanto tempo, “foi um dos requisitos de, talvez, a Priscila conseguir se manter viva e intacta dentro de uma torcida de futebol, todo mundo bêbado, um monte de homem, né.”.

Barbi acredita que uma mulher trabalhar no rádio esportivo hoje, como repórter de torcida, ainda chama a atenção dos torcedores, mas nada se compara ao que ela vivenciou.

claro que hoje vemos mais respeito do que quando eu comecei, que eu precisei bater. Porrada, meu. Imagina eu dando porrada, toda aquela minha arte marcial, né? E eu usei, usei, quebrei um microfone na costela de um cara que me desrespeitou. (BARBI, 2018)

Com o fim da equipe esportiva da Band, Barbi abandonou os microfones e permaneceu na carreira de *personal trainer*, exercida, paralelamente, a de repórter de torcida, além, dos treinos de tiro esportivo, modalidade que pratica desde 2008, pela qual já conquistou títulos de campeã catarinense, vice-campeã brasileira e panamericana.

Ainda pelas ondas sonoras da Band FM, quem também participou do primeiro Mulheres na Geral, junto com Simone Malagoli, no ano de 2006, foi a jornalista Maria Seara³⁵

foi a primeira vez que botaram as mulheres para trabalhar em um campeonato assim todos os jogos fazendo torcida, cobrindo torcida, era eu e a Simone. Uma em uma torcida e a outra, na outra. A gente fez essa parceria acho que durante todo o campeonato catarinense. Não sei se tenho certeza, se foi todo o campeonato catarinense. Mas eu acredito que foi. E fora a cobertura do rádio ao vivo que a gente ficava até acabar o jogo e quando acabava ainda ficava para a parte da analítica, né. Para os comentários e tal, escolhia o melhor jogador em campo, tudo. (SEARA, 2018)

Antes de ser repórter de torcida, Maria Seara trabalhava na área de jornalismo esportivo na SBT Esporte e em um jornal impresso. Ela acredita que foi por esse motivo que não sofreu nenhum aborrecimento quando ingressou na nova função.

Olha, surpreendentemente, nunca senti preconceito, nunca fui maltratada, destrutada, assediada. Nunca fui. Sempre fui tratada com muito respeito, talvez porque quando eu fui para a rádio para ter esse “contato” com a torcida a torcida já me conhecesse porque quando eu fui para a rádio eu já fui em 2006. Fui em 2005 ou 2006, para a rádio e eu já fazia futebol na TV. Desde 99, né, que eu já trabalhava com futebol na TV. Então todo esse tempo cobrindo jogo, fazendo reportagem, a torcida já me conhecia. Já sabia que tinha uma mulher trabalhando. Podia até não saber meu nome, não saber quem eu era, mas sabia que tinha uma mulher trabalhando. Então acho que a TV como dá uma amplitude maior para esse tipo de acesso, né, de informação. Não tive nenhum tipo de preconceito, dificuldade de entrevistar pessoa, de chegar, de me comunicar, fui sempre muito bem recebida. (SEARA, 2018)

Além do trabalho nas transmissões esportivas do Futebol Show, Maria Seara conta que elas produziam reportagens especiais, durante a semana, sobre ex-jogadores para serem transmitidas num programa aos sábados. “A gente marcava e ia na casa do ex-jogador e fazia uma entrevista. Assim, eles se emocionavam. Era muito bacana, assim, relembrando ex-jogadores do Avaí e do Figueirense (SEARA, 2018).

³⁵ Entrevista realizada na sua residência no bairro Campinas, São José/SC, no dia 08 de maio de 2018

A passagem de Maria Seara pelo rádio esportivo foi de curta duração, menos de um ano. De acordo com a jornalista, a rotina de trabalho de uma repórter de torcida é difícil pelo extenso horário da jornada, nos dias de transmissão de jogos, e por ter que sacrificar finais de semana e feriados, pois, geralmente, são os dias que acontecem os jogos.

Sua saída da área de comunicação foi por escolha própria, optou por seguir carreira pública e para dedicar-se, exclusivamente, a sua preparação saiu da Band FM.

A jornalista Fabiana de Liz³⁶, assim como Seara, teve uma passagem meteórica pelo rádio esportivo da Capital. Entretanto, sua experiência não foi nada fácil. Na sua segunda passagem pela CBN Diário, em 2012, por onde trabalhou na galera por, pelo menos, três jogos.

Figura 15 - Fabiana de Liz, pela Rádio CBN Diário



Fonte: Acervo pessoal

A jornalista relata que por muita insistência, foi escalada para cobrir um jogo. “De tanto eu encher o saco, de eu dizer pro meu chefe “posso ir?”, “Ah esse final de semana tem jogo, eu na galera hein?”, ele “aham, aham”. Entretanto, segundo ela, a oportunidade só veio por insistência do público de querer uma mulher na galera, até então a função era exercida por homens.

³⁶ Entrevista na praça de alimentação do Shopping Iguatemi, Florianópolis/SC, no dia 21 de maio de 2018

Faziam preferencialmente, eu acho que assim fica nítido a sensação que só colocaram mulher na galera por que o público pedia, “ah ta falando mulher nessa rádio aí” não sei o que.(...) depois que a mulherada começou fazer galera parecia que a gente só podia fazer galera. Ninguém podia cobrir o futebol.(LIZ, 2018)

Antes de trabalhar na área esportiva, Liz já tinha passado por editorias de política e polícia, historicamente, exercidas por homens. Por conta de sua trajetória profissional tinha contato com figuras importantes de Florianópolis, porém

cinco anos de política, foi meu primeiro emprego e aí, sei lá, uns quatro de polícia, eu tinha muitos contatos sabe muitas fontes, então o que que acontecia, eu chegava lá no estádio dava de cara com o comandante da PM, comandante do batalhão da PM, porque eu já falava com ele no dia a dia. Eu tinha total liberdade para chegar e pedir “e aí como tá a segurança para o jogo hoje?” (LIZ, 2018)

Porém, de acordo com Fabiana, o que era para ser um ponto positivo para o resultado do seu trabalho não era aprovado pelo superior.

me podavam, “não essa pergunta quem vai fazer é o repórter que está cobrindo o jogo”[...] eu fiquei assim com a nítida sensação que eu não podia é... inovar muito. Não podia sair muito do... “porque isso aqui é pro repórter”. E me dava vontade de pedir por que ele não fez ainda? Mas daí as criaturas, os repórteres nossos colegas, amigos meus até hoje, já tavam lá sobrecarregados gente. Aqueles de beira de campo nem pensar, aqueles de beira de campo tem que informar o lance, né. (LIZ, 2018)

Além das restrições ao que ou quem poderia abordar nas suas entradas ao vivo, Liz comenta sobre a falta de ajuda com questões técnicas e físicas por parte de alguns colegas. “Nunca me informaram “ó quando você for falar, quando for entrar ao vivo, não pode ficar embaixo da marquise por que a antena não funciona, vai ficar mudo” quantas vezes não me enfiei embaixo da marquise, daí chamada a repórter Fabiana de Liz e silêncio”. Outras vezes, confessa que ao ser chamada, realizava a entrevista, porém o estúdio não estava recebendo o retorno e não ia ao ar. ““Ah então agora com a repórter que está nas imediações da Ressacada, Fabiana é contigo” silêncio, “Fabiana?” e eu lá faceira, fazendo a entrevista conversando”.

Liz (2018) acredita que os fatos narrados serviram de argumento, na emissora, de que “realmente não daria certo”. E, após três, quatro, participações como Repórter da Galera, ela foi escalada para fazer plantão jornalístico durante a jornada de transmissão dos jogos no estúdio.

A radialista Adriana Mello³⁷ trabalhou na área esportiva, no ano de 2009, durante as transmissões dos jogos, no Futebol Show. Era responsável pela interação com o ouvinte via redes sociais da emissora, no *Laptop da Band*.

eu comecei a fazer o *Laptop da Band*, que era onde o ouvinte interagiu com toda a ... Figueirense e Avaí estavam jogando e a gente estava lá. Eu não fazia parte de campo. Eu não ia pro estádio, nada disso. Eu fazia do estúdio, mas lá no estúdio eu estava sempre ligada com os ouvintes, Então, tipo assim, torcida do Avaí, torcida do Figueirense eu tava lá entrando no ar. (MELLO, 2018)

Em geral, Adriana lia as mensagens com o palpite do jogo ou mensagens de abraços que o ouvinte mandava, além de mensagens de apoio ao próprio time ou zoando o adversário. Devido sua participação no programa, a radialista confessa que começou a entender de esporte.

e comecei a ver a diferença que faz assim, o toque da mulher no esporte. A voz feminina no esporte, tem uma diferença sabe. É gostoso, é... tu vê assim que os ouvintes gostam. Porque tem bastante homem, a gente sabe disso, o narrador já é homem, o comentarista é homem, os repórteres de campo a maioria são homens, então quando chega uma mulher tem aquele toque diferente, tem um toque, eu não sei, tem um astral diferente, não se te dizer. Sabe, é muito gostoso. (MELLO, 2018)

Adriana Mello (2018), relata que chegava a receber 400, 500, mensagens por jogos e era impossível ler todos os recados. Alguns internautas não entendiam e enviavam mensagens grosseiras para a locutora.

eu recebi um recado imensamente ofensivo de uma pessoa conhecida, com palavras de baixo calão, grosseira. E na época, foi até pra direção essas mensagens, [...] sempre lia os recadinhos dele. Chegou um dia que tinha muita quantidade de mensagem 400, 500 mensagens que tu não tem condições de ler. E aí acabou que eu não consegui ler a dele e então ele começou a me xingar, a falar palavrões mesmo, palavras horríveis assim sabe. (MELLO, 2018)

³⁷ Entrevista realizada na praça de alimentação do Angeloni de Capoeiras, Florianópolis/SC, dia 24 de abril de 2018

A locutora ficou por seis anos na equipe, inicialmente fazendo os jogos dos finais de semana e no decorrer do período passou a fazer os jogos de Avaí e Figueirense que aconteciam durante os dias de semana também. No ano de 2012, começou a participar do programa Copa e Cozinha, permaneceu por um ano e meio, nas atividades de interação com o ouvinte e locução. Mello confessa que sempre gostou de ficar no estúdio,

No meu caso não, era interação do ouvinte ali. Era interagir com as redes sociais, não tinha como. Nunca narrei também, nunca comentei, nenhum dos dois, mas eu vou te falar a real se fosse pra narrar eu não sei se eu tinha condição, porque o narrador tem que estar né, além de saber todos os jogadores certinho, eu acho que eu ia errar os números todos ali. (MELLO, 2018)

A jornalista Carolina Corazza³⁸ entrou para o programa Copa e Cozinha da Band, em 2014, para trabalhar nas redes sociais, mesma função exercida por Adriana Mello. Depois de um período no Copa, Corazza passou a desempenhar a função de repórter de torcida, em parceria com Priscila Barbi, nos dias de jogos de Avaí ou Figueirense. Carolina permaneceu na emissora até 2015, quando transferiu-se para a televisão, Ric Record.

³⁸ Entrevista realizada nos estúdios da Rádio Guarujá - Florianópolis/SC, no dia 12 de março de 2018

Figura 16 - Carolina Corazza, pela Rádio Guarujá AM 1420, Florianópolis



Fonte: Acervo pessoal, (2017)

Depois dessa experiência só retornou ao rádio esportivo em 2017, para produzir e apresentar o seu programa Fábrica de Esportes, na Rádio Guarujá AM 1420. O noticioso que começou com uma hora de duração, por ajustes na grade, foi reduzido para trinta minutos. Vai ao ar de segunda a sexta, às 14 horas. Entre os diversos assuntos abordados no programa, Corazza procura não falar de futebol e tenta dar visibilidade para outras modalidades esportivas. Sua relação com o esporte bretão ainda continua, ela cobre férias dos setorista da Guarujá e faz reportagens sobre Avaí e Figueirense.

Juciele Linhares³⁹, “Ju” Linhares como é conhecida, entrou na equipe do Futebol Show, da Band FM para cobrir as folgas da repórter de torcida Priscila Barbi. Nessa época, Barbi já competia profissionalmente na modalidade de tiro esportivo e precisava se ausentar para as competições. Ju Linhares conta como era sua experiência,

³⁹ Entrevista realizada nos estúdio da Rádio Cidade, São José/SC, no dia 18 de abril de 2018

de vez em quando ela tinha que viajar, de vez em quando não, quase toda a semana, coitada. E ela falava, 'Ju, pelo amor de Deus faz para mim'. Aí eu fazia a repórter da Galera. Aí eu ia para o estádio, ficava lá no meio da galera do Avaí, ou do Figueira, né? A gente ficava lá entrevistando a torcida, perguntando como é que tava, dando opinião sobre o jogo, conversando com os torcedores. Era um trabalho super bacana. (LINHARES, 2018)

A jornalista trabalhava na emissora como apresentadora de programa musical e, pelo período de um ano e meio, teve participações esporádicas na equipe esportiva, entre 2015 e 2016.

Quem também passou pelo rádio esportivo sulino catarinense foi Giselle Tiscoski⁴⁰. Em 2006, começou produzindo boletins esportivos, na Rádio Eldorado 570 AM, de Criciúma. Entretanto, a jornalista relata que, na emissora, a equipe esportiva ainda é bem fechada para as mulheres.

eu ia na verdade, fazia alguns boletins gravados do esporte, mas na Rádio Eldorado eles não me colocaram no esporte. Lá é predominantemente homem. A Michele Veiga foi uma das únicas que migrou ali no esporte, mas até hoje assim, a mulher dentro da Rádio Eldorado, ali no jornalismo esportivo, na parte esportiva é meio raro. No próprio debate que eles fazem de futebol, é nas reportagens de campo, enfim. Eu fiz alguma coisa de esporte, mas o meu editor lá, na época, ele dizia que não era bom misturar. Então não fiz, fiquei lá. (TISCOSKI, 2018)

Depois da rápida experiência na Eldorado de Criciúma, Tiscoski foi para o rádio esportivo da Rádio Transamérica Hits FM 92,5. Na nova emissora a jornalista trabalhou nas jornadas esportivas, na função de repórter de galera. Paralelamente, apresentava o programa Dentro da Área, transmitido pelo canal 20, da Net/Criciúma, e pela web emissora Rádio Criciúma, no ano de 2008. Nesse programa, dividia a apresentação com os comentaristas esportivos Milioli Neto e Paulo Coutinho. Sua experiência de maior destaque.

Segundo Tiscoski (2018), não teve problemas na atividade com torcida por ser conhecida e abordar o futebol na TV, “como eu tinha esse meu papel na televisão eu acho que

⁴⁰ Entrevista realizada no estúdio da Rádio Transamérica, Criciúma/SC, no dia 10 de abril de 2018

as pessoas me respeitavam pela credibilidade que eu tinha”. Ela permaneceu no programa da Rádio Criciúma, por 10 anos, saindo no início do ano de 2018.

Pela Rádio Som Maior FM, também de Criciúma, duas jornalistas trabalharam na função de repórter de torcida, a primeira foi Pity Búrigo⁴¹, em 2017. A presença de uma mulher na equipe, de acordo com a jornalista, dá um outro olhar e permite uma narrativa diferente do que o ouvinte está acostumado.

E eu acho que a gente... a gente deu um novo olhar. Tô falando por nós aqui da Rádio Som Maior. O trabalho que eu realizei com a rádio, assim. A gente deu um novo olhar... de uma transmissão, de muitas pessoas falarem “ai que legal adoro a tua entrada”, porque tu dá meio que uma quebrada de gelo. Porque um homem, ele já vai mais, né? Eles seguem mais aquele padrão, né? Da narração e do comentário e o Bate Bola mesmo. Então, às vezes entrava uma mulher, né? (BÚRIGO, 2018)

Búrigo cobriu os jogos do Criciúma, no Campeonato Brasileiro de Futebol, em 2018. Permaneceu pelo período de um ano e apesar de ter gostado da experiência, confessa que não quis renovar sua participação para o campeonato seguinte. “Meu chefe ficou muito bravo. Mas daí colocamos a Amanda” (BÚRIGO, 2018)

Amanda Farias⁴², que trabalhava como produtora na emissora Som Maior, aceitou o desafio e assumiu a função de repórter de torcida, no ano de 2018.

Ano passado (2017) foi uma novidade aqui na rádio. Era a Pity Búrigo. Ela era repórter da Galera, a que faz a torcida. A gente segue mais ou menos o mesmo estilo da (Rádio) Gaúcha. A Pity trabalhou no ano passado e esse ano ela não ia continuar como repórter esportiva. Como eu vi que ela não iria continuar, eu vi ali uma oportunidade para eu entrar. Porque eu queria. Não sei exatamente porque, mas eu vi que era uma oportunidade de aprender algo novo. Porque eu não me via no esporte. Nunca me imaginei gostando de futebol.

Quando a entrevistas foi realizada, Farias estava começando na função. Mesmo com pouco tempo de atividade, a jornalista informa que já percebeu que as mulheres torcedoras,

⁴¹ Entrevista realizada no estúdio da Rádio Som Maior, no dia 10 de abril de 2018.

⁴² Entrevista realizada no estúdio da Rádio Som Maior, no dia 10 de abril de 2018

são as que mais se recusam a falar no microfone e ela vem tentando incentivar que essa participação aumente no decorrer do campeonato.

Elas gostam de saber que tem uma mulher no microfone. Mas, eu percebo que, diferente dos homens, as mulheres têm mais vergonha de falar. Elas são mais retraídas, as torcedoras. Mas eu sempre gosto de puxar as mulheres para falar. E eu sempre argumento “mas não, tem que ter uma mulher para falar”. Querendo ou não, a maioria das pessoas que falam durante os jogos são homens. Por isso que digo que tem que ter uma mulher para falar. Tem que ter. E tem umas que sabem muito bem, fazem uns comentários bem legais. (FARIAS, 2018)

Farias começou há poucos meses na área esportiva do rádio e pretende seguir para outras funções e continuar por muito tempo. A jornalista diz que mais mulheres precisam ocupar as vagas na editoria esportiva do rádio e pretende fazer o mesmo na função de comentarista.

Narração não. Mas comentário, sim. Eu gostaria de um dia quem sabe. Não estou dizendo a curto prazo, né. Porque também não me vejo preparada. Mas de repente daqui alguns anos, assim lá na frente, quem sabe. Seria muito legal. Porque eu vejo que hoje em dia não tem muita mulher como comentarista, você vê mais como repórter, né? Mulher trabalhando, mulher fazendo pergunta e tal. Mas não tem uma mulher ali dando a opinião dela sobre o que ela acha o jogo. E a gente não tem também, aqui em Criciúma, uma mulher comentarista, né? E eu acho que faz falta ter uma voz feminina dando opinião dela sobre jogo. (FARIAS, 2018)

Farias é a mais recente a chegar no rádio esportivo catarinense, em uma rádio do sul do estado. Também é do sul, a profissional que passou pelo segmento esportivo já nos anos 2000. Fernanda Zampolli⁴³, pela rádio Eldorado de Criciúma.

eu comecei ali pelo ano... entre 2000, 2001 eu comecei a trabalhar na área já, eu comecei no rádio né, fazia produções, enfim. [...] na minha primeira experiência de rádio, eu fazia produções, eu fazia reportagens, enfim, um os donos da rádio pediu que eu fizesse os plantões no intervalo dos jogos... né durante os jogos né, na transmissão, então eu ficava o plantão esportivo e o plantão de jornalismo, eu participava da jornada esportiva, mas eu entrava com informações de jornalismo, [...] passado um tempo, eles me colocaram na arquibancada, pra fazer a movimentação da torcida e daí a Fernanda ficava só na arquibancada né, e assim foi. (ZAMPOLLI, 2018)

⁴³ Entrevista realizada na Academia Online Fitness, Criciúma/SC, no dia 10 de abril de 2018

A jornalista recorda que quando assumiu a função de repórter de torcida não tinha direito a voto, na eleição para escolher o melhor jogador em campo. Levou alguns meses para que também pudesse dar sua opinião. Ao recordar a situação, a jornalista acha graça, “Direito ao voto [risos], olha, eu acho que foi... eu acho que a gente começou no Catarinense e quando chegou no Brasileiro, aí a Fernanda já contava como voto”.

Zampolli lembra que não teve maiores problemas com a torcida, porém a sobrecarga de trabalho é um ponto negativo porque é preciso sacrificar os momentos em família.

olha, começa uma jornada, o jogo era cinco horas da tarde, a gente começava a jornada esportiva às dez da manhã de sábado. Jogo no sábado, às vezes, tinha que fazer e... pra mulher... O que que acontecia, pra mim Fernanda, eu atuava no jornalismo durante a semana inteira, chegava no sábado, às vezes, tinha um programa ou outro do jornalismo pra fazer, tinha a ronda policial e tinha a arquibancada, eu não podia me dedicar exclusivamente aquilo ali. [...] Então, eu não tinha... todo sábado ou todo domingo eu estava “engalhada”, quantas vezes, quantas vezes eu deixei no verão, por exemplo, a família, lá no almoço de domingo na praia, calor de 40 graus e vinha pra Criciúma. Para cumprir a jornada, mesmo que fosse só ficar na arquibancada, lá no cantinho, mas tinha que vir, e atrapalha. (ZAMPOLLI, 2018)

Zampolli iniciou na Rádio Eldorado de Criciúma e mais tarde mudou para a Rádio Hulha Negra AM 1450, de Criciúma. Foi plantonista jornalística, repórter de torcida e apresentadora de programas esportivos.

Na Mesorregião serrana, até o final do mês de junho de 2019, prazo de finalização desta pesquisa, não havia encontrado sequer uma profissional no rádio esportivo. E, portanto, não há entrevistas com as profissionais que passaram pelas ondas sonoras da região. Porém, na fase de finalização deste trabalho, identifiquei que na Rádio Band FM, de Lages, também foi veiculado o programa Copa e Cozinha, em 2011. Com o mesmo formato que o Copa e Cozinha da Band FM de Florianópolis, ia ao ar de segunda a sexta, das 18h às 19h. O programa apresentado por Ricardo Cordova recebia convidados para falar sobre esporte, política, cotidiano com muito humor. Na primeira equipe já havia uma mulher trabalhando na interatividade do Copa e Cozinha. Investigando a informação tive a grata surpresa de encontrar pelo menos oito profissionais que em algum momento participaram do referido programa esportivo. Depois de alguns anos sendo transmitido pela Rádio Band FM de Lages, a produção mudou de emissora e de nome. Atualmente, chamado de Copa na Menina, é

produzido e transmitido na Rádio Menina FM, de Lages. A migração se deu em função de o criador e produtor do Copa e Cozinha, Ricardo Cordova, ter trocado de emissora e levando com ele sua criação. Na nova emissora, o programa conta, entre seus integrantes, com a jornalista Maria Gabriela Sassi, formada pela Universidade do Planalto Catarinense (Uniplac), de Lages.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação de mestrado assumiu como objetivo produzir um registro histórico do percurso das mulheres no radiojornalismo esportivo em Santa Catarina desde o período inicial de inserção das profissionais nesse segmento radiofônico até a contemporaneidade.

Ao encerrar esta pesquisa, cabe destacar minhas principais observações e verificações, a partir do contexto histórico investigado, a trajetória percorrida e o atual cenário profissional.

Confirmei que desde a implantação da radiodifusão brasileira, rádio e esporte, especialmente o futebol, mantêm uma relação muito próxima. A partir das narrações esportivas iniciadas por Nicolau Tuma, as transmissões de jogos passaram a ser incluídas nas programações radiofônicas e, em algumas emissoras, tornaram-se o principal produto e eram responsáveis pela maior fatia da verba da emissora.

O radiojornalismo esportivo contribuiu com a massificação do meio, bem como o rádio tem papel importante na popularização do esporte. Mas estas contribuições se destacam principalmente na transformação do futebol em paixão nacional do brasileiro, tornando o esporte um símbolo de identidade nacional (MENDES, 1999, 2006).

Pude constatar que as mulheres estiveram presentes na constituição e, também, no desenvolvimento do fazer radiofônico. Entretanto, historicamente, sempre tiveram lugares e papéis bem definidos na sociedade, refletido, conseqüentemente, na radiodifusão. Tendo como responsabilidade o cuidado com a casa, filhos e família, quando a mulher inseriu-se no meio rádio, lhe foi consentido tratar de assuntos relacionados aos temas que lhe eram familiar. Em geral, em programa que abordava educação dos filhos, conselhos amorosos e cuidado com a casa. Na área artística as mulheres também tiveram muito êxito nas emissoras de rádio, exercendo funções como de radioatriz ou cantora (DA LUZ, 2015). Notadamente, na era de ouro do rádio brasileiro, décadas de 40 e 50, as Rainhas do rádio faziam sucesso a nível nacional, muitas tinham fãs clubes e foram recordistas de cartas.

Com o implantação da televisão, o rádio foi gradativamente perdendo audiência, profissionais e anunciantes, que migraram para a nova concorrente. Por essa razão, o meio teve que se reestruturar e buscar alternativas inovadoras e financeiras que fossem viáveis. O rádio passa a explorar suas características inerentes como agilidade e versatilidade e investe

na transmissão de informação, serviços e entretenimento. O radiojornalismo tem como vantagem sobre a tv a instantaneidade de transmitir informação direto das ruas. E a segmentação aparece como opção na busca da audiência de um público específico (ORTRIWANO, 1985) e, também, de anunciantes. A programação esportiva se manteve nas grades das emissoras, ganhando *status* de menina dos olhos em algumas rádios, por conta da audiência conquistada e por ser o gênero que concentra os principais anunciantes como fonte de renda. As mulheres de diferentes estados brasileiros começaram a conquistar espaço nesse gênero radiofônico nos anos 70. Rita Daudt, Regiane Ritter, Carmen Rial, são alguns dos nomes que registrados.

A pesquisa demonstrou, como se pode confirmar nos itens 2.2, na página 74, que em Santa Catarina, na segunda emissora fundada no estado, desde seu advento, uma mulher já trabalhava de forma indireta com uma equipe esportiva. Ruth Costa ficava de plantão no estúdio da Rádio Difusora de Joinville para irradiar músicas, caso a transmissão dos jogos sofresse queda de sinal, e com isso, evitar perda de audiência até o retorno do sinal (MUSTAFÁ, 2011).

Na Rádio Diário da Manhã, atual CBN Diário, de Florianópolis, nos primeiros anos da década de 70, registra-se a primeira profissional a trabalhar diretamente com a equipe de esporte, exercendo a função de repórter de campo (JB Telles, 2017). De acordo com, lembranças não tão precisas do jornalista JB Telles, o convite para Isabel trabalhar com esporte surgiu em razão do seu conhecimento sobre futebol e por conta do contato que tinha com os jogadores. Isabel, segundo o jornalista, era anunciada como “Belinha, a repórter da moda”. No decorrer desta pesquisa, não encontrou-se mais dados sobre sua participação.

Ao investigar a trajetória das profissionais no rádio esportivo catarinense, identifiquei que a inserção das mulheres nesse campo radiofônico ocorreu de forma mais acentuada a partir dos anos 2000, como se pode comprovar no item 3.2. Do advento do rádio em Santa Catarina até a contemporaneidade, pelo menos 25 mulheres já trabalharam no gênero esportivo nas emissoras catarinense. Para esta pesquisa, entrevistei 14 delas, identificando em quais emissoras começaram e as funções desenvolvidas. As Mesorregiões sul, serrana e grande Florianópolis são onde mais observei a participação de mulheres na constituição do esportivo, sendo, respectivamente, seis, oito e nove profissionais.

Aponte que no norte do estado, foram três mulheres. Ruth Costa foi a pioneira e trabalhou de forma indireta. Destaca-se a sua participação por entender que, pelos costumes da época, anos 40, não se permitia mais do que isso. A sucessora de Ruth Costa só entraria numa equipe esportiva, pelas ondas das rádios do norte do estado, em 2008. Danuta Malavolta foi contratada na Rádio Transamérica FM, de Joinville, para ser uma das locutoras dos programas esportivos da emissora. Desde então, continua na área esportiva do rádio e já trabalhou em, pelo menos, quatro emissora do norte catarinense, nas funções de repórter de campo, de torcida e apresentadora. Também pelas ondas sonoras de Joinville, Viviane Cavallieri exerceu a função de plantonista esportiva, na Rádio Clube AM, de Joinville, no ano de 2018. Sua participação foi de curta duração, permaneceu seis meses na equipe.

No oeste catarinense, constatei que Letícia Secchini se tornou a primeira mulher comentarista esportiva no ano de 2018, pela Rádio Sonora FM. A jornalista começou na área esportiva do rádio em 2015, quando teve sua primeira passagem pela emissora, onde foi contratada para fazer o plantão durante os jogos da Chapecoense. A emissora não fazia transmissões de jogos e o plantão funcionava, concomitantemente, com o programa que estivesse na grade. Em 2018, a estação montou uma equipe para as transmissões dos jogos do Verdão do Oeste e convidou Leka, como é chamada, para integrar a equipe, inicialmente como plantonista. Entre as funções, ela foi repórter de campo, plantonista e comentarista.

Registrei, no ano de 2018, outro marco na trajetória feminina no rádio esportivo: a primeira mulher a narrar futebol em uma emissora de Santa Catarina. A responsável pelo acontecimento foi Michelle Veiga, santista com 18 anos de experiência no rádio esportivo e há pelo menos dez deles em emissoras catarinenses. A jornalista foi escalada pela rádio Difusora de Içara para narrar a partida entre Criciúma e Londrina, pela Série B, do Campeonato Brasileiro de Futebol. Sem experiência alguma em narração, aceitou o desafio e entrou para a história da radiodifusão de Santa Catarina. Entre as funções do rádio esportivo, Michelle já trabalhou como repórter de torcida, repórter de campo, plantonista (no meio de antena e no online), gestora de redes sociais e narração.

Além de Michelle Veiga, outras profissionais do sul de estado também já fizeram parte de equipes esportivas. Giselle Tiscoski foi apresentadora do programa esportivo Dentro da área que era transmitido pela Rádio Criciúma Web emissora e pelo Canal 10 da net, em 2008; Pity Búrigo, em 2017, e Amanda Farias, em 2018, foram repórter de torcida, da Rádio

Som Maior FM, de Criciúma; Fernanda Zampolli ingressou no rádio esportivo, em Criciúma, há pelos menos 18 anos. Começou fazendo o plantão jornalístico durante as transmissões esportivas, depois foi repórter de torcida e apresentadora de programa esportivo, pela Rádio Eldorado AM, de Criciúma, e transferiu-se para a Hulha Negra AM 1450, de Criciúma.

Ao todo foram entrevistadas 15 profissionais que trabalharam no rádio esportivo catarinense. Percebi que os motivos que levaram as mulheres para o rádio foram bem variados. Algumas já sabiam, desde cedo, que gostariam de trabalhar com comunicação, especificamente com rádio e esporte, e já foram trilhando o caminho desde o início. Como ocorreu com Simone Malagoli, Amanda Farias, Letícia Sechini, Carolina Corazza e de Michelle Veiga, por exemplo.

Para Viviane Cavallieri e Danuta Malavolta, o rádio despertou interesse um pouco mais tarde e, para ambas, o incentivo dos amigos teve influência na decisão de trabalhar na área da comunicação. Coincidentemente, as duas ingressaram no meio radiofônico através de concurso que tinha como prêmio uma vaga em uma emissora. Deu tão certo que Danuta e Viviane permanecem irradiando a voz nos microfones das emissoras do norte do Estado, respectivamente Sportmania Web e Rádio Clube AM.

Ao longo dessa pesquisa ainda foi possível observar que as profissionais do rádio integrantes de equipes esportivas, em alguns momentos das suas carreiras, foram chamadas/escolhidas para resolver problemas em situações de urgência nas suas emissoras, desenvolvendo funções para as quais, até então, não tinham sido treinadas. Tal situação fica evidente no relato de Danuta Malavolta sobre sua primeira participação como repórter de campo em Caxias do Sul, no Rio Grande do Sul, por conta de um desentendimento entre o repórter de campo e o narrador. Michelle Veiga também passou por situação semelhante ao ser escalada para narrar um jogo, em decorrência da ausência do narrador oficial devido a um problema de saúde. Letícia Secchini, no oeste catarinense, teve uma experiência semelhante a de Michelle Veiga. Ela foi escalada para ser repórter de campo em função da impossibilidade do profissional titular para o jogo. Tais fatos permitiram perceber que o campo profissional, para as mulheres, ainda reflete uma desigualdade de condições, seja de oportunidades, que raramente são oferecidas, seja de dificuldades no preparo qualificado para a função a ser exercida. No entanto, exigem um trabalho semelhante aquele apresentado por profissionais que já estão há muito tempo exercendo a função.

Observei que as mulheres do rádio esportivo esperam por uma oportunidade na área esportiva do rádio. Entretanto, ter tal oportunidade é uma prova de fogo que, em geral, provoca prejuízo, não só na carreira profissional. Mas, também, na trajetória da mulher, que, como a pesquisa mostrou, é uma luta inglória por um espaço no campo esportivo radiofônico, pois o mau resultado apresentado acaba servindo de argumento e justificativas para afastá-las de funções tão sagradas ao universo masculino por conta do despreparo. A forma mais comum de mostrar que não passou no teste é o retorno ao estúdio.

Constatei que ter conhecimento e preparo igualmente não é forma de garantir que sua presença seja aceita ou sua opinião tenha valor. As funções de repórter da galera, interatividade com o ouvinte pelas mídias sociais ou até mesmo plantão jornalístico, em geral, são as atividades consentidas para as profissionais. Isso nos permite fazer uma leitura de que futebol ainda não é assunto de mulher, infelizmente.

Através do depoimento das entrevistadas, é possível indicar inúmeros motivos que teriam feito muitas mulheres desistir do desejo de trabalhar no rádio esportivo em Santa Catarina. Porém, essas profissionais relataram técnicas e estratégias usadas para vencer cada barreira. E se percebe que elas podem até recuar, mas desistir não é opção.

Foi possível observar que quando o limite invisível, que determina os lugares e as funções das mulheres, é derrubado e as oportunidades aparecem, as próprias profissionais se questionam sobre a capacidade de desenvolver novas funções e se preocupam com as consequências que o mau resultado do seu serviço pode acarretar. Em parte, a preocupação se justifica por conta das consequências financeiras que podem prejudicar a emissora, caso algo de muito errado aconteça. Por exemplo, se ocorre uma desaprovação de algum patrocinador, perda de audiência, etc. Também devido a importância da verba que os programas esportivos arrecadam nas emissoras, e ainda por medo de colocar em risco a credibilidade já conquistada junto aos ouvintes, que pode ser questionada a partir de uma rejeição da presença delas em funções entendidas como masculinas, como narração ou comentário. Insegurança atribuída à falta de preparo.

O cenário ainda não é dos mais receptivos, principalmente quando a profissional vai para funções ainda restritas aos homens. Elas precisam estar bem preparadas porque serão cobradas mais do que os homens da equipe que desenvolvem a mesma função. As críticas e os

apoios vêm dos mais variados grupos e, às vezes, surpreendem tanto positiva, quanto negativamente.

Compondo o cenário do rádio esportivo, vale destacar iniciativas que surgem nas instituições de ensino a fim de contribuir na preparação e formação das profissionais que pretendem ingressar no segmento esportivo do rádio. Por conta da minha trajetória acadêmica na Universidade Federal de Santa Catarina, onde também cursei graduação em Jornalismo, utilizarei algumas experiências vividas e observadas para exemplificar a relevância de integrar a aluna na experimentação da cobertura esportiva já nas práticas acadêmicas.

Na Rádio Ponto UFSC, uma webestação laboratório do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, muitas oportunidades e experiências foram implantadas em diversos momentos dos 20 anos da emissora, com objetivo de integrar as alunas ao universo esportivo radiofônico e possibilitar a experimentação nessa área. Conseqüentemente, muitos programas e outros produtos radiofônicos, na área esportiva, foram produzidos por elas a partir das iniciativas de disciplinas ou projeto de extensão do Curso. Desde temáticos, reportagens, até webaudiocumentários. Programas como Salto Alto Futebol Clube⁴⁴, produzido só por alunas, UFSC Esporte Clube, Bola na Trave e Ponto de Encontro são algumas das produções semanais que integram/integraram a programação da emissora e que fortaleceram o processo de ensino-aprendizagem, pois a cada semestre atraía novas alunas para participar da produção. Outra iniciativa que demonstrou o interesse das estudantes do curso de Jornalismo, da UFSC, na experimentação de diferentes linguagens e na formação na área esportiva, foi a oficina de Narração Esportiva com Paulo Branchi, promovida na disciplina Cátedra UFSC/RBS, na qual a maioria dos inscritos era de alunas, futuras profissionais do jornalismo. O interesse pelo esporte é cultural e independe de gênero. Portanto, nota-se que quando há a possibilidade de experimentar novas linguagens e de se desafiar no rádio esportivo, poder diversificar vozes num gênero radiofônico, onde o timbre grave é tão perpetuado, criar novos estilos de narração, há uma aderência maior, também por parte das alunas. Isso por existir abertura e incentivo para essa prática dentro das instituições de ensino. Essa vivência e experimentação conseqüentemente terá reflexo na carreira destas mulheres quando estiverem no mercado de trabalho. Ainda que nem todas as

⁴⁴ Programa semanal com entrevistas, reportagens e comentários sobre o mundo do esporte produzido só por alunas do curso de Jornalismo, da UFSC.

estudantes desejem ou venham a trabalhar de fato com o gênero esportivo, aprender os principais conceitos teóricos e práticos aplicados ao jornalismo especializado em esportes proporciona um contato com as principais ferramentas para a ampliação da pauta, além da cobertura sobre futebol.

Outra iniciativa irradiada e produzida na Rádio Ponto UFSC é o núcleo *Donas do Placar*, coordenado pelas professoras Leslie Sedrez Chaves e Fernanda Nascimento, do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, que tem como objetivo formar mulheres jornalistas para o rádio esportivo.

O grupo, que reúne mais de 25 alunas, no primeiro semestre de 2019 realizou reuniões, oficinas de radiojornalismo esportivo e testes preparatórios para a cobertura esportiva da Copa do Mundo de Futebol Feminino, disputado na França, nos meses de junho e julho. Sempre sob a supervisão das coordenadoras, as alunas puderam aprender, treinar e exercer as diferentes funções dentro de uma equipe esportiva. No local mais apropriado para experimentações, foi possível errar e se corrigir sem medo das críticas. O projeto está vinculado ao Núcleo de Radiojornalismo Esportivo, do Laboratório de Rádio, da Universidade Federal de Santa Catarina.

O trabalho desenvolvido pelas instituições de ensino, seja oferecendo disciplinas de jornalismo especializado em esportes, optativas ou obrigatórias, seja através de iniciativas extracurriculares, oficinas ou projeto de extensão, cumpre mais que um papel pedagógico. Rompe com a cultura de que esporte, especialmente o futebol, seja no meio que for, é “coisa de homem”. É no ambiente de ensino que as alunas, que futuramente vão para o mercado podem aprender, errar e experimentar vivências que terão na vida profissional, ou seja, podem efetivamente se preparar. Portanto, essas propostas contribuem de forma significativa na formação de profissionais que, no mercado de trabalho, têm oportunidade de trabalhar com o rádio esportivo. Entende-se que, quando tais profissionais receberem propostas para desenvolverem funções no rádio esportivo, poderão realizar o trabalho de forma segura quanto ao que cada uma pode produzir. Citei o curso de Jornalismo da UFSC porque é o qual conheço e vivi experiências voltadas ao jornalismo esportivo e também acompanhei, como bolsista da sua webemissora, a Rádio Ponto UFSC por dois anos, o interesse que as alunas

sempre mostraram ter pelo conhecimento do rádio esportivo e igualmente pela vivência nas funções deste segmento.

Compreendo que essa dissertação ainda não preenche todas as lacunas do tema por ausência de maiores detalhamentos em alguns relatos, resultante da vaga lembrança de algumas entrevistadas referente a sua própria experiência com o rádio esportivo. Em geral, por terem trabalhado há muitos anos ou por terem permanecido na função por pouco tempo. Somando-se a isso, ressalte-se ainda a escassez de registros sobre o tema investigado e o tempo demandado no processo de investigação, para validar ou descartar uma única informação. Apesar disso considera-se que os objetivos propostos foram alcançados e que este estudo permitiu avançar no registro e análise sobre a trajetória das mulheres no radiojornalismo esportivo de Santa Catarina.

Por fim, é de se destacar que os resultados obtidos nessa dissertação abrem questões e caminhos para futuras pesquisas do resgate histórico, registrando as profissionais não incluídas neste estudo. Na Região serrana, onde o programa radiofônico Copa e Cozinha é transmitido pela emissora Menina FM, de Lages, muitas mulheres passaram pelos microfones da emissora, bem como pela emissora Band FM, também de Lages, onde o programa surgiu no ano de 2011. Entre os nomes estão:

- Daniele dos Santos Moreira - Trabalhou no Copa e Cozinha, pela Band FM de Lages, em 2011. Foi eleita a 1ª princesa da festa do pinhão em 2014.
- Ana Armiliato - Responsável pelas redes sociais. Ingressou em 2011 no Copa e Cozinha.
- Tamara Carvalho Lima - Em 2015, no Copa e Cozinha.
- Suelen Chaves - Foi princesa da Festa do Pinhão, de Lages, em 2011. Musa do Inter de Lages de dezembro de 2012 à 2015. Também fez *flashes* para a Rádio Band FM de Lages, nos jogos do clube em 2015.
- Andressa Kizyzanoski Bordignon - Foi Rainha da Festa do Pinhão, de Lages, em 2018.
- Jesuelen Andrade - Rainha da Festa em 2014.
- Georgia Paim Luchtenberg - Papo de Copa, de segunda à sexta, às 12h, na Band FM Lages. No Bolão da Copa. Depois passou para o Programa Copa na Menina, na Rádio Menina FM.
- Maria Gabriela Sassi - Estreou no programa Papo de Copa, pela Rádio Menina de Lages, no início de 2019. Vai ao ar às terças e quartas. Formada em Jornalismo, pela Uniplac.

Nota-se que alguns desses nomes foram representantes da Festa do Pinhão, na cidade de Lages, em diferentes anos, e na falta de alguns dados mais relevantes como formação e profissão, por exemplo, optou-se por deixar os registros para que possa servir de ponto de partida para futuras pesquisas. Um desses registros é o da jornalista Patrícia Amorim. Amorim, na região sul do estado, onde ela trabalha como repórter de campo na Rádio Cidade FM, de Tubarão.

Quem também teve participação no rádio esportivo catarinense foi a locutora da Band FM, de Florianópolis, Mariana Merigo, Publicitária, locutora, cantora, apresentadora de Tv e escritora. Atualmente, trabalha em São Paulo.

Através desta pesquisa, evidencia-se que a trajetória das mulheres na área profissional do radiojornalismo esportivo, seja catarinense, seja nacional, está em constante (re)construção. Muito se deve às profissionais aqui relatadas. Porém, é de se destacar que outras profissionais continuam na invisibilidade. Entretanto, contribuem diariamente para a conquista de novos espaços no mercado de trabalho e para a manutenção dos já conquistados. A todas minha gratidão e um poema da Cora Coralina (1997).

Mulher Luta

Eu sou aquela mulher
a quem o tempo muito ensinou.

Ensinou a amar a vida
e não desistir da luta,
recomeçar na derrota,
renunciar a palavras
e pensamentos negativos.

Acreditar nos valores humanos
e ser otimista.

Creio numa força imanente
que vai ligando a família humana
numa corrente luminosa
de fraternidade universal.

Creio na solidariedade humana.

Creio na superação dos erros
e angústias do presente.

Acredito nos moços.

Exalto sua confiança,
generosidade e idealismo.

Creio nos milagres da ciência
e na descoberta de uma profilaxia
futura dos erros e violências do presente.

Aprendi que mais vale lutar
Do que recolher dinheiro fácil.
Antes acreditar do que duvidar.

(Cora Coralina, 1997)

REFERÊNCIAS

- ALEXANDRINO, V. A. **A mulher no jornalismo esportivo**: Análise da participação feminina no telejornalismo brasileiro. 2011. 64 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo), Faculdade Cristo Rei, Cornélio Procópio, 2011.
- ALVES, Branca Moreira. **Ideologia e feminismo**: a luta pelo voto no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1980.
- BARBAT, A. L. M. **A participação feminina no radiojornalismo esportivo de Santa Maria**. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social – Jornalismo) – Centro Universitário Franciscano, Santa Maria, 2010.
- BARBEIRO, Heródoto; RANGEL, Patrícia. **Manual do jornalismo esportivo**. São Paulo: Contexto, 2006.
- BARBI, Priscila. **Sua experiência no rádio esportivo catarinense**. [Entrevista concedida a] Ediane Mattos
- BARBOSA, Camila Rodrigues. **Mulher no radiojornalismo esportivo de Palmas (TO)**: um estudo sobre a atuação feminina na área. 2014. 69f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social – Jornalismo) – Universidade Federal do Tocantins, Palmas, 2014.
- BARBOSA, Marialva. **História da Comunicação no Brasil**. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.
- BARBOSA, Marialva. **História Cultural da Imprensa – Brasil 1800-1900**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.
- BARBOSA, Marialva. A história social da imprensa no Brasil 1800- 1900. In.: **Encontro de Núcleos de Pesquisa da Intercom**, 7. Anais... São Paulo: Unisanta/Unisantos/Unimonte, Intercom, 2007. Disponível em <
<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0085-3.pdf> > Acesso em: 10 de out. de 2017.
- BARROS, Marcela Cunha. **A voz no radiojornalismo**: história, técnica e construção de credibilidade. 2011. 108f. Monografia (Graduação em Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo. Universidade de Brasília - UnB. 2011
- BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**. Obras escolhidas. vol. 1. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BESSA, Mariana Forbes. **O aspecto vocal no rádio jornalismo**. Tese [Licenciatura] Comunicação Social, do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, da Universidade Nova de Lisboa. 2003/2004.

BITTENCOURT, Fábio. **A metralhadora do Rádio**. Disponível em <http://www.terra.com.br/istoegente/48/testemunha/index.htm> Acessado em 30 de out de 2017.

BONI, V. QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. In.: **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC** Vol. 2 nº 1 (3), janeiro-julho/2005, p. 68-80.

BORGES, Elaine. Mulheres e Jornalismo. In.: BALDESSAR, Maria José; CHRISTOFOLETTI, Rogério (Orgs). **Jornalismo em Perspectiva**. Florianópolis:[s.n.], 2005. p. 131-142.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaina & FERREIRA, Marieta M. (orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006, p.183-191.

BOURDIEU, Pierre; KUHNER, Maria Helena. **A dominação masculina**. 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BRASIL. **Decreto Lei nº 3.199/41**, de 14 de abril de 1941 – Estabelece as Bases de Organização dos Desportos em todo o país. Diário Oficial da União. s.n. Seção 1, 1941.

BRASIL. **Deliberação CND nº 7/65**, de 2 de setembro de 1965 – Baixa instruções às Entidades Desportivas do país sobre a prática de desportos pelas mulheres. Diário Oficial da União. p. 33, Seção 1. 1965

BRASIL. **Deliberação CND nº 10/79**, de 31 de dezembro de 1979 – Baixa instruções a entidades desportivas do país para a prática de desportos pelas mulheres. Diário Oficial da União. p. 92, Seção 1. 1979

BRAVO, D. V. T. **Elas assumiram o comando. As mulheres jornalistas no mundo do telejornalismo esportivo**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social – Jornalismo) – Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais, 2009.

BÚRIGO, Pity, **Sua experiência no rádio esportivo catarinense**. [Entrevista concedida a] Ediane Mattos

CALABRE, Lia. A era do rádio - memória e história. In.: Simpósio Nacional de História. 12, João Pessoa, 2003. Anais... João Pessoa: ANPUH. Disponível em: <https://anais.anpuh.org/?p=16227> Acesso em 26 de set de 2017.

CALABRE, Lia. **A participação do rádio no cotidiano da sociedade brasileira (1923-1960)**. Fundação Casa de Rui Barbosa. Rio de Janeiro, s.d. Disponível em www.casaruibarbosa.gov.br/lia_calabre/main_participacao.html Acesso em: 15 de out. de 2017.

CAMPEZ, Danielle Martins. **Boletins informativos inseridos na programação esportiva da rádio Itatiaia : a mulher no jornalismo esportivo**. 2016. 24 f. Monografia (Graduação em Comunicação Social - Jornalismo) – Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2016

CAMPOS, Laira Ferreira de. Entrevista e construção de significados na TVE/RS: o programa primeira pessoa. **Revista Uninter de Comunicação**. Curitiba. vol. 3, n.5, p. 06-20, jul/dez 2015.

CASADEI, Elisa Bachega. A inserção das mulheres no jornalismo e a imprensa alternativa: primeiras experiências do final do século XIX. **Alterjor: Jornalismo Popular e Alternativo**, São Paulo, v. 1, n. 3, não paginado, jan./jun. 2011. Disponível em: Disponível em: http://www.usp.br/alterjor/ojs/index.php/alterjor/article/view/aj3-d3/pdf_41 Acesso em: 28 jan. 2019.

CAVALLIERI, Viviane. **Sua experiência no rádio esportivo catarinense**. [Entrevista concedida a] Ediane Mattos

CASÉ, Rafael Orazem. **Programa Casé: o rádio começou aqui**. Rio de Janeiro: Mauad, 1995; 2. ed. revista e ampliada, 2012.

CELLARD, A. A análise documental. In: POUPART, Jean et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2008 (Coleção Sociologia).

CÉSAR, Cyro. **Como falar em rádio: prática de locução AM e FM**. São Paulo: Summus, 2009.

CÉSAR, Cyro. **Rádio: a mídia da emoção**. São Paulo: Summus, 2005.

COMASSETTO, Leandro Ramires. Da política ao negócio: a mutação do rádio no Oeste catarinense. In.: **IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom**, NP 06 – Rádio e Mídia Sonora, Porto Alegre, 2004

CORA CORALINA, **Vintém de cobre: meias confissões de Aninha**. 6ª ed., São Paulo: Global Editora, 1997, p.145.

CORAZZA, Carolina. **Sua experiência no rádio esportivo catarinense**. [Entrevista concedida a] Ediane Mattos

DA LUZ, Laura Becker. **Em busca de espaço: mulheres no jornalismo esportivo em rádio e televisão**. 2015. 66 p. Trabalho de Conclusão de Curso [Graduação em Comunicação - Jornalismo]. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

DAUDT, Rita. **Entrevista** concedida a Ediane Mattos. Porto Alegre, 7 nov. 2017. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice "6" desta dissertação]

DAVIDSON, E. Jane. *Evaluation methodology basics*. Thousand Oaks: Sage, 2005.

DE MARCO, Benhur. **O Controle da Mídia: Elites e a radiodifusão em Santa Catarina**. 1991, 140 f. Dissertação [Mestrado] Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da UFSC, Florianópolis, 1991.

DEL BIANCO, Nélia. R; MOREIRA, Sonia Virgínia. **Rádio no Brasil: tendências e perspectivas**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999

DENZIN, Norman Kent. (1989), *The Research Act*, Englewood Cliffs, N. J., Prentice Hall.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **Introduction**: The discipline and practice of qualitative research. In: _____; _____ (Eds.). The Sage Handbook of qualitative research. 4. ed. Thousand Oaks: Sage, 2005. p. 1 – 32.

DIAS, Emerson; LIMA, Carlos Guilherme. Da emoção à descrição - a história da narração esportiva no rádio. In.: **VIII Encontro Nacional de História da Mídia**. Unicentro. Guarapuava, 2011.

FARIAS, Amanda. **Sua experiência no rádio esportivo catarinense**. [Entrevista concedida a] Ediane Mattos

FARIAS, Cláudia Maria de. Conquista da cidadania pela mulher no espaço esportivo brasileiro: esboço histórico. **Revista Transdisciplinar Logos e Veritas**, Vol. 01, nº 02, 2014, pp. 25-32. Disponível em: http://revistalogoseveritas.inf.br/lev/wp-content/uploads/2014/03/Vol-01-no-02_03_Conquista-da-cidadania-pela-mulher-no-espaco-esportivo-brasileiro_esbocohistorico.pdf

FAVERI, M. **Personagens à beira de um porto**: mulheres de Itajaí. In: MORGA, Antônio Emílio. História das mulheres de Santa Catarina. Florianópolis: Letras Contemporâneas; Chapecó: Argos, 2001. p.15.

FERRARETO, Luiz Artur. **Rádio no Rio Grande do Sul (anos 20, 30 e 40)**: dos pioneiros às emissoras comerciais. Canoas: ULBRA, 2002

FERRARETO, Luiz Artur. **Rádio**: o veículo, a história e a técnica. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2000.

FIGUEIREDO, Maria Pérola Cardoso. **Ponto de vista**: Amauri Castro compõe e canta a memória de Imbituba. 2012. 106 f. Trabalho de Conclusão de Curso. Florianópolis. UFSC. Florianópolis, 2012.

FRASER, M. T. D; GONDIM, S. M. G. Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. In.: **Paidéia**, 2004, 14 (28), 139-152. Acesso em: 16 jun 2018. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/paideia/v14n28/04>>

FREIRE, Rafael de Luna. Críticas de cinema mulheres na primeira metade do século XX: Apontamentos para uma História ou Zenaide, Rachel e Sylvia. In: **VI Cocal e II Cocaf**. Anais[...] Rio de Janeiro: UFF. 2018

FROZZA, Anelise. **A Presença da Mulher na cobertura de Futebol da RBS TV**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009. 67p.

GALARÇA, Sandro Lauri da Silva. **Jornalismo Esportivo no Vale do Itajaí**: o perfil dos comunicadores da região. In.: IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul. Guarapuava, 2008.

GHELLER, Laura. **Reportagem de campo no rádio e na TV**. 2012. 16 f. Especialização em Jornalismo Esportivo. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, Porto Alegre, 2012.

GHELLER, Laura. et al. Jornadas Esportivas 2009: Transmissões Ao Vivo da Rádio Universidade – 800 AM. In.: **XVII Prêmio Expocom 2010** – Exposição da Pesquisa Experimental em Comunicação - Universidade de Caxias do Sul - UCS. Caxias do Sul, 2010.

GHELLER, Laura. **Reportagem de campo no rádio e na TV**. 2012. 16 f. Especialização em Jornalismo Esportivo. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, Porto Alegre, 2012.

GRUPO RBS. **CBN Diário revive grandes momentos de sua história ao completar 20 anos nesta segunda-feira (11)**. Portal Grupo RBS. 2016. Disponível em <http://www.gruporbs.com.br/noticias/2016/04/08/cbn-diario-revive-grandes-momentos-de-sua-historia-ao-completar-20-anos-nesta-segunda-feira-11/> Acesso em 07 dez 2018.

GUERRA, Márcio. O. **Rádio X TV: o jogo da narração**. A imaginação entra em campo e seduz o torcedor. Juiz de Fora: Juizforana, 2012.

GUERRA, Márcio. **Rádio e tv: o jogo da narração** - A imaginação entra em campo e seduz o torcedor. In.: Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação Universidade Federal de Juiz de Fora / UFJF, Juiz de Fora. Vol.1, nº1, Jun 2007.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. **Revista Pensar a Prática** 8/1, Jan./Jun. 2005. p. 85-100

GOELLNER, Silvana Vilodre. Esporte moderno: memória e história. In.: **Revista Lecturas: Educación Física y Deportes**. Buenos Aires - Año 10 - N° 77, Outubro de 2004. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd77/esporte.htm> Acesso em 20 de Agosto de 2016.

GONÇALVES, M. C. A.; CAMARGO, V. R. T. A memória da imprensa esportiva no Brasil: a história (re)contada através da literatura. In.: **Encontro de Núcleos de Pesquisa da Intercom**, 5, NP Comunicação e Esporte, 2005. Anais... Rio de Janeiro: UERJ, Intercom, 2005. Disponível em < <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/r1815-2.pdf> > Acesso em: 10 de out. de 2017.

GONÇALVES, J.; ZUCULOTO, V. Registros históricos para pensar um rádio esportivo pós-industrial. In.: **Encontro Nacional de História da Mídia**, 10, GT História da Mídia Sonora, 2015. Anais... Porto Alegre: UFRGS, Alcar, 2015. Disponível em < <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/10o-encontro-2015> >

HOHLFELDT, Antônio. Torcendo pelo Torcedor. Prefácio. In: PRATA, Nair.; SANTOS, Maria Cláudia (org). Enciclopédia do Rádio Esportivo Brasileiro. V. 1. Florianópolis: Insular, 2012.

TYBEL, D. Introdução a Seguridade Social. Prefácio. In: PASSOS, R.; CHAVES, J. **Introdução ao Direito previdenciário**. 2ª. ed. São Paulo: Adventure, v. I, 1998. Cap. 5, p. 16-17.

JESUS, Gilmar Mascarenhas de. Futebol, globalização e identidade local no Brasil. In.: **Revista Digital**. Buenos Aires, Año 8, nº 57. Fev. de 2003

KARAWEJCZYK, Mônica. **As filhas de Eva querem votar**. Dos primórdios da questão à conquista do sufrágio feminino no Brasil (c.1850-1932). 2013. 398 f. Tese [Doutorado em História] Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

LAGE, Nilson. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LESSA, Patrícia; VOTRE, Sebastião Josué. Carteira Rosa: a tecnofabricação dos corpos sexuados nos testes de feminilidade na Olimpíada de 1968 . **Revista Brasileira Ciência Esporte**. Florianópolis, v. 35, n. 2, p. 263-279, abr./jun. 2013

LICKFELD, Wieland. **Chapecó**: "Rádio Chapecó - a pioneira do oeste catarinense". Notas à história do Meio Oeste e Oeste Catarinense, e região do Contestado. 2014. Disponível em <http://wielandlickfeld.blogspot.com/2014/07/chapeco-radio-chapeco-pioneira-do-oeste.html> Acesso em 11 nov 2017

LIIDTKE, Daniel. **Experiência de salto alto**. Observatório da Imprensa. Ed. 1045, 2003. Disponível em: <http://observatoriodaimpresa.com.br/primeiras-edicoes/experincia-de-salto-alto/> Acesso em: 19 fev. 2019

LINHARES, Juciele. **Sua experiência no rádio esportivo catarinense**. [Entrevista concedida a] Ediane Mattos

LIVRAMENTO, Miguel. **As mulheres no rádio esportivo catarinense**. [Entrevista concedida a] Ediane Mattos

LIZ, Fabiana de. **Sua experiência no rádio esportivo catarinense**. [Entrevista concedida a] Ediane Mattos

LUZ, Rogério Silva. **Futebol e política: um estudo do clientelismo político em Florianópolis-SC (1946 a 1964)**. 2000. 102 f. Dissertação [Mestrado] - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Florianópolis, 2000.

MACHADO, Aldonei. **A cidade no Dial** - Florianópolis nas ondas médias e curtas do Rádio.(Décadas de 40 e 50). 1996. 145f. Dissertação [Mestrado em História]. Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Florianópolis. 1999

MALAGOLI, Simone. **Sua experiência no rádio esportivo catarinense**. [Entrevista concedida a] Ediane Mattos

MALAVOLTA, Danuta. **Sua experiência no rádio esportivo catarinense**. [Entrevista concedida a] Ediane Mattos

MARINI, Eduardo. Alto-astral em duas vozes. Portal Isto É. 2005. Disponível em: https://istoe.com.br/6846_ALTO+ASTRAL+EM+DUAS+VOZES/ Acesso em: 01 mar de 2018

MARTINS, Aretha. **Pioneiras do jornalismo lembram preconceito, boicote e xaveco de boleiros**. Portal IG. São paulo, 2013. Disponível em:

<http://esporte.ig.com.br/futebol/2013-12-01/pioneiras-do-jornalismo-lembram-preconceito-boicote-e-xaveco-de-boleiros.html> Acesso em 10 abril. 2017.

MASSARANI, Luisa. **A divulgação científica no Rio de Janeiro**, algumas reflexões sobre a década de 20. Dissertação [Mestrado em Ciência da Informação]. Instituto Brasileiro de Informação em C&T (IBICT) e Escola de Comunicação/UFRJ, 1998.

MATTOS, S. **O resgate da memória e a construção da história da televisão no Brasil**. In MOREIRA, S. V, BRAGANÇA, A. (orgs). Comunicação, acontecimento e memória. São Paulo: Intercom, 2005.

MEDEIROS, Ricardo; VIEIRA, Lúcia Helena. **História do rádio em Santa Catarina**. Florianópolis: Insular, 1999.

MEDEIROS, Armando Luiz. **João Medeiros Júnior** – Figura do Passado. In.: Blumenau em Cadernos, Blumenau, abril de 1996 , p.117.

MEDITSCH, Eduardo. A nova era do rádio: o discurso do radiojornalismo enquanto produto intelectual eletrônico. Santos. In.: **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 10., 1997. Anais... Disponível em:
<http://www.bocc.ubi.pt/pag/meditsch-eduardo-discurso-radiojornalismo.html> Acesso em 13 out de 2018.

MEDITSCH, E. A nova era do rádio: O discurso do radiojornalismo como produto intelectual eletrônico. In DEL BIANCO, N e MOREIRA, S. V. (Orgs) **Rádio no Brasil: tendências e perspectivas**. Rio de Janeiro: EdUERJ; Brasília , D.F. :UnB, 1999. p. 109 – 130.

MELO, Maycon H. F. **Narrativas de futebol: etnografias da mídia no Avaí FC**. 2012. 206f. Dissertação [Mestrado] em Antropologia Social. Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Florianópolis, 2012.

MELO, Victor Andrade de. “Das touradas às corridas de cavalo e regatas: primeiros momentos da configuração do campo esportivo no Brasil”, In: PRIORE, Mary del; MELO, Victor Andrade de. **História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais**, São Paulo, Editora da UNESP, 2009, p. 35-70.

MELLO, Adriana. **Sua experiência no rádio esportivo catarinense**. [Entrevista concedida a] Ediane Mattos

MENDES, Jairo Faria. (1999). **Transmissão esportiva e o espetáculo do rádio**. Observatório da Imprensa em 20/04/99. Disponível em:
<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/jd200499.htm>. Acesso em: 02 fev de 2018

MENEGUEL, Yvone P.; OLIVEIRA, Oseias de. **O rádio no Brasil: do surgimento à década de 1940 e a primeira emissora de rádio em Guarapuava**. s/d. Disponível em:
<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/713-4.pdf>. Acesso em: 07 ago de 2018.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual da história oral**. Loyola, 2000.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, F. **História oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2007.

MESSIAS, Crislaine. Futebol o ópio do povo. UNAERP. Disponível em: <
<http://www9.unaerp.br/comunicacao/projeto-reporter/85-futebol-o-opio-do-povo-brasileiro1> >
Acesso em: 26 de out. de 2017

MICK, Jacques; LIMA, Samuel Pantoja. **Perfil do jornalista brasileiro**: características demográficas, políticas e do trabalho jornalístico em 2012. Florianópolis: Insular, 2013.

MONTEIRO, Emmanuel Grubisich. A contribuição radiofônica na carreira do locutor futebolístico televisivo. In.: **Encontro Nacional De Pesquisadores Em Jornalismo**, 5, 2007, Sergipe. Anais... Sergipe: SBPJor. 2007. Disponível em: <
http://www.unifra.br/professores/viviane/narracao_sbpjor.pdf > Acesso em: 30 de set. de 2017

MORAES, Carolina Farias. BONFIM, Aira Fernandes. Mulher no Futebol no campo e nas arquibancadas. **Anais do V Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades**. 2017, v.1, s/n.

MOREIRA, Sônia Virgínia. **O Rádio no Brasil**. Rio de Janeiro: Rio Fundo. 1991.

MOREIRA, Sônia Virgínia. **Rádio em transição**: tecnologias e leis nos Estados Unidos e no Brasil. Rio de Janeiro: Mil Palavras, 2002.

MOREIRA, Sônia Virgínia. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005. p. 269-279

MOREIRA, Sônia Virgínia. Análise Documental como método e como crítica. In. DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (orgs.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005, cap. 17, p. 269-279.

MUSTAFÁ, Izani. As mulheres na Rádio Difusora AM de Joinville (1941- 1961). In.: KLÖCKNER, L. e PRATA, N. (Orgs.) **Mídia sonora em 4 dimensões**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011, cap. 3, p. 215-228.

MUSTAFÁ, Izani. **Alô, alô, Joinville!** Está no ar a rádio difusora! A radiodifusão em Joinville/SC (1941-1961). Joinville: Casamarca, 2009.

MUSTAFÁ, Izani. **Alô, Alô, Joinville!** Está no ar a Rádio Difusora. 1ª ed. Joinville: Ed. Casamarca Ecodesing, 2009.

MUZART, Zahidé Lupinacci. “Uma espiada na imprensa das mulheres no século XIX”. **Estudos Feministas**, volume 11, número 01, Florianópolis, 2003.

NEGRINI, Michele; et al. A Mulher e o esporte: uma análise da credibilidade das apresentadoras do Jornal Nacional na Apresentação de notícias esportivas. **Revista Panorama**. Goiânia, v. 8, n. 2, p. 34-40, jul./dez. 2018

NUNES, Paulo de Tarso. “**Se a Clube não deu, é porque não aconteceu**”: Rádio Clube de Lages, comunicação e poder político na Região Serrana de Santa Catarina. 2001. 227 f.

Dissertação [Mestrado] Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, Florianópolis, 2001.

OLIVEIRA, A. N.; OLIVEIRA, N. L. **A mulher no jornalismo esportivo**. Revista Observatório, Palmas, v. 3, n. 5, p. 402-424, ago/2017.

OLIVEIRA, Denis Luciano Soares. **O dia em que a “Difa” se calou**: a extinção da mais popular rádio AM de Criciúma. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso. Criciúma. Faculdade Satc, Criciúma, 2011.

OLIVEIRA, Gilberto. CHEREM, Eduardo H.L., TUBINO Manoel J.G. **A inserção histórica da mulher no esporte**. Revista Brasileira Ciência e Movimento. 2008; 16(2): 117-125.

ORTRIWANO, Gisele S. **A informação no rádio**: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos. 3.ed. São paulo: Summus, 1985.

PACHECO, Diego. **O vermelho das rosas**. Cultura política e trabalhismos em Santa Catarina na segunda metade do século XX. 2018. 191f. Tese [Doutorado em História Cultural]. Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Florianópolis, 2018.

PASQUALINI, Maria Elisa. **Os arranjadores da Rádio Record de São Paulo, 1928 a 1965**. Revista Brasileira de Música. Rio de Janeiro, v. 25, n. 1, p. 185-208, Jan./Jun. 2012

PATTON, M. Q. **Qualitative research and evaluation methods**. 3.ed. Thousand Oaks: Sage, 2002.

PENTEADO, Regina Zanella. A Voz nas Locuções Publicitárias: possibilidades de interpretação e representação. **Revista Impulso**. São Paulo, v. 10, n. 22/23. 1998. Disponível em http://www.unimep.br/phpg/editora/revistaspdf/imp22_23art05.pdf. Acesso em 19 jan de 2019

PEREIRA, Antônio Carlos “Bolinha”. As rádios e suas histórias. **Revista Êxito**, 2012 Out/Nov.: 70. Disponível em: http://2.bp.blogspot.com/-zFKMoJpkGhs/VZreJisrbFI/AAAAAAAAAC_Y/s8fRiA7rEcU/s1600/52%2B%257D%2BACP%2BExito%2BAs%2BR%25C3%25A1dios.jpg Acesso em: 23 mai 2018.

PIRES, Luciana Balduino; Reis Luiz. Documentário: mulheres no jornalismo esportivo do DF. **Anais do 13 Simpósio de TCC e 6 Seminário de IC da Faculdade ICESP**. 2018(13); 2196-2210

PISANI, Mariane da Silva. 2012. UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. **Poderosas do Foz**: trajetórias, migrações e profissionalização de mulheres que praticam futebol. Dissertação [mestrado] - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós Graduação em Antropologia Social.

PISANI, Mariane da Silva. **Futebol feminino**: espaço de empoderamento para mulheres das periferias de São Paulo. Ponto Urbe [Online], 14 | 2014, posto online no dia 30 julho 2014,

consultado no dia 28 maio 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/1621> ; DOI : 10.4000/pontourbe.1621

PRADO, Dandara. RODRIGUES, Gustavo. ALMEIDA, Juliana. O papel da mulher no telejornalismo esportivo em Sergipe. In.: **XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste**: Fortaleza; 2017.

PRATA, Nair; MEDEIROS, R. L. . **Panorama do Rádio em Florianópolis**. In: Nair Prata. (Org.). **Panorama do Rádio no Brasil**. 01ed. Florianópolis: Insular, 2011, v. 01, p. 187-210.

PROVENZANO, B; SANTUÁRIO, M. E. A participação das mulheres no radiojornalismo esportivo no Rio Grande do Sul. In: **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 32, 2009, Curitiba. Anais...Curitiba: Centro Universitário Feevale. 2009.

RÁDIO ELDORADO. Nasce o rádio de Criciúma na Eldorado. [20-?]. Disponível em <http://www.am570.com.br/anos40.php> Acesso em 09 de mar de 2019

RÁDIO TUBÁ. **A rádio**. [entre 2000 e 2019)]. Disponível em: <http://www.radiotuba.com.br/a-radio> Acesso em 19 fev. 2019.

RAMOS, Sergio da Costa. **Os civis precisam voltar aos quartéis** - crônicas. Florianópolis: Editora da UFSC, 1986.

REIS, Clóvis. BAMBINETTI, Gabriela. A história dos anos dourados do rádio em Blumenau. In.: **VI Encontro Nacional de História da Mídia - Alcar**. Niterói, 2008.

RIBEIRO, José Hamilton. **Jornalistas: 1937 a 1997**: história da imprensa de São Paulo vista pelos que batalham laudas (terminais), câmeras e microfones. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1998

RIGHI, A. F. **As donas da bola - Inserção e atuação das mulheres no jornalismo esportivo televisivo**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social – Jornalismo) – Centro Universitário Franciscano, Santa Maria, 2006.

RITTER, Regiane. **Incansável sonhadora**. Portal Imprensa, Perfil. 11 ed., mai. de 2014. Entrevista concedida a Jéssica Oliveira. 2014, p. 54-58 .

ROCHA FILHO, Caldo Antônio Barbosa. **Som e ação na narração de futebol do Brasil**. 1997. 275 f. Tese [Doutorado] Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. 1997.

ROCHA, Paula Melani. **As mulheres Jornalistas no Estado de São Paulo**: processo de profissionalização e Feminização da Carreira. Doutorado. Universidade Federal de São Carlos, 2004 Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/rocha> Acesso em 16 de Maio de 2019.

SANTOS, Daniela de Freitas dos. **A participação feminina no radiojornalismo esportivo de Passo Fundo**. Monografia, Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2013, 53p.

Disponível em:

http://repositorio.upf.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/288/PF2013Daniele_de_Freitas_d

os%20_Santos.pdf?sequence=1. Acesso em 03 de fevereiro de 2016.

SAROLDI, Luiz Carlos. MOREIRA, Sonia Virgínia. **Rádio Nacional: o Brasil em sintonia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005

SAVIATO, DOUGLAS. Difusora: hoje ela completaria 50 anos. 2012. Disponível em: <http://www.engeplus.com.br/noticia/geral/2012/difusora-hoje-ela-completaria-50-anos/> Acesso em: 28 mai 2018.

SCHINNER, Carlos Fernando. **Manual dos locutores esportivos: como narrar futebol e outros esportes no rádio e na televisão**. São Paulo: Panda, 2004.

SCHWEDER, Tamara Carolina; SILVA, Eumar Francisco. **O desafio de décadas continua: uma análise sobre a atuação feminina no radijornalismo de Blumenau**. In.: Comunicação - reflexões, experiências, ensino. Curitiba, v. 14, n.1, 2018, p. 029-044

SEARA, Maria. **Sua experiência no rádio esportivo catarinense**. [Entrevista concedida a] Ediane Mattos

SECCHINI, Letícia. **Sua experiência no rádio esportivo catarinense**. [Entrevista concedida a] Ediane Mattos

SEVERO, Antunes. **Rádio Diário da Manhã: fazendo história desde 30 de janeiro de 1955**. Caros Ouvintes. Florianópolis, 2014. Disponível em: <http://www2.carosouvintes.org.br/radio-diario-da-manha-desde-30-jan-1955/> Acesso em: 7 jan de 2017.

SEVERO, Antunes. **Evelásio Vieira, um visionário que sabia o que queria e como fazer**. Caros Ouvintes. Florianópolis, 2014. Disponível em <http://www2.carosouvintes.org.br/evelasio-vieira-um-visionario-que-sabia-o-que-queria-e-como-fazer/> Acesso em 20 set de 2018

SEVERO, Antunes. GOMES, Marco Aurélio. **Memória da radiodifusão catarinense**. Florianópolis: Insular, 2009

SEVERO, Antunes. **As pioneiras: Rádio Eldorado de Criciúma**. Caros Ouvintes. Florianópolis, 2005. Disponível em <http://www2.carosouvintes.org.br/as-pioneiras-radio-eldorado-de-criciuma/> Acesso em 05 abril 2018.

SILVA, Luana Beatriz da. WEIGELT, Diego. **A Mulher no Radijornalismo Gaúcho: Uma Análise das Rádios Bandeirantes, Gaúcha e Guaíba**. In.: **XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul**: Cascavel; 2018.

SILVA, Marjorry Calumby Gomes da. **Rede de comunicação Eldorado: conexões entre política e poder no sul de Santa Catarina**. 2018. 126 f. Dissertação [Mestrado] Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Socioeconômico da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. Criciúma, 2018.

SOARES, Edileuza. **A bola no ar: o rádio esportivo em São Paulo**. São Paulo: Summus, 1994.

SOARES, Bento. **Vendo o jogo pelo rádio: memórias da imprensa esportiva brasileira**. João Pessoa: Idéia, 2006. 473 p.

SOARES, Silnei Scharten. **A história do rádio catarinense pela voz de seus pioneiros**. 2012. Disponível em < <http://www.unicentro.br/rbhm/ed02/resenhas/02.pdf> > Acessado em: 18 de set de 2017.

SOUZA, Marcel Oliveira de. **A voz do progresso: música e modernização nas ondas da rádio Clube de Lages - SC**. 2012. 103 f. Dissertação [Mestrado] Programa de Pós-Graduação em Música do Centro de Artes da Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC. Florianópolis, 2012.

SOUZA, Walter. **As mulheres no rádio esportivo catarinense**. [Entrevista concedida a] Ediane Mattos

STUMPF, I. R. C. In DUARTE, J.; BARROS, A. (Orgs). **Métodos e técnica de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

TAVARES, R. C. **Histórias que o rádio não contou**. 2 ed. São Paulo: Habra, 1999.

TEDESCHI, L. A. **O fazer histórico e a invisibilidade da mulher**. In.: OPSIS, vol. 7, nº 9, jul-dez 2007. Disponível em: < file:///C:/Users/Usuario/Downloads/9347-35964-1-PB.pdf > Acessado em: 14 de out de 2017.

TELLES, José Bonifácio. **As mulheres no rádio esportivo catarinense**. [Entrevista concedida a] Ediane Mattos

THOMPSON, P. R. **A voz do passado: História Oral**. São Paulo: Paz e Terra, 1991.

TISCOSKI, Giselle. **Sua experiência no rádio esportivo catarinense**. [Entrevista concedida a] Ediane Mattos

TUDO RÁDIO. **Transamérica Hits chega como Itapoá, mas estará presente em Joinville**. 2011. Disponível em: <https://tudoradio.com/noticias/ver/5691-transamerica-hits-chega-como-itapoa-mas-estara-presente-em-joinville> Acesso em 15 mai de 2018

VEIGA, Michelle. **Sua experiência no rádio esportivo catarinense**. [Entrevista concedida a] Ediane Mattos

VITALI, Marli Paulina. A política, o conservadorismo e as lutas da esquerda presentes no movimento estudantil secundarista de Criciúma. In.: **IV Seminário de Ciências Sociais Aplicadas**.UNESC, Criciúma; 2014.

VASCONCELOS, Nayara Maria. RUBBO, Daniella. a mulher jornalista na editoria de esportes. In.: **XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Curitiba. 2009.

WEISS, C. H. **Evaluation**. 2.ed. Upper Saddle River: Prentice-Hall, 1998.

ZAMPOLLI, Fernanda. **Sua experiência no rádio esportivo catarinense**. [Entrevista concedida a] Ediane Mattos

ZAPPELLINI, M. B.; FEUERSCHÜTTE, S. G. **O uso da triangulação na pesquisa científica brasileira em Administração**. Revista Administração: ensino e pesquisa. Rio de Janeiro v. 16 Nº 2 p. 241–273 Abr-Mai-Jun, 2015.

ZUCULOTO, V. **No ar**: a história da notícia de rádio no Brasil. Florianópolis: Insular, Ed. da UFSC, 2012